



**Ana Paula de Oliveira  
Rendeiro**

**MENINA E MÃE: reconstrução do lugar  
social de jovens mães numa  
investigação participativa**



**Ana Paula de Oliveira  
Rendeiro**

**MENINA E MÃE: reconstrução do lugar  
social de jovens mães numa  
investigação participativa**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Aos meus pais, por tudo o que me ensinaram.  
Aos meus filhos, por tudo o que espero que aprendam.

**o júri**  
presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira,  
Professora Auxíliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor António Maria Martins,  
Professor Auxíliar Aposentado da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves,  
Professora Auxíliar da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

Agradeço a todos quantos me apoiaram na concretização do mestrado. Agradeço, particularmente, ao meu marido e aos meus filhos a paciência que tiveram para comigo ao longo de todo o percurso.

Agradeço, também, à minha orientadora, PROFESSORA Manuela Gonçalves, pela dedicação e carinho, pelas palavras de alento e pelos reparos sempre pertinentes.

Agradeço, ainda, à Santa Casa da Misericórdia da Murtosa, na pessoa do seu Provedor, pelo apoio prestado graciosamente.

E agradeço às jovens que aceitaram participar nesta investigação – sem elas não teria sido possível.

A todos o meu bem-haja!

**palavras-chave**

Mãe adolescente, juventude, exclusão social, reprodução social.

**resumo**

A maternidade na adolescência é um fenómeno que continua a ter expressão na sociedade actual.

As jovens que se encontram nesta situação são, maioritariamente, oriundas das classes populares, de meios sociais onde, frequentemente, coexistem fatores de exclusão como a insuficiência económica, a baixa escolarização, o emprego precário/desemprego, a violência doméstica.

O presente trabalho, construído através de uma investigação participativa com três jovens que experimentaram a maternidade quando eram adolescentes, pretende contribuir para a reconstrução do seu lugar social. Para tal, procedeu-se à escuta das suas vozes e à construção dos seus testemunhos, direccionadas para a oportunidade de se fazerem ouvir na comunidade.

**keywords**

Teenage mother, youth, social exclusion, social reproduction.

**abstract**

Teenage motherhood is a current phenomenon that still has significance, in contemporary societies. Teenage girls, who are facing this situation, are mostly from popular classes, from social environments where often coexist factors (of exclusion) such as economic insufficiency, lower education, precarious employment/unemployment and domestic violence.

This project, built throughout a participative-research work with three young girls, who have gone through motherhood when teenagers, intends to contribute to the reconstruction of their social place. In order to achieve this purpose, one has proceeded to the listening of their voices and to the construction of their testimonies, aiming the opportunity to be heard in the community.

# Índice

Introdução	1
Capítulo I - Revisão Bibliográfica	3
1. Adolescência e juventude: diferentes perspectivas	3
1.1. A juventude como condição social entre a infância e a idade adulta	5
1.2. A adolescência enquanto período do desenvolvimento humano	8
1.3. O adolescente e a família	11
2. Gravidez e maternidade precoces	17
2.1. A vivência da sexualidade	17
2.2. Diferenças de gênero: tradição vs modernidade	20
2.3. Gravidez e maternidade	22
2.4. Adolescente e mãe: duplicidade de papéis	26
Capítulo II – Metodologia	35
1. Problema e objetivos	35
2. Abordagem metodológica	36
3. Participantes	41
4. Técnicas e instrumentos de recolha de informação	42
4.1. Entrevista individual semi-estruturada	43
4.2. Técnicas participativas	44



5. Breve apresentação dos procedimentos realizados	46
5.1. Entrevistas individuais	46
5.2. Sessões de grupo	47
Capítulo III – O processo de investigação: a construção de conhecimento em direção à elaboração de um testemunho coletivo	51
1. Três jovens mães: semelhanças e dissonâncias	51
1.1. Palmira	52
1.2. Diana	54
1.3. Mafalda	55
2. Domínios em análise	57
2.1. A importância da família	57
2.2. Os pares e a vivência da sexualidade	61
2.3. A maternidade com forma de valorização social	62
3. Convergências e divergências dos resultados face à recolha bibliográfica	64
4. Menina e mãe – o testemunho	65
Conclusão	67
Bibliografia	69
Anexos	73

## **Lista de Anexos**

<b>Anexo 1:</b> Consentimentos esclarecidos	75
<b>Anexo2:</b> Guião da entrevista	79
<b>Anexo 3:</b> Diário de campo	83
<b>Anexo 4:</b> Transcrição das entrevistas	99
<b>Anexo 5:</b> Conjunto de imagens utilizadas na 1. <sup>a</sup> sessão de grupo	125
<b>Anexo 6:</b> Testemunhos (DVD)	137

# Introdução

Não há como negar que a maternidade precoce é um problema social que, frequentemente, incrementa e agudiza as situações de exclusão social – há uma causalidade expressiva entre maternidade precoce e pobreza, ou o risco dela.

A verdade é que a maternidade precoce assume particular expressão nas classes populares e em zonas socialmente carenciadas, a que se alia o facto de, normalmente, conduzir ao abandono escolar. Esta situação acaba por condicionar negativamente o acesso das mães adolescentes a uma formação académica adequada, o que, no futuro, as condenará a depender de empregos mal remunerados e de apoios sociais, ou seja a um, muito provável, novo ciclo de pobreza.

Se bem que esta problemática possa ser contextualizada no domínio da expressão da sexualidade juvenil e até no domínio da transição para a vida adulta, através do exercício da conjugalidade e da parentalidade, não nos podemos esquecer que a maternidade precoce é, frequentemente, acompanhada pela monoparentalidade. E se a monoparentalidade pode ser uma consequência da ausência de condições económicas e habitacionais para sustentar a conjugalidade, também não é menos verdade que, em numerosas situações, ela é apenas o sinal mais visível de situações de maternidade não planeada e de desvinculação masculina.

Por força da vida profissional, temos lidado com jovens nesta condição, e diz-nos a experiência que estas jovens sofrem do preconceito da comunidade em geral, apontadas como modelos a não seguir. No entanto, raramente são auscultadas quanto ao seu próprio ponto de vista.

Este projeto surge com o objetivo de dar voz a três jovens que experienciaram a maternidade na adolescência e de, com elas, construir um testemunho que sirva de

suporte à reflexão de outras jovens, assim como da comunidade, em torno do lugar social das mães adolescentes.

O presente documento pretende refletir todo o processo participativo de construção de conhecimento que nos conduziu, a nós e às participantes, através da utilização de técnicas participativas, ao resultado último – o testemunho, o qual representa para nós um ponto de chegada, mas que esperamos que venha sobretudo a constituir-se, para outras jovens, como ponto de partida para muitas conversas e reflexões. Encontra-se dividido em cinco partes: a introdução, três capítulos e a conclusão.

Na introdução, onde nos encontramos, afluamos o tema, referimos o objetivo da investigação e apresentamos a estrutura do documento.

No primeiro capítulo, o da revisão bibliográfica, descrevemos o quadro teórico que nos serve de base, abordando a temática da juventude/adolescência da perspectiva da sociologia, mas também da psicossociologia, dando, naturalmente, particular relevo às questões da maternidade precoce e suas consequências, com recurso ao legado científico de diversos autores.

No segundo capítulo, o da metodologia, procedemos à apresentação do problema e dos objetivos que orientaram a investigação e caracterizamos a abordagem metodológica. Revelamos as participantes, expomos o paradigma sob o qual se desenrola a investigação e a metodologia que lhe associamos – a da investigação participativa, descrevemos as técnicas de que nos socorremos – a entrevista individual semi-estruturada e técnicas participativas e, finalmente, descrevemos os procedimentos realizados.

No terceiro capítulo, o da apresentação e discussão de resultados, tal como o nome indica, apresentamos os dados gerados pelo “trabalho no terreno” e procuramos analisá-los sob a perspectiva da revisão bibliográfica efetuada, descortinando consonâncias e dissonâncias entre “teoria e prática”.

Na conclusão, apresentamos uma reflexão sobre o que representou para nós todo o processo que conduziu à elaboração do presente documento – as dificuldades sentidas, as mais-valias obtidas e a esperança que a ele está subjacente.

# Capítulo I - Revisão Bibliográfica

## 1. Adolescência e juventude: diferentes perspectivas

O que é a juventude? Em que consiste a adolescência?

É amplamente reconhecido que a adolescência, a juventude, constitui um período de desenvolvimento humano.

Esta perspectiva, relativamente recente, teve origem nos trabalhos desenvolvidos por Stanley Hall e Erik Erikson.

Hall é considerado o fundador dos estudos sobre a adolescência. Para Hall, a adolescência constitui um estágio de desenvolvimento durante o qual cada pessoa experimenta, pela segunda vez, todos os estágios de desenvolvimento por que já passou até então, mas, desta feita, a um nível mais complexo. Hall considera, também, que as principais transformações psicológicas e fisiológicas, que conduzem à alteração das características dos processos cognitivos e emocionais, ocorrem durante este período (Sprinthall & Collins, 2003).

Martins (1993) postula que o trabalho de Erik Erikson, no âmbito da psicossociologia, contribuiu grandemente para a compreensão do fenômeno “juventude”, já que começou por definir “jovem” e expor esta realidade através da conjugação de três diferentes dimensões basilares – a biológica, a psicológica e a social. Segundo Martins, Erikson pretendia, assim, “definir jovem numa forma global e como realidade criada pelo confluir das três dimensões referidas as quais se conjugam numa dinâmica por vezes conflitual” (Martins, 1993: 10).

Como refere Claes, citando Tap, “é a Erikson que se deve a introdução em ciências humanas de uma reflexão sistemática sobre a identidade pessoal e social” (Tap, 1980,

p.7)” (Claes, 1985: 146). Claes afirma, ainda, que Erikson dedicou-se profundamente ao estudo da adolescência, período do desenvolvimento que ele considera particularmente importante e durante o qual ocorre a “construção da identidade do eu, período de recapitulação dos conflitos da infância e de antecipação da vida adulta” (Claes, 1985: 146).

Gonçalves (2012), refere que, da perspectiva da psicossociologia, Erikson equacionou a juventude como uma etapa “moratória” da vida, em que ocorre uma crise de identidade e ao longo da qual o indivíduo assume sucessivos papéis, numa busca de si próprio. Refere, também, que Erikson defendia que para a construção da identidade pessoal contribuam de igual modo as dimensões biológica, psicológica e social do indivíduo.

Contudo, e apesar do determinismo biológico que caracteriza a adolescência, não podemos deixar de considerar a influência das condições temporais, culturais, económicas e sociais nesse mesmo processo. Ou seja, a adolescência é, também, uma categoria social.

Martins (1993) considera que a “juventude assume-se como realidade social, quer devido às condições objectivas dos jovens que a formam, quer pelas simbologias que a ela estão ligadas e ainda à sua criação pela comunidade política, científica e jornalística, que ao objectivá-la a transmitem como realidade irreduzível” (Martins, 1993: 16).

Parafraseando Gonçalves, é aparentemente

“claro que o período correspondente à juventude tem vindo a alongar-se nas gerações mais recentes (...) mas não se trata aqui apenas de uma questão temporal. São as próprias configurações da passagem de estatuto que se encontram em alteração: o jovem tornar-se-á adulto mais tarde do que a geração dos seus pais, mas também de uma forma diferente, e os papéis sociais que vai assumindo têm igualmente um conteúdo modificado” (Gonçalves, 2012: 243-244),.

Ora, se, tal como afirma Gonçalves, nem os próprios limites temporais da categoria juventude são estáticos, é, naturalmente, difícil distinguir claramente os limites entre adolescência e juventude, quer como fase de desenvolvimento humano, quer como categoria social. Parece-nos que juventude é mais abrangente, e que a adolescência se integra dentro desta, como subfase ou subcategoria, no entanto parece-nos, também,

que as afirmações que são válidas para a juventude, são válidas para a adolescência, daí nos referirmos ora a juventude, ora a adolescência.

Em suma, neste projeto, consideramos que adolescência e juventude estão interligadas, enquanto período(s) de transição para a vida adulta, tanto no que respeita ao processo de maturação bio-psico-emotivo-intelectual, como no que respeita ao processo de crescimento e desenvolvimento social.

### **1.1. A juventude como condição social entre a infância e a idade adulta**

A adolescência ou, se quisermos, a juventude, constitui-se como uma categoria social de complexa definição.

De facto, a conceção atual de juventude, na dupla aceção de fase da vida e de categoria social e cultural, é um produto da modernidade.

Guerreiro e outros (2007) postulam que nas sociedades tradicionais não é possível definir a juventude enquanto categoria social – este conceito surgiu no século XX, em contextos urbanos modernos, no campo criado pelo alargamento dos percursos escolares, com vista à aquisição de mais e melhores competências formais, o que, conseqüentemente, trouxe consigo o adiamento da entrada na vida ativa. Desta forma, os indivíduos estão afastados do mundo do trabalho por períodos cada vez mais longos, o que os leva a depender economicamente da família, mas, ao mesmo tempo, permitindo-lhes autonomias significativas no que respeita às redes sociabilidade, identidades culturais, estilos e projetos de vida (Guerreiro *et al.*, 2007).

De acordo com Pappámikail (2010), o processo de mudança social que proporcionou que a juventude se constituísse como um grupo social abrangente na civilização ocidental teve a sua origem “na encruzilhada de movimentos como o da crescente sentimentalização da infância e posterior atribuição da condição de indivíduo à criança/adolescente/jovem, com a expansão da escola moderna (com especial destaque para os segmentos secundários e universitários do ensino) enquanto espaço de socialização, interacção e aprendizagem de uso (quase) exclusivo de indivíduos jovens”

(Pappámikail, 2010: 397). Estavam criadas as condições para a “legitimação de um tempo específico no ciclo de vida, não produtivo (do ponto de vista do capital económico), para a preparação para a vida adulta” (Pappámikail, 2010: 397).

De acordo com a mesma autora, com a evolução da nossa sociedade (ocidental), o tempo consagrado a tal preparação aumentou e democratizou-se de forma significativa – grande parte da nossa juventude é passada na escola. Assim, contribuíram para uma maior projeção social da juventude, enquanto fase da vida e categoria social, não só a introdução de características culturais e éticas no modo como se percebem os indivíduos na família e no relacionamento intergeracional, mas também a democratização do acesso ao ensino e o alargamento da escolaridade obrigatória.

Uma outra alteração introduzida pela modernidade é a associação, aos tradicionais contextos intergeracionais, de novos contextos intrageracionais, onde, entre pares, se criam domínios exclusivos, com práticas, consumos e representações próprios, como sejam os domínios da sociabilidade e lazeres juvenis.

A elevação da juventude a categoria sociocultural foi, também, condicionada pelo crescente afastamento que parece existir entre os seus aspetos simbólicos e culturais e as características específicas do desenvolvimento físico/corporal. Isto implica que “a análise de indivíduos jovens, aferindo a partir do seu estado de maturação biológica um estado psico-social correspondente, perde progressivamente sentido quando nas populações progressivamente melhor nutridas se vai antecipando, em média, o início da puberdade. Ou seja, *crece-se* mais cedo, mas *emancipa-se* cada vez mais tarde” (Pappámikail, 2010: 398).

Acompanhando o interesse crescente da psicologia no estudo da juventude, a sociologia especializou-se nessa mesma área, tendo-se deparado com a complexificação e fragmentação dos percursos de vida na atualidade, constatando a diversidade de trajetórias individuais dentro de uma mesma estrutura social. A juventude constitui, hoje, um objeto de estudo sociológico estimulante, porque se tem consciência do quanto esta fase, transitória e preparatória que antecede a emancipação social e económica, se prolonga no tempo. Este prolongamento constitui uma transformação social, dado que,



na civilização ocidental, se constata a tendência para o alargamento do período de coabitação familiar e para a retardação, assincronia e reversibilidade dos rituais de passagem que, num passado recente, possibilitavam a identificação, sem dificuldades, da passagem para a vida adulta – a estabilização profissional, a residência autónoma, a conjugalidade, a parentalidade. As causas destas alterações residem nas mudanças culturais, na universalização do acesso à escola e extensão do percurso escolar, mas também nas alterações do mercado de trabalho e nos sistemas de acesso à habitação.

Gonçalves entende

“a juventude como uma fase da vida dos indivíduos que se traduz num período intermédio entre a infância ou adolescência e o estatuto social de adulto, entendendo-se como uma fase não completamente autónoma, na medida em que se define por já não conter as características da primeira e não apresentar ainda o conjunto de condições que são próprias do segundo (Braga da Cruz e outros, 1984; Mauger, 1998). Tratar-se-á de uma fase biográfica indeterminada, não apenas em termos de estatuto, mas também no que se refere ao posicionamento social, já que o indivíduo jovem estará entre, por um lado, a posição social definida pela família de origem e pelo capital escolar que detém ou está a construir e, por outro lado, uma posição social que ainda não atingiu” (Gonçalves, 2012: 247).

Segundo Pais (1990) existem duas correntes teóricas, no âmbito da sociologia, que tentam explicar o fenómeno da juventude – a corrente geracional e a corrente classista.

A corrente geracional valoriza o fenómeno da juventude em função da continuidade e descontinuidade intergeracionais, posicionando-se em dois pólos: um dá relevância aos “aspectos de continuidade e reprodução da cultura adulta na cultura juvenil” (Pais, 1990: 154); o outro enfatiza os aspectos que implicam descontinuidade entre as várias gerações. A continuidade e a descontinuidade intergeracional revelam-se de duas maneiras. Por um lado, considerando que os jovens são socializados através de instituições sociais como a família e a escola, eles interiorizarão e reproduzirão no seu dia-a-dia as normas e valores que lhes foram transmitidos. Por outro lado, considerando que a assimilação não se efetua nem indiscriminada nem passivamente, surgirão fracionamentos culturais entre as várias gerações.

A corrente classista entende a juventude não como uma fase da vida mas como uma categoria social inscrita dentro de uma determinada classe social, analisando as culturas

juvenis à luz da “luta de classes”. Neste sentido, não é possível considerar a existência de uma única juventude, mas de múltiplas juventudes, pelo que Bourdieu considera que “*la jeunesse n’est qu’un mot*”<sup>1</sup>.

De qualquer modo, tanto numa corrente como noutra, a reprodução social assume uma importância central. Na corrente geracional, a reprodução social limita-se à análise das relações intergeracionais, ou seja “à análise da conservação ou sedimentação (ou não) das formas e conteúdos das relações entre gerações” (Pais, 1990: 157). Na corrente classista “a reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução das classes sociais” (Pais, 1990: 157).

## **1.2. A adolescência enquanto período do desenvolvimento humano**

Como já referimos, foi o trabalho de Stanley Hall e de Erik Erikson que abriu espaço para que a existência da adolescência, enquanto período específico do desenvolvimento humano, fosse reconhecida – consequentemente a adolescência, ou, mais concretamente, os adolescentes tornaram-se uma realidade concreta.

Atualmente, de modo generalizado, é aceite que a adolescência tem o seu início com as alterações provocadas pelo surgimento da puberdade, o que ocorre por volta dos 10/11 anos de idade. Mas se a definição do seu limite inferior é consideravelmente consensual, o mesmo não acontece em relação ao seu limite superior, já que o fim da adolescência ocorre quando se adquire autonomia biológica, psíquica, financeira e emocional (Brás, 2010).

Assim, o fim da adolescência varia em função do contexto familiar, económico, social e histórico em que se está inserido.

A adolescência traz consigo grandes transformações físicas. De acordo com Sprinthall e Collins (2003), a maior transformação imposta pela adolescência é a capacidade de

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. *La «jeunesse» n’est qu’un mot*. Entretien avec Anne-Marie Métaillé, paru dans *Les jeunes et le premier emploi*, Paris, Association des Ages, 1978, pp. 520-530. Repris in *Questions de sociologie*, Éditions de Minuit, 1984. Ed.1992 pp.143-154.  
(<http://www.homme-moderne.org/societe/socio/bourdieu/questions/jeuness.html>)

reprodução ou de maturidade sexual. Contudo, as mudanças físicas, com naturais consequências no campo psicológico, incluem outros aspetos.

Na realidade, o corpo de um adulto é consideravelmente diferente do corpo de uma criança e a transição de um para o outro pode dar origem a inseguranças e preocupações. A puberdade e as suas transformações físicas não influenciam, diretamente, o estado psicológico do adolescente – este é condicionado pelas reações dos pais, colegas e do próprio adolescente às referidas transformações. As consequências psicológicas de uma maturidade precoce ou tardia demonstram o impacto da integração no mundo dos adultos e das situações em que o adolescente tem de interagir com as definições sociais ambíguas que lhe são atribuídas. As dificuldades que os adolescentes têm em se adaptarem às transformações do seu corpo revelam os condicionalismos impostos pelas normas socio-culturais relativas à atração física no auto-conceito dos adolescentes. Assim, é possível concluir que os efeitos psicológicos da puberdade espelham o efeito coercivo que as normas e expectativas da sociedade têm, bem como as reações auto-avaliativas às transformações corporais pubertárias.

Para além das transformações físicas, a adolescência é, também, caracterizada por importantes transformações cognitivas.

Seguindo a linha teórica de Piaget, Sprinthall e Collins (2003) referem que ao longo da adolescência, as pessoas desenvolvem o pensamento formal, o que lhes confere um importante potencial. Comparativamente ao pensamento infantil, o pensamento dos adolescentes caracteriza-se por uma maior capacidade para raciocinar com base em possibilidades, hipóteses, antevisão de resultados. A capacidade de refletir acerca dos próprios pensamentos e para considerar os pontos de vista de terceiros é outra das características do pensamento adolescente. Teoricamente, os adolescentes têm a possibilidade de desenvolverem as suas capacidades cognitivas até atingirem o nível pensamento formal, o que não implica que todos o consigam.

Como alternativa às considerações de Piaget, os mesmos autores apontam que o desenvolvimento das capacidades cognitivas nos adolescentes está relacionado com alterações na capacidade de processamento da informação – os processos mentais mais

abstratos e construídos de que os adolescentes dispõem resultam de um conjunto mais alargado de conhecimentos, de modos de utilização desses conhecimentos e de uma maior capacidade de resolução de problemas.

Estas transformações socio-cognitivas implicam mudanças progressivas na complexidade de raciocínio e das perceções sociais, paralelamente alargam a capacidade cognitiva a novos tipos de relações, circunstâncias e acontecimentos sociais.

Brás (2010) refere todas estas alterações, ao nível da cognição, permitem aos adolescentes desafiar a sociedade, redefinir conceitos e gastar muito do seu tempo à procura de ideais. Esta procura ajuda-os a encontrar a sua identidade e é condicionada não só pela sua maturação biológica e psicológica, mas também pelo contexto familiar, social e escolar.

A aquisição progressiva da capacidade de raciocinar, refletir, argumentar, permite ao adolescente alcançar o estatuto de igualdade intelectual perante os adultos, o que potencia o surgimento de conflitos.

De facto, a aquisição de todas estas capacidades físicas e cognitivas permite a diferenciação do adolescente e, conseqüentemente, a alteração da natureza das suas relações sociais: com a família, com o grupo de pares, com a sociedade, sendo-lhe atribuídas e, até exigidas, outras responsabilidades, o que conduz à sua autonomia.

A adolescência implica, também, grandes transformações sociais. As relações sociais que os adolescentes estabelecem com a família, com os pares ou com o meio em que vivem, contribuem, cada uma à sua maneira, para o seu desenvolvimento pessoal e social. Quando se complementam, potenciam o bem-estar e o equilíbrio emocional e psicológico dos adolescentes.

Sprinthall e Collins (2003) referem que é na adolescência que se desenvolve de forma significativa a identidade – a consciência do eu, que abrange não só a história passada da pessoa, mas também as aptidões necessárias a uma futura vida psicológica sã. O acelerado e amplo desenvolvimento físico, a alteração das expectativas relativamente aos comportamentos e aos objetivos futuros e o desenvolvimento da capacidade de raciocínio proporcionam a obtenção de maior e mais diversificado volume de informação.

Este volume de informação e as reações emocionais dos adolescentes a todo este processo conduzem à ideia de que a adolescência é, fatalmente, um período de crise de identidade.

Os mesmos autores, reportando-se ao trabalho desenvolvido por Erik Erikson, referem que a formação de uma identidade adulta durante a adolescência “resulta da maturação (e.g., puberdade), das expectativas culturais (e.g., espera-se que os adolescentes comecem a delinear as responsabilidades e os papéis que vão assumir na vida adulta), e das pressões sociais (e.g., desacordos com os pais, pressões dos colegas para que se adaptem ao grupo). (...) O confronto bem sucedido com este desafio dá origem à capacidade para atingir a fidelidade, ou para assumir um compromisso com um conjunto de valores e prioridades, que beneficia tanto o próprio indivíduo como as outras pessoas.” (Sprinthall & Collins, 2003: 238). Assim, o desenvolvimento da cognição social e um ego forte assumem particular preponderância na formação da identidade.

Continuando, é ainda referido que a formação da identidade condiciona de forma determinante o estabelecimento da intimidade, isto é, a “capacidade de mútua abertura e partilha, no relacionamento com os outros” (Sprinthall & Collins, 2003: 239). O conceito de intimidade reporta-se não só a uma forte amizade, mas também à reciprocidade que possibilita a existências de futuras relações sexuais saudáveis.

### **1.3. O adolescente e a família**

A família, constituindo o primeiro grupo social de pertença do indivíduo, influencia o desenvolvimento do adolescente de forma preponderante. Sendo, também ela, influenciada pelas transformações do próprio adolescente, a família facilita ou dificulta a passagem do adolescente por essas mesmas transformações. Partindo deste pressuposto, torna-se necessário, antes de mais, precisar aquilo que entendemos como família.

A família, enquanto instituição e sistema social, é influenciada pelo contexto histórico, cultural, económico e político. Paraphrasing Gonçalves, a família é “caracterizada por uma forte variabilidade histórica e cultural e atravessada por uma complexidade de relações e dimensões, (...) não é uma realidade homogénea, unívoca e universal. A

dificuldade em encontrar uma definição não ambígua de família reside em parte na relação que as famílias, em cada momento histórico e em cada sociedade concreta, estabelecem com a sociedade global” (Gonçalves, 2012: 173). Ou seja, a família é um sistema aberto, que estabelece trocas constantes com os demais sistemas sociais que a rodeiam. No entanto, cada sociedade, num determinado momento histórico, não dá origem a um tipo único de família, mas sim a vários tipos de famílias.

Estando bastante exposta às mudanças do meio que a rodeia, a família, na sociedade ocidental, sofreu alterações significativas, sobretudo a partir da década de setenta do século XX, resultado dos condicionalismos sociais, demográficos e históricos. O aumento da esperança média de vida, devido aos progressos da medicina e à melhoria das condições de vida, conjugado com a diminuição das taxas de natalidade, devido à mudança de perceção da infância (os filhos deixaram de ser vistos como uma fonte extra de obtenção de rendimentos, para passarem a ser vistos como alguém a quem se deve dar e proporcionar o melhor) e ao uso de contraceptivos, conduziu, simultaneamente, ao aumento do número de famílias e ao surgimento de mais famílias de menores dimensões (casais de idosos, viúvos, famílias com menos filhos), e sustentou a nuclearização da família – os mais novos, do ponto de vista da convivência, iniciam a sua vida a dois sozinhos; os mais velhos acabam a sua vida sós em sua casa (Saraceno e Naldini cit. *in* Gonçalves, 2012). O aumento da longevidade, que permite a existência simultânea de várias gerações numa mesma família, alongou a duração de papéis específicos dentro da família, como sejam o de cônjuge, o de pai/mãe de filhos não dependentes, de avô/avó, mas reduziu a possibilidade de ocorrerem outros, como, por exemplo, o de irmão, o de primo, o de tio. Paralelamente, o aumento da longevidade também permitiu o retardamento de alguns momentos chave do percurso de vida – casamento, saída da casa dos pais, nascimento dos filhos, situações estas que significam a passagem à condição efetiva de adulto. Isto implica o retardamento de outros momentos do percurso de vida, como seja o de passar à condição de avô, alargando a distância temporal entre gerações (Gonçalves, 2012).

A nuclearização da família deu, também, origem a novos tipos de famílias, que vêm ganhando cada vez mais visibilidade face ao modelo (ainda) dominante casal com filhos:

agregados unipessoais (resultantes do aumento da esperança média de vida e do crescente número de divórcios), casais sem filhos (devido ao adiamento do nascimento dos filhos e a não ter filhos por opção), as famílias monoparentais (originadas pela viuvez, procriação fora da conjugalidade, separação ou divórcio, constituídos por um dos progenitores, frequentemente a mãe, com filhos dependentes), famílias reconstituídas (que integram adultos separados ou divorciados e respectivos filhos). Todas estas alterações, no sistema social que é a família, foram condicionadas por acontecimentos culturais, políticos e económicos que ocorreram nos últimos trinta anos do século passado, como sejam a participação crescente das mulheres no mundo do trabalho, o aumento da escolarização de crianças e jovens, nomeadamente ao nível do ensino superior, a intervenção do Estado na esfera da família (Estado-Providência), através da implementação de um conjunto de políticas (sociais) como sejam a proteção da maternidade, o alargamento da rede escolar e pré-escolar, a promulgação de legislação no âmbito do divórcio e da união de facto.<sup>2</sup>

Gonçalves (2012) defende que o aspeto “natural” e “espontâneo” que a família apresenta, devido ao facto de ser o sistema social em que os indivíduos estão integrados, desde que nascem até que morrem, concorre para tornar a sua definição mais difícil, pois se é verdade que as relações familiares têm a sua base nas ligações biológicas dos seus elementos, não é menos verdade que as famílias estão integradas em “sistemas simbólicos e de significado que lhes dão sentido” (Gonçalves, 2012: 174). Assim, a autora perspetiva a família “como um espaço físico, relacional e simbólico socialmente construído e, portanto, como um dos lugares privilegiados da construção social da realidade, a partir da construção social de acontecimentos e de relações que aparentemente são naturais” (Gonçalves, 2012: 174), partindo “do pressuposto de que a família consiste num grupo de indivíduos reunidos por laços de parentesco que, em

---

<sup>2</sup> Gonçalves chama a atenção para a “importância crescente das famílias de dupla carreira, isto é, das famílias nas quais o homem e a mulher desempenham carreiras profissionais a par da vida familiar. Ainda que se possa distinguir este conceito do de famílias de trabalho duplo, nas quais o trabalho feminino é encarado como necessário para a subsistência familiar mas não como parte integrante da identidade da mulher, as sociedades ocidentais têm assistido a uma participação crescente no sistema de trabalho por parte das mulheres de todos os escalões etários, e não apenas das mais jovens e solteiras, como acontecia predominantemente nas décadas que se seguiram ao pós-guerra” (Gonçalves, 2012: 223).

muitos casos, são determinados por laços de sangue” (Gonçalves, 2012: 175), mas admitindo também a existência de laços que correspondem a uma construção social, extremamente variável de cultura para cultura.

Bourdieu (2001) refere que habitualmente a família é considerada como modelo ideal das relações humanas (a que são intrínsecos os conceitos de fraternidade, amor, respeito, etc), definindo as relações familiares como princípios de construção e de avaliação de todas as relações sociais. Contudo, para o autor, a família é sobretudo uma categoria social, ou seja um “princípio colectivo de construção de uma realidade colectiva” (Bourdieu, 2001: 94-95). Mas, se o conceito de família é um princípio de construção social, ele é, também, de certa forma, um conceito “socialmente construído e comum a todos os agentes socializados” (Bourdieu, 2001: 94-95). Em suma, “a família como categoria social objectiva (estrutura estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjectiva (estrutura estruturada), categoria mental que é a origem de milhares de representações e de acções (casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social objectiva. Este círculo é o da reprodução social” (Bourdieu, 2001: 96).

Por outro lado, para Bourdieu, a família é aparentemente a mais natural das categorias sociais, constituindo um modelo base para todos os outros sistemas sociais. A família, enquanto estrutura estruturante, tem por objetivo gerar, em cada um dos seus elementos, de forma duradoura, sentimentos que garantam a união que é a condição da sua própria existência. Através dos seus rituais de funcionamento, a família constitui-se como um espaço de unidade, de integração, de união. Ou seja, como algo estável, constante, indiferente às alterações sentimentais dos seus elementos enquanto seres individuais.

Mas a família, enquanto estrutura estruturada, é fruto de condições sociais pré-existentes, que nada têm de universais e que não estão distribuídas de modo uniforme.

“Em suma, a família na sua definição legítima é um privilégio que é instituído em norma universal. Privilégio de facto implicando um privilégio simbólico: o de ser como se deve ser, segundo a norma, tendo-se, portanto, um ganho simbólico de normalidade. (...) Tal privilégio é, nos factos, uma das condições maiores da acumulação e da transmissão dos privilégios, económicos, culturais



e simbólicos. A família desempenha, com efeito, um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, quer dizer, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais” (Bourdieu, 2001: 97-98).

Ao assumir esta posição, Bourdieu estabelece a família como o espaço social principal no que à definição e transmissão intergeracional de valores diz respeito, perspectivando-a como o agente principal das estratégias de reprodução. A vivência familiar permite a aquisição de hábitos, posição que Bourdieu defende ao definir a noção de *habitus*, a qual, no seu ponto de vista, engloba não só a noção de hábito tal como a entendemos, mas vai mais além, afirmando que o *habitus* é o que se adquiriu mas, simultaneamente, o que se integrou de forma persistente, assumindo um carácter permanente. Assim, o *habitus* é algo que é propriedade de quem o assume – torna-se um capital próprio, e enquanto capital, ao ser incorporado, assume aparentemente a condição de inato. O *habitus*, tal como Bourdieu o concebe, encerra em si um carácter repetitivo, mecânico, automático, mas é também fonte geradora de algo novo.

“O *habitus* é (...) um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objectiva dos condicionamentos mas fazendo-a sofrer uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que “reproduzamos” as condições sociais na nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não podemos passar simples e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos” (Bourdieu, 2004: 140).

O *habitus* constitui-se, então, como um sistema de princípios simples e parcialmente substituíveis, que estão na origem de uma multiplicidade de soluções que não são diretamente inferíveis das suas condições de origem. Caracterizando-se por uma autonomia concreta relativamente ao determinismo social, o *habitus* é condicionado pelas necessidades de ajustamento à realidade social em que surge, ainda que de forma limitada devido ao facto de ser ele a definir a percepção da situação que o determina (Bourdieu, 2004).

Na perspectiva de Stoër (2008), Bourdieu e Passeron atribuem ao *habitus* a capacidade de originar formas de pensamento e ação e de estabelecer estruturas de percepção, pensamento e ação. O *habitus* garante a continuidade e a manutenção, através de

diferentes práticas, dos princípios do arbitrário interiorizado, reproduzindo, deste modo e de forma permanente, o arbitrário cultural dominante.

Para Stoër (2008), do ponto de vista de análise de Bourdieu e Passeron, a educação (formal e não formal), assume um papel preponderante na transmissão do capital cultural de uma determinada classe social – a dominante.

“(…)Como instrumento fundamental de continuidade histórica, a educação como processo de produção do habitus, é equivalente, no campo da cultura, ao processo de transmissão de capital genético, no campo biológico.

A acção pedagógica, ao produzir uma formação durável sob a forma do habitus reproduz não só a cultura mas também as condições sociais da cultura dominante – isto é, as estruturas objectivas que produzem a estrutura de classe”(Stoër, 2008: 88).

Numa perspetiva sistémica, podemos definir a família como

“um conjunto organizado de indivíduos que desenvolvem entre si, de forma sistemática e organizada, interacções particulares que lhe conferem individualidade grupal e autonomia (Relvas, 1997: 395). É um sistema auto-organizado que evolui ao longo do tempo, perseguindo dois objectivos fundamentais (tarefas/funções da família): por um lado a criação e reconhecimento de um sentimento de pertença e, por outro lado, a possibilidade de desenvolvimento/individuação de cada um dos seus membros” (Relvas & Lourenço, 2001: 107).

Para isso, a família, enquanto grupo, detém forças intrínsecas, que dependem da sua própria história e da sua dinâmica, mas não dos contextos em que subsiste. A família possui um conjunto de competências, de que por vezes não tem consciência e das quais por vezes não consegue fazer uso, que lhe possibilita fazer face a situações de stress accidentais ou inerentes ao seu processo de desenvolvimento.

Assim, enquanto grupo social, a família encerra em si próprias funcionalidades em que, através de processos de *feedback*, se articulam circularmente os diversos papéis, funções, tarefas e hierarquias dos seus membros e subgrupos. Estando integrada numa comunidade, numa sociedade e numa cultura, a família é influenciada pelos contextos e pelas conjunturas em que se movimenta e nos quais intervém, já que com eles estabelece troca de informações, informações estas que serão integradas no seu próprio funcionamento enquanto família, sem contudo alterarem a sua natureza, a sua auto-organização.

“Por tudo isto, a família é considerada um sistema *auto-poietico* (que se reproduz a si próprio, mantendo-se e continuando a ser família, “aquela” família) informacionalmente aberto (às influências do exterior) e organizacionalmente fechado (não dependente dessas mesmas influências) (Relvas, 1996; Gameiro, 1992; Ausloos, 1996)” (Relvas & Lourenço, 2001: 107).

Ou seja, para que a família, enquanto sistema social, se reproduza, é essencial que a família mude, de forma a poder manter-se – ciclo evolutivo familiar. Cada fase de evolução da família tem na sua base um momento de crise/rutura que cria a oportunidade de mudança, que poderá ser benéfica ou prejudicial à própria família, dependendo de como a família se reestrutura e reage face ao problema que lhe é levantado. A gravidez e a maternidade, sobretudo na adolescência, representam uma rutura drástica no ciclo evolutivo familiar.

## **2. Gravidez e maternidade precoces**

### **2.1. A vivência da sexualidade**

Embora a maturação física seja essencial para a sexualidade dos adolescentes, os principais aspetos do seu desenvolvimento sexual estão, sobretudo, relacionados com fatores sociais. As transformações que ocorrem durante a puberdade afetam particularmente a frequência e a intensidade da ativação sexual. A forma como os adolescentes vivenciam esta ativação “resulta da exposição a papéis, comportamentos, costumes morais e valores, que são transmitidos pela sociedade” (Sprinthall & Collins, 2003: 449).

Sprinthall e Collins (2003) referem que a influência social é preponderante no desenvolvimento da sexualidade, graças à denominada “prescrição social” (*social scripting*), conceito que encerra em si as expectativas aprendidas e o significado social associado a determinados padrões de atividade sexual. Na adolescência, aparentemente,

o surgimento das prescrições sociais envolve a integração, ou a conjugação, dos aspetos da identidade pessoal e social.

Segundo Almeida (2003), os adolescentes de hoje atingem cada vez mais cedo a maturidade sexual. A escola e outras imposições profissionais adiam cada vez mais a independência económica – isto estende o período que decorre entre o início da adolescência e a assunção definitiva da vida adulta. Ou seja, é cada vez maior a “distância” entre a capacidade (e a vontade) de procriar e a possibilidade profissional e económica de constituir família. A este facto alia-se o impacto sexual a que os adolescentes (e a sociedade em geral) são submetidos diariamente – televisão, cinema, internet, música, literatura, onde o sexo fácil é sublimado, sendo apresentado como “uma actividade sofisticada e divertida, consumida por adultos evoluídos e por «glamorosas» vedetas” (Almeida, 2003: 233). Isto origina, nos adolescentes, conflitos e tensões que opõem os seus impulsos biológicos, extremamente estimulados, à situação económica e social em que vivem. A nossa sociedade exalta a juventude e a sexualidade, mas complica e adia a vida a dois e a maternidade.

Lemos e Leandro (2004) consideram que, apesar da evolução da sociedade, em muitas famílias a sexualidade é, ainda, perspectivada com base nos valores tradicionais, daí que para os adolescentes dessas famílias seja difícil abordarem o assunto livremente no seio familiar. As autoras defendem que a família devia ser o “primeiro espaço de expressão” das noções de educação sexual, contudo, na maioria dos casos, não é isso que acontece – as questões da sexualidade estão frequentemente envoltas em preconceitos e tabus, e os pais não dispõem da informação adequada para a encarar e falar sobre o assunto com naturalidade. A este aspeto acresce o facto de as famílias terem cada vez menos tempo de partilha e de momentos de reunião, pelo que a escola tende a ser um espaço privilegiado para os adolescentes verbalizarem as suas dúvidas.

No conceito das autoras, o grupo de amigos reveste-se uma de extrema importância para os adolescentes, na medida em que lhes permite, através das suas interações com os pares, a aceitação do “eu” enquanto ser social num grupo concreto, ajudando os adolescentes a adquirir uma ideia de si, do seu valor enquanto pessoa. Mas o grupo de pares pode funcionar, também, como grupo de pressão, a que se alia a pressão exercida

pelos meios de comunicação de massa – esta pressão é exercida nos mais diversos campos da vida dos adolescentes, nomeadamente no da sexualidade. Daí a importância da família ser capaz de falar abertamente da questão da sexualidade, pois a família será a única a conseguir transmitir o tipo de valores que consideram adequado estarem na base da vivência da sexualidade.

Para Gerardo (2006), os adolescentes, no processo de construção da sua identidade, desenvolvem estratégias de independência e autonomia, para se afirmarem perante os pais. A vivência ativa da sexualidade assume particular preponderância, já que este é um domínio puramente pessoal e que se partilha com os pares. Aliás, a sexualidade ativa é parte essencial na emancipação do adolescente e a transposição para a idade adulta passa também por aqui – ser-se sexualmente ativo é mais um passo para a idade adulta. A autonomia sexual implica autonomia social, no sentido em que a sexualidade é vivida fora da família.

Marques (2007), citando Bozon, refere que as primeiras relações sexuais constituíram-se como uma etapa autónoma e precoce da sexualidade, sem relação direta com a assunção do casal enquanto tal ou com a coabitação. Mais acrescenta que o início da atividade sexual é, sobretudo, marcado pela pertença de género, pertença esta que leva a que rapazes e raparigas interiorizem diferentes representações de si e diferentes expectativas para a primeira relação sexual e para um primeiro parceiro. Marques menciona que diferentes autores expõem que os homens valorizam mais a questão da iniciação e da experiência pessoal, enquanto as mulheres dão mais importância à entrada numa relação. Ou seja, para as raparigas a iniciação sexual está, normalmente, associada a um plano relacional. Desta forma, um primeiro parceiro sexual é encarado como um potencial companheiro – alguém com quem a jovem pode formar um casal. Reportando-se uma vez mais ao trabalho de Bozon, Marques diz-nos que a primeira relação sexual assume diferentes significados para rapazes e raparigas: para eles é um momento de aprendizagem sexual e da construção da sua identidade, sem que, necessariamente, se assuma como um investimento pessoal; para elas a primeira relação sexual surge como fruto de uma decisão pensada, que levou em conta o desejo de uma relação duradoura e

a relação amorosa, sendo estabelecida uma ligação entre sentimento, casal e sexualidade.

Socorrendo-se de Pais, Marques alega que

“para as mulheres o prazer se “funde” ou “confunde” com o amor enquanto que para os homens ter prazer não implica necessariamente um envolvimento amoroso (...), o investimento que as mulheres fazem no sentimento amoroso está relacionado com a produção, de uma identidade feminina, que é “socialmente construída em torno do “sensível” e do “afectuoso” à qual as próprias mulheres procurarão dar um sentido valorativo, uma vez que a sociedade continua a desvalorizá-las noutros campos da vida social” (Pais, 1998: p. 412). Por seu turno, os homens parecem demonstrar uma certa dificuldade para “exteriorizar as suas emoções e afectos”, o que em consequência, leva à ideia que “tendem a isolar a sexualidade da esfera do amor e da paixão” (idem)” (Marques, 2007: sem paginação).

## **2.2. Diferenças de género: tradição vs modernidade**

De acordo com Carvalho (2010), o enfraquecimento das identidades de género tradicionais conduz ao surgimento de antagonismos entre mulheres e homens no que concerne aos papéis de género no seio esfera privada, “tornando o amor desagradável, sobrecarregado por expectativas e frust[r]ações, pelo contraste entre a retórica da igualdade entre homens e mulheres e a dimensão bem menos igualitária das práticas existentes” (Carvalho, 2010:13).

A mesma autora refere que, sendo o afeto mais importante que tudo, a sua manutenção parece inviável. Desta ambivalência advém, atualmente, a procura incessante, por parte homens e mulheres, de melhores formas de viver as relações amorosas, coabitação, o divórcio ou o casamento contratualizado, batalhando para conjugar os diferentes aspetos da sua vida: família, carreira, amor, sexo, casamento, novos modelos de maternidade e paternidade, amizade e companheirismo. Segundo a autora, neste contexto de mudança, “a crescente autonomia das mulheres face aos seus companheiros e o questionamento dos papéis sociais e padrões de conduta mais tradicionais podem ser interpretados à luz das propostas de Bourdieu” (Carvalho, 2010: 14). Considera a autora que, à semelhança do que acontece noutros domínios sociais, também no domínio do amor e das relações

amorosas existem lutas “pela posse e reprodução dos recursos que lhe são específicos, isto é pelo poder” (*idem*). Isto dever-se-á ao facto de o “capital” estar desigualmente repartido, dando origem a dominadores e a dominados e demarcando a própria estrutura do domínio (social), a qual decorre do estado de uma relação de força histórica entre as partes envolvidas. Ora, as partes envolvidas nesta relação de forças têm objetivos diferentes: os dominadores pretendem a conservação da sua posição, os dominados ambicionam pelo momento da subversão. Contudo, neste campo do amor e das relações amorosas, Carvalho identifica “pelo menos um interesse comum às partes envolvidas que se prende com a própria existência e continuidade do campo, pelo que é partilhada uma cumplicidade objectiva na concretização do amor e das relações amorosas” (*idem*).

Carvalho reflete que

“as tensões geradas pelo movimento de individualização na vida sentimental reflectem um confronto entre expectativas e papéis sociais, entre discursos e práticas. (...) Essa confrontação de expectativas e escolhas nem sempre é pacífica, com a determinação das regras e do poder na esfera da intimidade a constituir uma fonte de tensão, conflitos e até violência, nas suas diversas formas, entre os elementos do casal. Num quadro de consolidação de direitos e afirmação dos valores de igualdade entre homens e mulheres, a crescente visibilidade e sensibilização face à problemática da violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos íntimos tem-se traduzido no aprofundamento de duas linhas teórico-conceptuais complementares: por um lado, a conceptualização da violência como questão de género, entendida enquanto manifestação da opressão das mulheres numa sociedade patriarcal, com um modelo teórico que coloca o homem no papel de agressor, detentor do poder que exerce coerciva, sistem[á]tica e exponencialmente sobre a mulher que, numa posição de subordinação, é a vítima; por outro lado, a exploração da dupla vertente da violência masculina e feminina, com enfoque na dinâmica da unidade familiar e conjugal, perspectivando-a como um recurso que se encontra ao dispor de homens e mulheres e que pode ser accionado por um conflito específico ou uma série de tensões conjugais, sem que corresponda a nenhuma tipificação de situações de perda de poder ou de controlo de frequência e intensidade crescentes” (Carvalho, 2010: 14-15).

Por contraste, baseando-se no trabalho desenvolvido por Casimiro, Carvalho (2010) refere, que isto não quer dizer que todas as situações de violência entre casais sejam explicadas por esta via do género, alertando que poderá estar na génese das mesmas a própria dinâmica conjugal, seja devido à adoção de estilos conjugais antagónicos, à

dificuldade de estabilização das fronteiras do eu e do nós no seio do casal, à organização do trabalho ou às expectativas excessivas em relação ao casal e, concretamente, à coabitação.

### **2.3. Gravidez e maternidade**

A gravidez precoce é um dos problemas associados à atividade sexual dos adolescentes, resultado da falta de informação sobre os aspetos biológicos do sexo e da gravidez e a reduzida utilização de métodos de contraceção.

Como afirmam Canavarro e Pereira (2001), a gravidez na adolescência não constitui um fenómeno novo, mas é um fenómeno que, na atualidade, assume particular visibilidade, sendo “considerado um grave problema social, muitas vezes associado à baixa escolaridade, desemprego ou emprego precário e pobreza” (Canavarro & Pereira, 2001: 323). Para além disso, a gravidez na adolescência, geralmente, é pré-conjugal e não planeada, sendo frequentemente “levada até ao fim e, nalguns casos, repetida num curto espaço de tempo” (*idem*).

Segundo as autoras, diversos estudos têm sido efetuados sobre adolescentes grávidas e suas famílias, sendo que a grande maioria vem dos Estados Unidos da América. Neste país observou-se que a maioria das adolescentes grávidas pertence a agregados familiares de baixo nível socioeconómico, que vivem uma situação de sobrelotação habitacional e de promiscuidade. Um número significativo de adolescentes grávidas pertence a agregados familiares de melhor nível socioeconómico com um historial de divórcio ou ausência da figura de um dos progenitores. Estes estudos revelaram, ainda, que as adolescentes grávidas, normalmente, têm uma história de infelicidade, insegurança, de alterações do comportamento e de dificuldades escolares.

Almeida (2003) considera que estas adolescentes iniciam a sua vida sexual prematuramente por diversos motivos. Umas porque procuram uma identidade ou tornarem-se adultas rapidamente. Outras para afirmarem a sua feminilidade, de competirem com as suas mães ou de ter algo em comum com elas. Nalgumas é o desejo de magoarem o pai, noutras parece haver um desejo de auto-punição ou de destruição.



Há casos em que o objetivo parece ser a compensação de carências afetivas – terem alguém para proteger e amar e que as ame também. O autor considera, ainda, que, raramente, estas adolescentes, sentiram um verdadeiro impulso amoroso ou sexual, que a maioria ignora aspectos significativos da sexualidade e quase nunca atingiram o orgasmo. Engravidaram por acaso, pois apesar de estarem informadas sobre os métodos contraceptivos, não tomam quaisquer precauções. Mais atípica é a situação de uma gravidez planejada ou desejada, que ocorre quando as adolescentes pretendem emancipar-se, ou abandonar a escola ou por desejarem ter alguém que dependa delas e a quem possam amar incondicionalmente.

Na perspectiva de Canavarro e Pereira (2001), contribuem para a gravidez na adolescência fatores individuais, familiares e de relacionamento.

Quanto a fatores individuais, existe um que é elementar – a fertilidade da jovem. A este fator alia-se outro – o início precoce da atividade sexual, incluindo a cópula. Um outro fator individual está associado às diferenças étnicas – existe uma prevalência da gravidez na adolescência em determinados grupos étnicos, como por exemplo na comunidade cigana (se bem que neste grupo étnico a maternidade precoce é bem aceita e até desejada). A pobreza é, por estas autoras, considerada um fator individual, no sentido em não permite o desenvolvimento de um ambiente familiar harmonioso e a insuficiência de recursos não permitem a existência de cuidados parentais adequados. Frequentemente, a pobreza conduz a um ambiente comunitário empobrecido e à interação com pares anti-sociais. A pobreza implica, ainda, que os adultos da rede informal sejam, ou estejam, menos disponíveis, que as oportunidades culturais sejam escassas, que os espaços educativos disponham de menos recursos, sendo a desvalorização da escola uma realidade, assim como a pressão para iniciar uma atividade remunerada o quanto antes. As autoras referem, também, que “a percepção dos custos da gravidez” das adolescentes que engravidam é “influenciada pela existência de oportunidades e alternativas de vida”. Defendem, então, que os custos da gravidez são perspectivados como baixos pelas adolescentes, parafraseando Coley e Chase-Lansdale, ““experiências de vida associadas com a pobreza, alienação da escola, modelos de parentalidade fora do casamento, desemprego, falta de oportunidades educativas e ausência de perspectiva de carreiras”,

bem como a ausência de comunidades que possibilitem a formação de um sentimento estável de pertença e valorização” aqui reportando-se já ao trabalho de Bickel, Weaver e Williams (Canavarro & Pereira, 2001: 327-328). As autoras incluem neste grupo de fatores aspetos de ordem socio-emocional, como sejam o sentimento de desvalorização e a baixa auto-estima das adolescentes grávidas, a sua maturidade cognitiva (a predominância do pensamento concreto e a capacidade limitada do seu pensamento abstrato impede estas adolescentes de equacionarem as consequências dos seus comportamentos a longo prazo), a prática de outros comportamentos de risco (abuso de álcool e drogas, delinquência) e a existência de perturbações do comportamento. É, também, neste grupo que está integrado o percurso escolar das jovens, sendo que as jovens que engravidam, regra geral, são aquelas que têm menos sucesso escolar e menores aspirações académicas, condicionados naturalmente pelo facto de, muitas vezes, frequentarem escolas com menos recursos, estarem integradas em turmas de alunos com menos aptidões, estarem sujeitas a reduzida estimulação e a catalogação negativa. As autoras referem, ainda, que muitas das adolescentes, quando engravidam, já se encontram fora da escola e não possuem um projeto de vida definido.

Quanto aos fatores familiares, Canavarro e Pereira (2001) defendem que as adolescentes grávidas, geralmente, provêm de famílias disfuncionais, numerosas e com problemas socio-económicos. Um número significativo pertence a famílias monoparentais, sobretudo femininas, onde a figura materna/paterna está frequentemente ausente por motivos económicos. Ambientes familiares, normalmente, caracterizados por stress, pressão e conflito; rigidez; abuso físico, emocional e sexual; fraca qualidade da relação pais-filhas. Referem, ainda, transgeracionalidade do fenómeno – filhas de mães adolescentes ou irmãs de mães adolescentes têm uma maior probabilidade de serem, também, mães adolescentes.

Quanto aos fatores relacionais, Canavarro e Pereira postulam que “a forma de relacionamento com o sexo oposto e em particular a escolha do parceiro amoroso, parecem ser factores importantes para a ocorrência de gravidez na adolescência” (Canavarro & Pereira, 2001: 329). Acrescentam que “os pais dos filhos das adolescentes são, na sua maioria, mais velhos dois a quatro anos do que estas (...), têm baixa educação

e profissões pouco qualificadas (...) e alguns (...) estão envolvidos em situações de delinquência” (*idem*). Comparativamente às adolescentes que não engravidam, as autoras referem que as mães adolescentes começam a namorar mais cedo e têm maior número de parceiros, embora a gravidez tenda a ocorrer no âmbito de uma relação exclusiva e de longa duração com o pai da criança. Ainda segundo as referidas autoras, e por comparação com as adolescentes não grávidas, as mães adolescentes “idealizam mais o relacionamento amoroso (...) e não equacionam o amor e a intimidade conjuntamente com a actividade sexual” (Canavarro & Pereira, 2001: 330). Normalmente, as mães adolescentes têm uma percepção mais negativa relativamente aos homens, vendo-os como irresponsáveis e considerando as mulheres como suas vítimas. Estes entendimentos decorrerão, naturalmente, daquelas que são as suas experiências, quer na primeira pessoa quer nas pessoas das suas relações, não poucas vezes marcadas pela rejeição e/ou irresponsabilidade dos parceiros sexuais. Nestes contextos, a maternidade pode ser idealizada como “um porto de abrigo e uma forma gratificante e segura de dar e receber amor” (*idem*). Tendencialmente, as mães adolescentes vêem as relações familiares como mais importantes do que as relações com os pares – aparentemente estabelecem menos relações de amizade e muitos dos seus amigos não frequentam a escola e são permissivos no que respeita à gravidez pré-nupcial. Nas relações que estabelecem, estas adolescentes tendem a assumir um comportamento submisso e exibem pobres aptidões de comunicação interpessoal. O facto de estabelecerem poucas amizades e destas mesmas amizades se caracterizarem por um baixo grau de intimidade, leva as autoras a considerarem que a gravidez seja um meio de acesso ao mundo dos adultos, onde estas jovens parecem sentir-se mais à vontade.

Ferreira (2008) analisou a “tendência” e os “perfis” da maternidade precoce em Portugal e concluiu que esta deve ser compreendida por referência a

“um quadro de transformações sociais, culturais e demográficas que , nos últimos trinta anos, mudaram a paisagem familiar, designadamente no que se refere à descida da fecundidade, à laicização do casamento e ao declínio da família nuclear tradicional. Estas transformações são, em última análise, responsáveis pela associação que se verifica existir entre a maternidade precoce e determinados riscos individuais, como o isolamento social e familiar, o abandono escolar ou a necessidade de depender da assistência social para cuidar e educar os filhos” (Ferreira, 2008: 75).

No seu trabalho, Ferreira refere que, em Portugal, a maternidade precoce reflete duas lógicas. Uma, de “transição para a vida adulta”, que pode eventualmente conduzir a situações de exclusão, mas que acima de tudo confere às jovens “uma afirmação adulta consumada através da conjugalidade e da maternidade e viabilizada (...) pelo estatuto profissional do cônjuge” (Ferreira, 2008: 75), e que se manifesta em setores sociais de capital escolar e profissional reduzidos, onde a função reprodutiva da mulher se sobrepõe à função profissional. Outra, de “exclusão social”, que se evidencia nas situações de monoparentalidade, onde dominam a “desvinculação paterna e as mães mais jovens e, conseqüentemente, mais vulneráveis em termos escolares e profissionais” (Ferreira, 2008: 75).

Apesar da evolução dos usos e costumes da nossa sociedade, a gravidez na adolescência continua a ser alvo de desaprovação social e traz conseqüências tanto para a adolescente como para a sua família. Os pais ficam zangados, envergonhados, desapontados, por vezes sentem-se culpados. As adolescentes, por seu turno, podem ver o namorado afastar-se e serem alvo do repúdio das amigas. Mas, em alguns casos, a gravidez, devido à sintomatologia física e psicológica que lhe está associada, acaba por fortalecer os laços de afetividade entre pais e filhas.

#### **2.4. Adolescente e mãe: duplicidade de papéis**

Embora surjam frequentemente associados, os conceitos de gravidez e maternidade representam realidades diversas. A gravidez é um processo que se inicia com a concepção e termina no parto, decorrendo entre um momento e outro, por norma, cerca de 40 semanas. A maternidade é um processo que transcende a gravidez, é um compromisso para a vida.

De acordo com Hardy e Zabin, a maternidade na adolescência constitui a derradeira conseqüência de “uma série de comportamentos que se iniciam com o estabelecimento da actividade sexual e continuam através das relações coitais, contraceção, gravidez e nascimento, e de uma série de decisões conscientes e inconscientes acerca desses comportamentos” (Hardy e Zabin, 1991, cit. *in* Canavarro & Pereira, 2001: 331).

Como já anteriormente referimos, é durante a adolescência que se desenvolve de forma significativa a identidade. Tornar-se mãe durante a adolescência implica uma alteração da identidade num momento em que a identidade está ainda em construção – é uma mudança dentro da mudança, uma crise dentro de outra crise.

Partindo da perspetiva individualista, Gerardo refere que o indivíduo busca-se a si próprio, confrontando-se com crises de identidade e que o seu objetivo é tornar-se, através da identidade individual, um ser único. Esta construção da identidade individual apresenta, igualmente, uma dimensão estatutária, a qual é definida pelas funções desenvolvidas em sociedade, pelo estatuto do próprio indivíduo ou pela sua pertença a um grupo determinado. Nesta dimensão, a definição do “eu” faz-se por referência a uma determinado papel (social). “Portanto, o indivíduo na sua existência possui duas identidades: a *identidade íntima/pessoal*, que é desvendada e aprofundada aquando do contacto permanente com os outros significativos, e a *identidade estatutária* que é atribuída através de uma função, de um papel que o actor social exerce na sociedade” (Gerardo, 2006: 125).

De acordo com Gerardo (2002), a família tem um papel preponderante na construção da identidade na adolescência. Na perspetiva da autora, atualmente as famílias já não se preocupam tanto com a reprodução social e a transmissão do património material, estando mais focalizadas na produção de identidades, mais focalizadas para a e na relação entre os seus diversos elementos. A dimensão relacional da produção de identidades exterioriza-se em dois tipos de relações – na conjugal e na parental. Reportando-se a François de Singly, a autora refere que a construção da identidade dá-se em função dos “olhares e imagens” devolvidos por aqueles (elementos da família) que são importantes para o indivíduo – os outros significativos. É esta dinâmica relacional que possibilita a atualização permanente da identidade pessoal. A identidade pessoal revela-se através da conversação. No dia-a-dia, as conversas “validam o indivíduo, e é o olhar do outro que torna possível a construção do eu” (Gerardo, 2002: 167), “o indivíduo precisa, para ser ele próprio, do olhar das pessoas a quem ele atribui importância, e para quem ele também tem importância e faz sentido para essas pessoas” (François de Singly, 2001, cit. in Gerardo, 2002: 168).

Gerardo cita, ainda, Berger para reforçar a importância da conversação na construção da identidade:

“cada indivíduo exige uma validação constante , inclusive a validação da sua identidade e o seu lugar neste mundo, pelos próximos que lhe são verdadeiramente significativos para ele.(...) todas as acções dos outros significativos e mesmo a sua simples presença exercem essa função de apoio. Na vida quotidiana o principal método do indivíduo com os outros significativos é a conversação contínua” (Berger 1988: 8)” (Gerardo, 2002: 168).

De acordo com Gerardo (2006), existem diferentes modelos de construção da identidade quando se é mãe na adolescência. Partindo do pressuposto teórico do reconhecimento pessoal e social, a autora considera que a maternidade na adolescência pode tornar-se um meio para obter um fim, “uma estratégia para mudar o seu bem-estar pessoal, um estatuto social, o de mãe e mulher” (Gerardo, 2006: 122). Vai, ainda, mais longe, ao defender que, num contexto económico e social desfavorecido (e não podemos esquecer que os estudos empíricos têm demonstrado que a maioria dos casos de gravidez e maternidade na adolescência surge em contexto de pobreza e exclusão social), um filho pode constituir, para estas jovens, uma oportunidade única de se valorizarem e adquirirem um papel social, ou de preencher um vazio afetivo. Não se pode esquecer que nos contextos desfavorecidos, as jovens nem sempre têm hipótese de se sentirem valorizadas enquanto pessoas, pois nestes contextos é frequente não existir espaço para o diálogo e para a conversação, tão necessária à construção da identidade pessoal, na perspectiva de Gerardo. A autora chama, também, a atenção para o facto de a maternidade na adolescência poder ser encarada positivamente, de acordo com costumes e práticas específicos associados à maternidade, consoante contextos socioculturais também específicos, culturas mais tradicionais em que o papel feminino está intimamente ligado à maternidade.

Apesar de tudo, a maternidade na adolescência ainda constitui um desvio à norma e o conceito “mãe adolescente”, na perspectiva de Gerardo, “remete para uma espécie de contradição do ponto de vista cronológico, porque, *ser-se mãe* é um dos atributos da idade adulta. (...) No conceito de “mãe adolescente” a *maternidade* permite a aquisição de um estatuto: o de mãe, e deste modo uma nova dimensão da identidade pessoal e

estatutária, enquanto o conceito de *adolescente*, está associado a representações de irresponsabilidade e imaturidade” (Gerardo, 2006: 122). Assim, a identidade das mães adolescentes é construída com elementos que, sendo contraditórios entre si, não são incompatíveis. Devido à sua idade, estas jovens integram as categorias sociais da adolescência e da juventude, mas devido ao facto de terem um filho assumem a responsabilidade de serem mães, característica associada à idade adulta.

Se, do ponto de vista da Sociologia da Juventude, o acesso à idade adulta decorre do início do exercício de uma atividade profissional e consolida-se pela aquisição de autonomia social, patente na emancipação económica e habitacional e na constituição de um agregado familiar próprio, então as adolescentes que se tornam mães fogem aos parâmetros de transição para a vida adulta institucionalizados. Não podemos deixar de referir que os jovens não fazem todos a transposição para a idade adulta de uma mesma forma sequencial e que, devido à conjuntura económica e social atual, é cada vez mais frequente os jovens apresentarem, simultaneamente e alternadamente/intermitentemente, características da condição de jovem adolescente e de jovem adulto. Além disso, há que ter presente que o processo de entrada na idade adulta varia em função da classe e do meio social em que o jovem está inserido.

Por exemplo, de acordo com os mais diversos estudos, um contexto social, económico e habitacional empobrecido é fator de risco acrescido no que respeita à precocidade da gravidez e maternidade, pois a incidência da gravidez precoce é maior entre as adolescentes provenientes de contextos de pobreza e de exclusão.

Gerardo (2006) afirma

“(…)As trajetórias sociais dos jovens estão associadas a distintas origens sociais, a aprendizagens e experiências sociais diferentes. As trajetórias não implicam as mesmas formas de acesso às condições que permitem o reconhecimento social da condição de adulto. No caso preciso das adolescentes oriundas de meios sociais mais desfavorecidos, a maternidade possibilita a entrada na vida adulta, assim como a aquisição de um reconhecimento social. A gravidez para estas jovens constitui uma forma de gratificação e a possível obtenção de uma independência social, dado que a sua perspetivação das suas oportunidades escolares são limitadas” (Gerardo, 2006: 124).

Ainda segundo a mesma autora, a gravidez, para algumas adolescentes, constitui-se como possibilidade real de abandonar o meio familiar, de iniciar uma vida conjugal, de ter uma família (com a chegada de um novo elemento) e de alcançar autonomia e independência. Esta última assume alguma preponderância na construção da identidade dos jovens, uma vez que possibilita a sua saída da casa de família, terem seu próprio lar e cortarem definitivamente com a infância, o que pode constituir-se como uma forma de afirmação da sua identidade individual.

Para Gerardo, as mães adolescentes adquirem o estatuto de mãe no momento crítico da construção da identidade que é a adolescência, transformando-se a maternidade num ritual de passagem, sendo evidente a diferença entre o “antes e o depois”. Se numa maternidade mais serôdia, existe um período de maturação, de transição e de tomada de consciência (até porque, normalmente, a maternidade é fruto de uma decisão consciente), numa maternidade precoce a mudança é brusca e a adolescente vacila entre as duas condições que integra – a de adolescente e a de mãe.

De facto, do ponto de vista da sociedade, ser mãe adolescente constitui um desvio à norma que, do ponto de vista temporal, define o momento para ser mãe. A mãe adolescente encerra em si própria, a um só tempo, duas fases da vida diferentes e que são vistas como contraditórias e opostas – a adolescência e a parentalidade, uma vez que, enquanto adolescente não é autónoma e independente para cuidar de uma criança, no sentido em que ela própria é vista como alguém que tem de estar ao cuidado de alguém (adulto).

Gerardo afirma que, para ser reconhecida pelos outros como mãe, a adolescente tem inicialmente de adquirir competências (as designadas competências maternas), ou seja tem de demonstrar que é capaz de cuidar adequadamente de uma criança, sendo que a pressão (social) exercida é mais intensa devido ao facto de esta maternidade ser considerada um risco, devido à idade da mãe. Ao mesmo tempo que assume o seu novo estatuto, a adolescente toma consciência de que é precisamente este novo estatuto que a obriga a renunciar aos hábitos do seu outro estatuto – o de adolescente, e assim se vai sedimentando a sua nova identidade – a de mãe.



Neste processo de construção da nova identidade, Gerardo considera que o primeiro sentimento a ser interiorizado é o da responsabilidade, sentimento este que surge precisamente no momento em que a adolescente toma consciência de que a sua vida (de adolescente) nunca mais será a mesma. Esta consciência do impacto da maternidade vai-se concretizando diariamente, com todas as mudanças e transformações que o nascimento de uma criança implica na vida da sua progenitora. A maternidade precoce põe termo ao processo de construção da identidade através das experiências da adolescência, ao introduzir o papel de mãe e a dimensão da responsabilidade, os quais estão ligados à idade adulta. “A maternidade na adolescência é a junção de dois momentos da vida dessincronizados. É através deles que a mãe na adolescência edifica o seu processo de (re)construção da sua nova identidade “bricolée” entre a identidade de adolescente e a sua nova função social, a de mãe” (Gerardo, 2006: 127).

As jovens “saltitam” entre estas duas identidades e categorias sociais, até alcançarem um ponto de equilíbrio entre ambas. Gerardo (2006) considera que, neste processo de construção de identidade, é possível distinguir diferentes categorias de mães adolescentes: a de adolescente-mãe, a de mãe-adolescente e a de mãe-amiga.

As jovens que se integram na categoria de adolescente-mãe perspetivam a maternidade como algo que veio encurtar a sua adolescência. Esta perspetiva tem a sua origem nas limitações e obrigações que a parentalidade implica. A consciência da existência destes condicionalismos, inerentes à função de ser mãe, confere uma nova dimensão à identidade pessoal das jovens mães, que se sentem diferentes das outras jovens da mesma idade, basicamente porque a sua liberdade e autonomia são diferentes. Portanto, é na comparação com as outras jovens da mesma idade que a adolescente-mãe constata que o facto de ser mãe a torna diferente das outras, apesar da sua vontade de ter as mesmas vivências que as outras adolescentes que não são mães. A adolescente-mãe vê-se na obrigação de assumir o seu (novo) papel de mãe porque é que os outros (significativos) esperam dela, e não porque ela tenha realmente vontade de o fazer. As jovens nesta categoria colocam a sua identidade pessoal de adolescente em primeiro plano e a maternidade é sentida como uma limitação ao seu estatuto de adolescente – nestes casos a maternidade é uma função redutora que acelera a passagem à vida adulta,

sem que tal seja desejado. Em suma, estas jovens valorizam pouco o seu papel de mãe, vendo-o apenas como uma responsabilidade, um constrangimento e uma rutura no seu percurso de adolescentes, papel que valorizam bastante mais.

As jovens que se integram na categoria de mãe-adolescente, geralmente, para além da maternidade, apresentam outras características da condição de adulto, tais como trabalharem e receberem um salário, viverem conjugalmente com o pai da criança, terem casa/espço próprio autónomo. Estas características conduzem a que, socialmente, sejam mais reconhecidas pelo estatuto de mãe do que pelo de adolescente – ou seja, a condição social de serem mães levou a que adquirissem outras características da vida adulta. As mães-adolescentes assumem a sua função parental como qualquer mãe adulta e têm autonomia educativa – a idade é o aspeto que realça a sua juventude, as outras características apontam para a condição de adulto. Para estas jovens, o estatuto de mãe é algo gratificante do ponto de vista pessoal e social, e para além deste (estatuto) adquirem ainda outras dimensões da idade adulta que fortalecem a imagem de mãe responsável e capaz.

As jovens que se integram na categoria mãe-amiga são aquelas, que devido à proximidade de idades, consideram que poderão vir se ser “a amiga” do seu filho, partilhando atividades e diversões. As jovens mães-amigas pretendem uma relação cúmplice com os filhos, uma relação de proximidade que não tiveram com as suas mães, devido à diferença de idades. A mãe-amiga perspetiva a relação mãe-filho como uma relação de igual para igual, o que conduz a que a sua função de mãe seja anulada. O estatuto de mãe é assumido apenas do ponto de vista social. Na intimidade esse estatuto esbate-se. Para estas jovens, o reconhecimento social do seu estatuto de mães é uma forma de valorização pessoal, sendo que a maternidade é vista como uma compensação afeiva pela presença da criança. Os laços e o tipo de relação estabelecidos com a criança também são perspetivados em função da compensação que as jovens daí podem obter.

Gerardo conclui que em

“todos estes tipos de processos de construção de identidade existem variáveis facilitadores para que a jovem se defina ou se incline para cada uma delas. Embora todas estas mães na adolescência partam de um acontecimento comum – o de ser mãe – o modo de se apropriar a nova função

social distingue-as. É resultante da sua postura face ao novo estatuto e da sua escolha do ponto de vista da hierarquização da sua identidade pessoal e estatutária que ela se define como indivíduo e mãe” (Gerardo, 2006: 132).

Se a interiorização dos estatutos de mãe e de adolescente se concretiza através do reconhecimento desses mesmos estatutos pelos outros, as mães adolescentes podem ter dificuldades acrescidas na construção da sua identidade, pois se é aparentemente um facto que a maternidade adolescente ocorre, sobretudo, em meios sociais menos favorecidos (onde fenómenos como a violência doméstica, o desemprego, a pobreza, o alcoolismo se associam frequente e regularmente), já marcados pela exclusão social, também é igualmente facto que a maternidade precoce pode constituir-se como mais um fator de exclusão – a sociedade ao reconhecer o estatuto de mãe adolescente fá-lo de uma forma negativa, ou seja a jovem é reconhecida enquanto mãe, mas tal reconhecimento não lhe traz qualquer compensação.

Gerardo (2004) refere que a maternidade na adolescência pode ser um fator de exclusão, no sentido em que, para a sociedade, por um lado, a adolescência não é um período destinado à procriação, e por outro, havendo procriação nesta altura da vida de um indivíduo ela far-se-á, normalmente, fora da conjugalidade. A maternidade na adolescência pode, por si só, conduzir ao isolamento social, que se acentua sempre que a maternidade precoce concorre para situações de abandono da escola, de rutura familiar, de precariedade habitacional, de desemprego, de monoparentalidade. Todas estas situações, individualmente ou associadas entre si, contribuem para que as adolescentes mães se sintam estigmatizadas socialmente. Mas, a autora refere igualmente que, dependendo da origem social e cultural da adolescente, a maternidade precoce pode funcionar, também como um fator de inclusão.

Estando a maternidade precoce frequentemente associada a meios sociais desfavorecidos e a famílias desestruturadas, em que os fracos recursos económicos das famílias e a existência de um sistema de ensino único (que não considera as especificidades das suas populações) conduzem facilmente a um abandono escolar precoce, não raras vezes, após uma série de insucessos, e à ausência de perspetivas de e para o futuro, para algumas jovens a maternidade pode ser vista como uma valorização

pessoal, porque lhes confere um estatuto específico, que lhes permite aceder ao mundo dos adultos e dar-lhes a perspetiva de futuro que lhes faltava.

# Capítulo II – Metodologia

## 1. Problema e objetivos

Cada pessoa é um ser único, com valores e características individuais próprias, as quais resultam não só da própria personalidade mas também do meio social em que se movimentam, da época em que vivem, das experiências a que esteve sujeito.

Desde o momento do nascimento, e ao longo de toda a sua vida, cada pessoa efetua um percurso de crescimento e desenvolvimento, percurso esse condicionado pelo contexto em que ocorre. A adolescência é, talvez, a fase mais crítica de todo o desenvolvimento humano. O surgimento de uma gravidez e a concretização da maternidade podem comprometer não só a adolescência em si, mas também todas as fases seguintes.

A maternidade precoce não constitui um fenómeno social novo e é relativamente bem tolerada pela atual sociedade ocidental. No entanto, é uma realidade que arrasta consigo consequências intensas, quer para as/os adolescentes que a protagonizam, quer para as suas famílias, pelo que deve merecer toda a nossa atenção.

Apesar de os dados estatísticos nos demonstrarem que a incidência de gravidez/maternidade precoces tem vindo a diminuir, aliás acompanhando os índices de fecundidade e de natalidade registados nas outras faixas etárias que abrangem a idade fértil das mulheres, a verdade é que esta é uma realidade que ainda tem alguma expressão no nosso país. Isto, não obstante o facto de em Portugal, na sequência da implementação da Lei n.º 16/2007 de 17 de Abril, ser possível interromper voluntária e

gratuitamente a gravidez. Na verdade, a realidade do terreno revela que é frequente as adolescentes grávidas optarem por manter a gravidez e concretizarem a maternidade, deixando para trás escola, sonhos, aspirações e a própria juventude.

A nossa própria experiência profissional diz-nos que estas jovens são “mal vistas” pela comunidade em geral, apontadas como modelos a não seguir. No entanto, raramente são auscultadas quanto ao seu próprio ponto de vista, o que pensam e o que sentem relativamente ao facto de terem sido mães adolescentes, o que perderam e o que ganharam, as alegrias e as angústias.

Este projeto surge precisamente no sentido de dar voz a estas jovens e de, com elas, construir um testemunho dessa experiência disruptiva que é a maternidade precoce, que sirva como ponto de partida a um processo de reflexão de outras jovens, com o objetivo de demonstrar que a gravidez e maternidade precoces interferem enormemente no percurso de vida de uma jovem, forçando-a a assumir um papel adulto, para o qual não está preparada, apesar da felicidade e do sentimento de realização pessoal que daí possam advir. Esperamos que, através deste processo, tenhamos conseguido lançar uma brisa de mudança na forma como as participantes perspetivam o seu lugar na sociedade, contribuindo assim para a reconstrução desse mesmo lugar social, quer do ponto de vista pessoal das próprias participantes, quer do ponto de vista da sociedade em geral.

## **2. Abordagem metodológica**

O método consiste no modelo lógico cujas características vão nortear a investigação e determinar que tipo de informação interessa reunir para produzir conhecimento científico. Ou seja, é o conjunto de operações mentais a utilizar para alcançar um conhecimento organizado, claro e relevante.

Coutinho (2004), citando Patton, refere que é essencial que as decisões quanto ao método sejam fundamentadas, o que só é possível se se tiver conhecimento das condições humanas e culturais que enquadram a escolha do investigador e que levam a

que a “investigação se desenvolva sempre num “aqui” e num “agora” ou seja, dentro de um referencial teórico a que se costuma chamar “paradigma””, esclarecendo que o conceito de paradigma foi apresentado pela primeira vez por Thomas Kuhn, em 1962, que o define como um “conjunto de “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções para uma comunidade de praticantes de uma ciência”” (Coutinho, 2004: 437).

Os paradigmas são, pois, “uma forma de dismantelar a complexidade do mundo real” (Patton cit. *in* Coutinho *et al.*, 2009), mas são, também, uma perspectiva diferente de equacionar o mundo e, por isso apresentam características próprias, “que os tornam marcadamente particulares, claramente identificáveis e altamente controversos” (Coutinho *et al.*, 2009: 356-357). Ora, o paradigma em que enquadra a nossa abordagem é o denominado “paradigma socio-crítico”.

Para Alvarado e García (2008), o paradigma socio-crítico surge como resposta aos paradigmas positivista e interpretativo que, durante algum tempo, nortearam a investigação nas Ciências Sociais e Humanas, e pretende ultrapassar o reducionismo e o conservadorismo que caracterizavam os paradigmas atrás referidos, reconhecendo a possibilidade de uma ciência social que não seja nem totalmente empírica nem somente interpretativa e que promova a mudança social a partir do interior das próprias comunidades.

Coutinho e outros. (2009) consideram que o paradigma socio-crítico carrega para as práticas de investigação a conceção ideológica e os valores que estão subjacentes à própria investigação e que condiciona e determina o conhecimento que dela advém.

Baseado nos conceitos-chave da Teoria Crítica, desenvolvida pela denominada Escola de Frankfurt, seguindo os princípios filosóficos preconizados por Jurgen Habermas, que tinham como objetivo último a emancipação do ser humano, o paradigma socio-crítico assume-se como uma unidade dialética entre a teoria e a prática, afirmando a necessidade de uma racionalidade substantiva que inclua os juízos, os valores e os interesses da sociedade, bem como o seu compromisso na e para a sua transformação, a partir do seu interior. O objetivo deste paradigma é a alteração da estrutura das relações sociais, procurando dar resposta aos problemas específicos que a estruturação das

relações sociais origina, partindo da ação-reflexão dos atores sociais envolvidos nessas mesmas relações sociais.

Alvarado e García (2008) referem que, tendo como objetivo promover alterações sociais, dando resposta a problemas específicos existentes no seio da comunidade, envolvendo todos os elementos na procura dessa mesma resposta, o paradigma socio-crítico baseia-se na crítica social com caráter auto-reflexivo, perspectiva o conhecimento como um algo construído por interesses que têm por base as necessidades de cada grupo, pretende a autonomia racional e emancipadora do ser humano, e concretiza-se através da capacitação dos sujeitos para a participação e transformação social. Este paradigma recorre à auto-reflexão e ao conhecimento interior e pessoal para que cada um tome consciência do papel que lhe cabe dentro do grupo. O conhecimento desenvolve-se através de um processo de construção e reconstrução sucessiva da teoria e da prática.

As mesmas autoras reportam-se a Popkewitz, que defende que alguns dos princípios deste paradigma são:

- a) conhecer e compreender a realidade como prática,
- b) unir teoria e prática, integrando conhecimento, ação e valores,
- c) orientar o conhecimento com vista à emancipação do ser humano,
- d) propor a integração de todos os participantes, incluindo o investigador, nos processos de auto-reflexão e de tomada de decisões consensuais, as quais são assumidas em corresponsabilidade.

Assim, a comunidade é um importante campo de trabalho social, no sentido em que é nela e com ela que se dinamizam os processos de participação. A resposta mais adequada à procura de soluções reside na implementação de ações multifatoriais e multidisciplinares ao nível da comunidade.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito deste paradigma têm revelado que o mesmo é eficiente no que à produção de alterações nas comunidades diz respeito, no entanto é de registar que uma das suas limitações reside no facto de as investigações levadas a cabo neste domínio precisarem de um período relativamente longo de tempo para se concretizarem em toda a sua amplitude.



Em síntese, e parafraseando Coutinho e outros (2009), o paradigma socio-crítico, sendo mais dinâmico no modo de observar a realidade, socialmente mais interativo, pela predominância da prática, da participação e da reflexão crítica, mais próximo do real, detendo uma intencionalidade transformadora, assume particular preponderância nas investigações desenvolvidas pelas ciências sociais em geral, e pelas ciências da educação em particular.

Partindo deste paradigma, de cariz mais interventivo e transformador, pretendemos recorrer à metodologia de investigação participativa.

De acordo com Soares (2006), esta é uma metodologia inspirada

“(…) nos contributos das Participatory Rural Appraisal, as quais ilustram uma metodologia ou filosofia de trabalho onde se acentua o carácter qualitativo e interpretativo do trabalho desenvolvido com comunidades, cujos níveis de literacia, fracas competências linguísticas e de relacionamento com o poder, apelavam à utilização de técnicas mais vividas, mais gráficas e mais concretas, de forma a reaver as suas representações e a sua participação” (Soares, 2006: 29).

Soares, apoiando-se no trabalho de Heron, sustenta que a investigação participativa é uma forma de “participação social (...), de autonomia, cooperação e hierarquia com e entre as pessoas” (Soares, 2006: 29), em que as decisões são tomadas de modo partilhado, por todos os intervenientes na mesma investigação. Advoga, também, que entre investigador e investigado deve estabelecer-se uma relação interativa e aberta à mudança, acrescentando que, do ponto de vista metodológico, a investigação desenvolvida nestes moldes constitui-se como

“um espaço intersubjectivo, para onde confluem múltiplas formas práticas, conceptuais, imaginárias e empáticas de conhecimento, através de processos partilhados de produção de conhecimento, entre investigadores e investigados.

É também, um processo de investigação densamente trespassado de significados e valores, em todas as etapas do seu percurso, o que se apresenta como um desafio complexo (...), na medida em que, os significados e valores que estão aí presentes, terão sempre uma dupla interpretação:” (Soares, 2006: 29)

a do investigador e a do investigado.

Na mesma linha de análise, Duarte (2009), propõe o termo investigação participativa, e cita Reason e Bradbury para justificar a sua proposta - “a investigação acção “procura colocar em conjunto a acção e a reflexão, a teoria e a prática, em participação com outros, na procura de soluções práticas para problemas de natureza premente para as pessoas e mais genericamente da prosperidade das pessoas individualmente e das suas comunidades”. (REASON & BRADBURY, 2001, p. 91)” (Duarte, 2009). Continuando, o autor considera “fundamental a dimensão participativa como caracterização deste tipo de pesquisa” (Duarte, 2009), reforçando a sua posição com a perspectiva de Falls-Borda, que defende que, quer os investigadores quer as pessoas objeto dos seus estudos, são seres que sentem e pensam, cujas leituras da vivência partilhada devem ser levadas em consideração, e que preconiza a investigação participativa como um complexo de atitudes e valores que conferem sentido à nossa prática no terreno (Falls-Borda cit. *in* Duarte, 2009).

Lima (2003) refere que a investigação participativa é uma “forma de produção colectiva de conhecimento e acção, o menos organizado possível, (...) que se vai realizando com a preocupação de conhecer sempre melhor, é também tempo e lugar de produção de conhecimento” (Lima, 2003: 329). Para a autora, a produção de conhecimento através da investigação participativa, é estruturada não só pelas teorias explicativas do social, que possibilitam a compreensão da comunidade enquanto um todo (como, por exemplo, os processos de socialização que estão associados a cada classe social, a reprodução (social) intergeracional de modos de ser e estar), mas também pelos contributos do interacionismo simbólico, da fenomenologia e da etnometodologia, no sentido em que perspectiva os atores sociais como parte integrante da comunidade (agentes estruturados e estruturantes), capazes de interpretar o mundo que os rodeia e, constrangidos, capazes de “interagir e dialogar, de reformular conceitos e alterar relacionamentos, o que (...) aponta no sentido do auto-desenvolvimento e do desenvolvimento da comunidade” (Lima, 2003: 332).

Por todas as especificidades aqui elencadas, elegemos a investigação participativa para a realização da nossa investigação.

### 3. Participantes

É frequente, no âmbito das investigações participativas, os sujeitos alvo das mesmas serem referenciados como participantes. Esta particularidade encontra a sua razão de ser no facto de o investigador perspetivar o sujeito como interveniente na investigação e não como um mero objeto de estudo, e assume especial pertinência, tendo em conta que adotamos a metodologia da investigação participativa. Isto porque o participante é um agente ativo no estudo, facultando informação com o objetivo de auxiliar aqueles que se preocupam em melhor compreender as suas condições de vida (Streubert & Carpenter, cit. in Brás, 2010).

Considerando as premissas da metodologia adotada, podemos afirmar que todos os participantes serão, simultaneamente, sujeito e objeto de estudo. Mas, acima de tudo, serão pessoas concretas, detentoras de diferentes pontos de vista relativamente à vivência de um problema comum, pontos de vista esses que serão levados em conta na definição de um projeto que conduzirá à mudança social (senão dos próprios participantes, pelo menos de outros elementos da comunidade que venham a encontrar-se na mesma situação-problema), contribuindo para a construção de um novo conhecimento, com base numa participação efetiva e livre.

Os participantes, ou melhor dizendo, as participantes neste estudo foram três jovens que são/foram mães adolescentes, residentes no concelho da Murtosa, distrito de Aveiro, com idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos.

A partir do normal desenvolvimento da nossa atividade profissional na CPCJ da Murtosa, as jovens foram selecionadas por preencherem o pré-requisito “mãe-adolescente”. Foi efetuada uma primeira abordagem individual, onde as informamos da nossa pretensão de concretizar um trabalho, no âmbito da nossa formação académica, sobre a temática “gravidez e maternidade precoces” e as questionamos sobre a sua disponibilidade para nele participar, dando-lhes a conhecer o modo como o trabalho seria desenvolvido. Foram também informadas de que a sua identidade seria mantida no anonimato, ainda que a informação cedida pudesse ser utilizada. Todas as jovens abordadas aceitaram

participar – as declarações de consentimento esclarecido são apresentadas em anexo (anexo 1).

As participantes, Palmira, de 25 anos de idade, Diana, de 18 anos de idade, e Mafalda, de 16 anos de idade<sup>3</sup>, foram mães de forma involuntária, no sentido em que a gravidez não foi planeada, mas consequência de sexo desprotegido. Mas, a partir do momento em que tiveram consciência do seu “estado de graça”, assumiram a condição de futuras mães de forma voluntariosa, não permitindo, apesar da vulnerabilidade da sua situação, que ninguém condicionasse a concretização do seu desejo de ser mãe.

#### **4. Técnicas e instrumentos de recolha de informação**

Com vista à concretização dos nossos objetivos, socorremo-nos de diferentes técnicas e instrumentos de recolha de informação, nomeadamente entrevista individual semi-estruturada (com registo áudio, de modo a permitir posterior transcrição), técnicas participativas.

Tendo em consideração que a génese deste projeto se encontra no nosso objetivo de concluir o mestrado em Ciências da Educação, na vertente de Educação Social e Intervenção Comunitária, sendo, portanto, exterior ao próprio grupo de participantes, seguindo a recomendação de Guba e Lincoln, referida por Lima (2003), procuramos saber mais um pouco sobre as jovens que aceitaram nele participar. Para tal, recorreremos à técnica da entrevista individual semi-estruturada para recolher informações mais específicas.

---

<sup>3</sup> Os nomes são fictícios.

#### **4.1. Entrevista individual semi-estruturada**

Segundo Haguette, a entrevista é “um “processo de interação social entre duas pessoas, na qual uma delas, o entrevistador, tem por objectivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”” (Haguette cit. *in* Boni & Quaresma, 2005).

Quivy e Campenhoudt (1992) defendem que na entrevista aplicam-se os processos básicos da comunicação e da interação humanas. Quando utilizados corretamente, estes processos possibilitam ao investigador colher, das suas entrevistas, informações e pistas para reflexão ricas e diferenciadas.

A entrevista individual é uma técnica de recolha de dados, largamente utilizada nas ciências sociais, e apresenta as seguintes características: possibilita a obtenção de uma informação rica e profunda, os inquiridos não têm de saber ler nem escrever, possibilita ao investigador avaliar a subjetividade do entrevistado, bem como observar o meio em que este se encontra.

A preparação da entrevista assume particular importância no processo de recolha de informação e exige tempo e determinados cuidados. A saber: o planeamento da entrevista, que não deve perder de vista os objetivos definidos; a seleção do entrevistado, que deve estar familiarizado com o tema em investigação; o agendamento da entrevista, que deve ser feito com antecedência e de acordo com a disponibilidade do entrevistado de modo a garantir a concretização da mesma; as condições de realização da entrevista, que deve salvaguardar o anonimato do entrevistado e a confidencialidade das informações obtidas; e a construção do guião da entrevista (Boni & Quaresma, 2005).

Boni e Quaresma (2005) referem diferentes tipos de entrevista – estruturada, semi-estruturada, aberta, projetiva, com grupos focais, entre outras. Optámos pela entrevista semi-estruturada, já que pretendíamos obter conhecimento sobre um problema específico, as suas causas e consequências.

No entendimento das mesmas autoras, as entrevistas semi-estruturadas conjugam perguntas abertas e fechadas, possibilitando ao entrevistado discorrer sobre o assunto em análise. O investigador deve observar um conjunto de perguntas previamente definidas, mas adotando uma postura semelhante à que assume durante uma conversa

informal. Deve permanecer atento, para, de forma oportuna, orientar o discurso para o tema em análise, colocando perguntas adicionais para elucidar aspetos menos claros ou para reorganizar o contexto da entrevista, evitando assim eventuais desvios ao tema. Este tipo de entrevista permite delimitar o volume de informação, direcionando a informação obtida para os objetivos propostos.

Este tipo de entrevista apresenta as seguintes vantagens: elasticidade no que à sua duração diz respeito, possibilitando o aprofundamento das questões consideradas pertinentes; a interação que se estabelece entre entrevistado e entrevistador promove a espontaneidade das respostas e uma maior abertura e proximidade entre ambos, o que permite ao entrevistador abordar assuntos mais delicados (quanto menos estruturada for a entrevista, maior é a possibilidade de se criar empatia e afetividade entre os dois elementos). Assim, este tipo de entrevista adequa-se particularmente ao estudo dos aspetos afetivos e valorativos dos entrevistados, aspetos estes que fundamentam os significados que cada vivência e situação assume para os próprios. A maior liberdade e as respostas espontâneas dos entrevistados levantam assuntos inesperados os quais se poderão revelar úteis para a investigação (Boni & Quaresma, 2005).

Resta dizer, que foi elaborado um guião, onde estão elencados os aspectos a abordar (anexo 2), o qual serviu de base à aplicação desta técnica de recolha de informação

## **4.2. Técnicas participativas**

Após a concretização das três entrevistas, avançamos para a fase seguinte – a da realização de sessões de grupo.

Apesar de, devido ao número reduzido de participantes, não nos podermos estabelecer como um “grupo de discussão focalizada”, a verdade é que nas diversas sessões foi possível debater não só a temática da gravidez e maternidade, mas outras que, frequentemente, lhe estão subjacentes – a baixa formação académica, a dificuldade de arranjar emprego, a carência económica, a violência (doméstica e entre pares, física e psicológica), a desigualdade de género, a desvalorização pessoal.

Buscando informação sobre o funcionamento dos grupos de discussão focalizada, detivemo-nos num texto de Luciana Kind (2004).

Segundo Kind (2004), os grupos (de discussão focalizada), a partir da interação grupal, produzem dados e percepções, que dificilmente podem ser alcançados fora do grupo. A informação obtida considera a realidade que é o grupo, que é necessariamente diferente da soma das partes. Ou seja, a informação produzida pelo grupo enquanto tal é mais do que a soma das opiniões, sentimentos e perspetivas de cada um dos seus elementos individualmente. A autora estabelece que esta é uma técnica de recolha de dados, na qual o investigador tem, não só, a oportunidade de auscultar diversos sujeitos em simultâneo, bem como a de observar as interações que esses mesmos sujeitos estabelecem entre si, enquanto elementos do grupo. Esta técnica tem como objetivo a obtenção de uma diversidade de “informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um determinado tema” (Kind, 2004: 126).

De acordo com Kind (2004), nesta técnica de recolha de dados, compete ao investigador, assumir a mediação, intervindo na dinâmica grupal sempre que houver desvios ao tema em discussão, sendo necessário que o investigador esteja atento à dinâmica grupal e que tenha capacidade para avaliar os dados sob esta perspetiva e que tenha presente os critérios que devem condicionar a condução da discussão, como sejam a dimensão do grupo, a focalização num tema, a homogeneidade do grupo, a garantia de participação de todos os elementos.

Ao longo das sessões, na qualidade de investigador, tentamos ter presentes as premissas apontadas por Kind, não porque tivéssemos aspirações de nos constituirmos como um grupo de discussão focalizada, mas porque as referidas premissas nos pareceram pertinentes dos pontos de vista da recolha de informação e da construção coletiva de conhecimento.

Foram realizadas cinco sessões informais de grupo, as quais decorreram todas no mesmo espaço. Uma sala de reuniões airosa e bem iluminada, com o equipamento adequado, cedida gratuitamente pela Santa Casa da Misericórdia da Murtosa.

Resta esclarecer que ao longo de todo este processo, desde o primeiro contacto, coligimos as informações mais pertinentes e as nossas impressões pessoais num diário de campo (anexo 3). Trata-se de um registo informal e livre, um exercício de reflexão sobre as interações estabelecidas, as metodologias utilizadas, as dificuldades sentidas, as expectativas concretizadas e até superadas. Não podemos deixar de referir que os registos no diário de campo relativos às sessões de grupo foram elaborados com o apoio dos registos áudio das mesmas, os quais foram efetuados com o conhecimento das participantes e o seu consentimento, com o objetivo de evitar a perda de informação verbal pertinente.

## **5. Breve apresentação dos procedimentos realizados**

### **5.1. Entrevistas individuais**

Cada uma das entrevistas decorreu em casa das participantes, após combinação prévia do dia e da hora – consideramos que seria importante que esta primeira abordagem ao assunto decorresse num espaço em que as participantes se sentissem à vontade, de forma a propiciar um ambiente de abertura e confiança. Embora estivesse delineado um conjunto de perguntas específico (guião), após o primeiro grupo de perguntas, de cariz mais factual (dados biográficos dos elementos do agregado familiar), a conversa fluiu de forma espontânea, com uma ou outra chamada de volta ao assunto em análise. As participantes mostraram-se colaborantes, desinibidas e recetivas. Em todas as entrevistas estiveram presentes os filhos das participantes.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com a autorização das participantes. São apresentadas as suas transcrições em anexo (anexo 4). Para garantir o anonimato das participantes, nas transcrições são omitidos os seus nomes.

Para a concretização das entrevistas foram efetuadas as seguintes diligências:



<b>Data</b>	<b>Diligência</b>	<b>Objectivo</b>
17/07/2014	Deslocação a casa da Mafalda	Aferir da disponibilidade da jovem para participar na investigação
24/07/2014	Deslocação ao local de formação da Palmira	Aferir da disponibilidade da jovem para participar na investigação
24/07/2014	Deslocação a casa da Diana	Aferir da disponibilidade da jovem para participar na investigação
18/08/2014	Contacto telefónico com as três participantes	Agendamento das entrevistas individuais
19/08/2014 (14h30)	Deslocação a casa da Diana	Realização da entrevista
21/08/2014 (14h30)	Deslocação a casa da Mafalda	Realização da entrevista
23/08/2014 (10h00)	Deslocação a casa da Palmira	Realização da entrevista

## **5.2. Sessões de grupo**

Na primeira sessão, as jovens mostraram-se algo tensas, o que pode ser justificado pelo facto de não se conhecerem mutuamente.

A contar com esta tensão inicial, tínhamos recolhido em revistas, aleatoriamente, um conjunto de imagens diversas (anexo 5), que dispusemos em cima da mesa. De seguida solicitamos às jovens que escolhessem três dessas imagens, que de alguma forma, se revelassem significativas para elas, sendo que nós também participaríamos no jogo.

Embora as participantes já nos conhecessem enquanto profissional da ação social, a verdade é que fora deste campo o seu conhecimento é diminuto, pelo que, a título de exemplo, e depois de ter escolhido também duas imagens, tomamos a dianteira e expusemos o significado que cada uma das imagens (escolhidas) tinha para nós e o motivo da sua escolha. Após isto, as jovens demonstraram sentir-se à vontade para falar da sua escolha e assim revelarem um pouco mais de si. A partir da informação veiculada com base nas imagens selecionadas, a conversa dirigiu-se naturalmente para os relatos das suas experiências pessoais.

No final da primeira sessão foi lançado o desafio de pensarem no legado que gostariam de transmitir a outras adolescentes, de forma a alertar para a realidade, nem sempre cor-de-rosa, que é ser-se mãe enquanto ainda se é criança.

Na sessão seguinte, a Mafalda apresentou uma série de propostas que foram amplamente debatidas, no que concerne aos conteúdos a integrar em cada uma delas e à sua exequibilidade.

Na terceira sessão, as participantes chegaram rapidamente ao consenso acerca da ferramenta a construir – gravar um testemunho real, na primeira pessoa, a partir do qual se pudesse dar início a um debate sobre gravidez e maternidade precoces. Assim, optaram por redigir a mensagem que gostariam de transmitir no seu testemunho. A “redação” foi partilhada através da leitura. Mais uma vez, a partilha de experiência decorreu de modo fluido. No final desta sessão, as participantes levaram as suas “redações” para casa, tendo ficado acordado que, se assim o entendessem, poderiam efectuar as alterações que quisessem.

Na quarta sessão, duas das participantes declararam que tinham optado por completar e melhorar os testemunhos redigidos. Foi redigida, em conjunto, uma versão corrigida em termos ortográficos e de construção frásica dos diferentes textos, de forma a torná-los mais perceptíveis para quem os ouve. Foi efetuada nova leitura conjunta e a partir da informação contida nos textos, foram discutidas novas perspetivas do mesmo assunto.

Na quinta e última sessão procedeu-se à gravação audiovisual dos testemunhos. Foi a sessão mais longa e mais descontraída, talvez porque a confiança entre nós cresceu exponencialmente durante estes momentos de partilha.

Ainda, por editar, as gravações foram visualizadas – as participantes sentiram-se algo constrangidas – “nem parece a minha voz”. Para sua segurança, foi-lhes explicado que as imagens seriam editadas de forma a esconder a sua identidade e que a todas seria dada uma cópia da versão final.

O quadro que se segue sintetiza todos os passos que conduziram à concretização das sessões de grupo.

<b>Data</b>	<b>Diligência</b>	<b>Objectivo</b>
17/07/2014	Deslocação a casa da Mafalda	Aferir da disponibilidade da jovem para participar na investigação
24/07/2014	Deslocação ao local de formação da Palmira	Aferir da disponibilidade da jovem para participar na investigação
24/07/2014	Deslocação a casa da Diana	Aferir da disponibilidade da jovem para participar na investigação
24/07/2014	Contacto pessoal com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Murtosa	Aferir da disponibilidade da instituição para ceder um espaço para desenvolvimento das sessões de grupo
25/08/2014	Contacto telefónico com as três participantes	Agendamento da 1.ª sessão de grupo
26/08/2014	Deslocação à Santa Casa da Misericórdia da Murtosa	Levantamento da chave do espaço cedido
27/08/2014 (18h00/19h00)	1.ª sessão de grupo	Estabelecer as bases para uma relação de confiança que permita a concretização dos objetivos da investigação, os quais foram explicados às participantes. A partir da seleção de duas imagens disponibilizadas por nós, as participantes apresentaram-se de forma indirecta e não formal, quebrando, assim, a tensão inicial.
02/09/2014 (18h00/19h00)	2.ª sessão de grupo	Iniciar o debate do tema gravidez e maternidade precoces. Na sequência da explicação dos objetivos da investigação, uma das participantes apresentou várias propostas para a sua concretização.
06/09/2014 (10h30/11h30)	3.ª sessão de grupo	Dar continuidade ao debate e seleccionar uma das propostas apresentadas. As participantes definiram, de forma unanime, gravar um testemunho real, o seu testemunho, o qual deverá ser disponibilizado para apresentação aos jovens. Cada uma das participantes redigiu a mensagem que gostaria de transmitir.
10/09/2014 (18h00/19h00)	4.ª sessão de grupo	Dar continuidade ao debate – partilha de ideias e experiências. As redações das participantes foram, lidas. A apresentação das suas histórias alargou o debate a temas como a violência doméstica e as relações de género.
20/10/2014	5.ª sessão de grupo	Dar continuidade ao debate – gravação do testemunho. Partilha de ideias e de experiências. Definição da forma como se fará chegar o testemunho ao conhecimento dos jovens. Encerramento das sessões.



# **Capítulo III – O processo de investigação: a construção de conhecimento em direção à elaboração de um testemunho coletivo**

A partir do trabalho desenvolvido e do conhecimento prévio existente acerca das participantes e suas famílias, foi possível ir detetando as ideias pré-concebidas das participantes acerca da condição (social) em que se encontram, e através do diálogo e da partilha de pontos de vista parece-nos que foi possível desconstruir algumas dessas ideias. Foi, também, possível identificar algumas das situações descritas na bibliografia consultada, como sejam a importância da família, a reprodução de modelos, a importância dos pares, as questões de género e a violência nas relações, condicionalismos da gravidez e maternidade precoces, entre outros.

## **1. Três jovens mães: semelhanças e dissonâncias**

Nos dias de hoje, todas as participantes se localizam socialmente na classe popular, partilhando características como baixos rendimentos, baixas qualificações, habitações modestas. Surgem referências a desemprego, a dependência de serviços de ação social. No entanto, há aspetos específicos em que esta partilha não se verifica – no abandono escolar, no apoio familiar, na conjugalidade.

De igual forma, no seu passado também é possível identificar semelhanças e dissonâncias. Tal é possível aferir a partir da caracterização individual que efetuamos, a partir da junção do conhecimento *a priori* que detínhamos sobre as participantes e das informações obtidas através das entrevistas realizadas, e que a seguir apresentamos.

### **1.1. Palmira**

Do ponto de vista socio-económico, podemos caracterizar a família de origem da Palmira do seguinte modo: pais casados, com cerca de 20 anos de idade aquando do nascimento da filha (primogénita); pais trabalhadores indiferenciados, com salários baixos e variáveis, sem vínculo laboral formal ou estável, com o primeiro ciclo do ensino básico incompleto, a viver em casa sem as condições mínimas de habitabilidade; pais beneficiários de prestações sociais (Rendimento Mínimo Garantido); agregado com historial de alcoolismo e de violência doméstica.

A Palmira é a primeira de uma fratria de quatro, nasceu em meados de 1989, quando o pai tinha 18 anos e a mãe 19. Os pais, ambos com o 1.º Ciclo do Ensino Básico incompleto, viviam juntos numa casa de construção antiga, com más condições de habitabilidade. A mãe era doméstica e fazia umas horas na área das limpezas e o pai era trabalhador indiferenciado na construção civil, sem vínculo contratual, com hábitos etílicos. A família era utente dos serviços de ação social, beneficiando de medidas como a do Rendimento Mínimo Garantido.

Quando a Palmira tinha 10 anos, a sua mãe abandonou o “lar”, deixando marido e filhos para trás. Quase em simultâneo, o pai foi preso por condução sem carta, entre outras coisas. A Palmira e os irmãos ficaram aos cuidados dos avós paternos, que viviam ao lado. O avô paterno era alcoólico, era violento, física e verbalmente, para com a esposa e os filhos que ainda viviam com eles. Entre os elementos do agregado dos avós havia portadores de incapacidade física e suspeitos de consumo de estupefacientes. A casa estava sobrelotada. As condições económicas eram deficitárias e o agregado dos avós era, também ele, utente dos serviços de ação social.

Aos 11 anos a Palmira frequentava o 5.º ano e tinha a responsabilidade de velar pelos três irmãos quando não estava na escola. Foi nesta altura que começou a namorar com o pai das filhas e atual marido, mais velho que ela quatro anos. Este, de um concelho limítrofe, não fazia parte do seu grupo de amigos da escola, e, apesar de ter andado na escola “tem a quarta classe, não sabe ler nem escrever, só assinar o nome”. Pouco tempo depois, já a ser acompanhada pelos serviços de proteção de crianças e jovens, a Palmira decide abandonar a escola e ir viver com o namorado, em casa da mãe deste, sem que ninguém se lhe opusesse. Aos catorze anos engravida. Os serviços judiciais confiam a sua guarda ao que é hoje seu marido, à data, com 18 anos de idade.

Quando o bebé nasceu, a Palmira já tinha completado quinze anos e carregava consigo a mágoa de ter sido abandonada pela mãe, embora reconheça que a vida com a sua mãe “não era fácil – batia-nos a mim e aos meus irmãos, comprava iogurtes e chocolates e bolachas e escondia-os para depois comer sozinha (mas eu procurava-os e comia com os meus irmãos)”, “quando ela nos batia fazíamos queixa ao meu pai e ele batia-lhe a ela”.

Aos dezassete anos estava novamente grávida, mas quando o bebé nasceu já tinha dezoito anos. Casou com o marido quando batizou a criança mais nova.

A Palmira, apesar de estar feliz por ser mãe, lamenta não ter gozado mais a sua juventude – não lamenta ter tido as suas crianças, mas tem consciência de que a sua vida teria sido bastante diferente se não tivesse sido mãe tão cedo. No entanto, é com orgulho de si mesma que afirma que completou o 9.º ano em agosto de 2014, que “tirou a carta de condução sem ter reprovado” e que tem carro. Diz “só me falta arranjar um emprego”.

Atualmente, a Palmira está desempregada, o seu marido tem contrato a termo numa empresa de inserção (medida do Instituto de Emprego e Formação Profissional), mas está de baixa devido a acidente doméstico. A Palmira foi integrada em curso de formação (para obtenção do 9.º ano) e o marido foi integrado na empresa no âmbito da intervenção dos serviços de acção social locais, na qualidade de beneficiários da medida de Rendimento Social de Inserção. As crianças frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico e a mais velha revela dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. A família vive numa construção ilegal, tipo anexos, construída em terrenos da sogra da

Palmira, mas que tem condições adequadas ao bem-estar da família. A família é acompanhada pela CPCJ por as crianças terem sido sinalizadas por negligência ligeira.

## **1.2. Diana**

Do ponto de vista socio-económico, podemos caracterizar a família de origem da Diana do seguinte modo: pais casados, a mãe tinha 16 anos e pai cerca de 21 anos de idade aquando do nascimento da filha (primogénita); pais operários fabris efectivos, com salários baixos mas estáveis, ela com o 9.º ano completado em horário nocturno, ele com o 6.º ano, a viver em casa com as condições mínimas adequadas de habitabilidade; pais que não recorrem aos serviços de ação social; agregado com historial de alcoolismo e de violência doméstica.

A Diana é a primeira de uma fratria de dois, nasceu em meados de 1996, quando o pai tinha 21 anos e a mãe 17 (acabados de fazer). Os pais, ambos com o 2.º Ciclo do Ensino Básico completo, já trabalhavam quando se deu a gravidez e casaram-se por a mãe se encontrar grávida. Mais tarde a mãe completou o 9.º ano, a “estudar de noite”.

Atualmente são ambos operários fabris efectivos - a mãe recebe o salário mínimo nacional e o salário base do pai ronda os 600 euros. O agregado familiar é composto pela Diana, pelo seu pai, pela sua mãe, pelo seu irmão (nascido em 2007) e pelo seu bebé nascido em 2012, pouco depois de a Diana completar 16 anos. O agregado vive numa construção tipo anexos, a qual está a ser alvo de obras de ampliação a expensas da família e com o apoio da CPCJ, uma vez que só dispõe de um quarto. Tirando a questão da sobrelotação do espaço, a habitação reunia todas as condições necessárias ao bem-estar dos seus ocupantes, apesar de, inicialmente, se tratar de uma construção ilegal (a CPCJ apoiou no processo de legalização). Até ao bebé da Diana nascer, a família não era utente dos serviços de ação social.

O bebé da Diana é fruto de uma relação de namoro que durou pouco mais de dois meses e que terminou assim que a Diana verbalizou que poderia estar grávida. O pai do bebé, com 18 anos quando este nasceu, já não frequentava a escola e não fazia parte do grupo de amigos da Diana (“não eramos amigos, mas eu conhecia-o de o ver passar à minha



porta”). Quando soube da gravidez disse “que o filho não era dele” e que a Diana “tinha andado com outros”, no entanto quando o bebé nasceu foi visitar a Diana ao hospital e procedeu ao registo da criança sem levantar qualquer problema. No entanto, apesar de estar regulado o exercício das responsabilidades parentais, ele não cumpre a pensão de alimentos estipulada judicialmente nem procura estar com a criança.

Quando engravidou, a Diana estava a iniciar um curso de formação profissional, na escola local, que lhe daria uma certificação profissional na área de “empregado de mesa” e a equivalência ao 9.º ano. Dado que o bebé nasceu em Julho, durante a gestação a Diana continuou a frequentar a escola, mais por pressão da CPCJ do que por vontade própria.

Em Novembro de 2012 o bebé foi integrado em creche (onde ainda permanece), beneficiando do apoio da CPCJ, e a Diana voltou para a escola. Os pais da Diana, apesar de desgostosos com a situação, reconheceram a importância de a filha completar o 9.º ano de escolaridade e apoiaram-na no seu retorno à escola.

Em Julho de 2014 a Diana completou o 9.º ano e aguardava a integração, com contrato a termo certo, na empresa onde a mãe trabalha.

O acompanhamento da família pela CPCJ teve início quando a Diana foi sinalizada por estar grávida, e continuou após o bebé ter nascido por se tratar de uma mãe adolescente e haver o risco desta abandonar a escola.

### **1.3. Mafalda**

Do ponto de vista socio-económico, podemos caracterizar a família de origem da Mafalda do seguinte modo: pais casados, com cerca de 20 anos de idade aquando do nascimento da filha (primogénita); pais trabalhadores indiferenciados, com salários baixos e variáveis, sem vínculo laboral formal ou estável, atualmente pai em situação de desemprego, ele com o primeiro ciclo do ensino básico incompleto, ela com o 6.º ano, a viver em casa de habitação social atribuída em Novembro de 2011, com todas as condições de habitabilidade (antes do realojamento viviam em barraca de alvenaria de construção ilegal); pais que recorrem regularmente aos serviços de ação social (Rendimento Social de

Inserção, Programa Comunitário de Apoio Alimentar a Carenciados); agregado com historial de violência doméstica.

A Mafalda é a primeira de uma fratria de três, nasceu no primeiro trimestre de 1998, quando o pai tinha 19 anos e a mãe 20 (acabados de fazer). Os pais já estavam casados. O pai, com o 1.º Ciclo do Ensino Básico completo, já trabalhava e a mãe, com o 2.º Ciclo do Ensino Básico completo, era doméstica.

Atualmente, o pai está desempregado, estando integrado numa autarquia através de um contrato de emprego-inserção (medida do Instituto de Emprego e Formação Profissional), e a mãe continua a assumir-se como doméstica, embora “vá ao rio” com alguma regularidade. Pontualmente, são beneficiários da medida de Rendimento Social de Inserção. O agregado familiar é composto pela Mafalda, pelo seu pai, pela sua mãe, pela sua irmã (nascida em 1999), pelo seu irmão (nascido em 2008) e pelo seu bebé nascido em 2013, pouco antes de a Mafalda completar 15 anos. O agregado vive num apartamento T3 de habitação social, que lhe foi atribuído pelo Município em Novembro de 2011, e que dispõe de todas as condições necessárias ao bem-estar dos seus ocupantes, apesar de neste momento estar numa situação de sobrelotação. Este é um agregado habituado a recorrer aos serviços de ação social.

O bebé da Mafalda é fruto de uma relação de namoro que durou cerca de nove meses e que terminou na véspera do bebé nascer. O pai do bebé, com 18 anos quando este nasceu, já não frequentava a escola e não fazia parte do grupo de amigos da Diana (“era amigo de uns amigos com quem saí, pediu-me em namoro num fim de semana e pediu-me para ter sexo com ele no fim de semana a seguir”). Assumiu sempre a paternidade e, apesar de já não estar com a Mafalda, foi visitá-la ao hospital quando o bebé nasceu e procedeu ao registo da criança sem levantar qualquer problema. O exercício das responsabilidades parentais está regulado, mas o pai não cumpre a pensão de alimentos estipulada judicialmente, embora procure, de forma irregular, estar com a criança, o que a mãe permite.

Quando engravidou, a Mafalda tinha transitado para o 8.º ano. Frequentou a escola durante a gestação, a qual manteve escondida dos pais até ao 5.º mês. A criança nasceu no final do segundo trimestre de aulas do ano letivo 2012/2013, mas a Mafalda conseguiu

transitar para o 9.º ano no final do mesmo. No início do ano letivo seguinte, foi-lhe dada a oportunidade de levar a criança para a escola, para assim poder frequentar as aulas, mas acabou por perder o ano por não ter conseguido atingir os objetivos do programa por ter tido de faltar por diversas vezes para acompanhar a filha.

A Mafalda foi sinalizada à CPCJ quando se descobriu que estava grávida. A criança também foi sinalizada quando nasceu, por ser filha de uma adolescente. Ambos os processos foram, entretanto, arquivados por não subsistir a situação de perigo que lhes deu origem.

Atualmente, a família é acompanhada pela CPCJ por, no último mês do ano letivo de 2013/2014, a Mafalda ter ultrapassado o limite de faltas injustificadas e, conseqüentemente, reprovado.

## **2. Domínios em análise**

### **2.1. A importância da família**

Todas as participantes aludiram à família, o que acaba por refletir a importância que aqueles elementos e a sua opinião têm para elas, são os seus “outros significativos”. O seu apoio, ou a falta dele, foi preponderante para determinar o percurso das jovens.

A partir do discurso da Palmira é possível aferir que a ausência dos pais marcou profundamente o fim da sua infância, conduzindo-a a uma transição abrupta para a vida adulta – iniciou a conjugalidade aos treze anos e a parentalidade aos quinze, não dispondo de formação adequada para garantir o acesso ao mundo do trabalho e à autonomia económica, pelo que passou da dependência económica dos pais para a dependência económica do marido. Neste contexto, a jovem verbalizou “É assim...o meu pai não teve reação nenhuma porque ele ‘tava preso e a minha mãe tinha nos abandonado e eu fiquei com a minha avó.”, “Senti a falta dos meus pais, do seu apoio e arrisquei...nós às vezes fazemos coisas terríveis, depois acontece...”, “Eu não quero ser como a minha mãe, nem pensar nisso [deixar as filhas para trás].”

Já a Diana e a Mafalda, apesar do choque inicial que a notícia da gravidez causou, sentiram-se apoiadas pelos pais, que não permitiram o início precoce da conjugalidade e não permitiram que as filhas abandonassem a escola, “obrigando-as” a completar o 9.º ano de escolaridade. A Diana e a Mafalda sentem que desapontaram os pais e sentem gratificadas por terem o seu apoio.

A Diana afirma: “A minha mãe, não digo que a minha mãe não custou a aceitar, custou...mas o meu pai custou mais.”, “O meu pai ganhou uma depressão e tudo...E agora olha, agora é a alegria dele.”, “Mas depois começou a dizer que me metia pela porta fora e mai[s] não sei quê...”, “A bem dizer quase até ele nascer. Só depois dele nascer é que ele começou a compreender, pronto, começou a entrar na realidade. Mas agora, agora não o larga.”, “A minha mãe foi-me levar a Aveiro, esteve comigo em Aveiro até, por exemplo, até eles dizerem que eu ficava. Eu fiquei e ela veio embora. À hora da visita, quando era a visita lá do internamento, ela ia sempre, nunca me abandonou. Ela andava sempre à roda de mim.”, “Meteu [férias] e me[s]mo quando ele nasceu e eu vim para casa ela meteu duas semaninhas ou o que é que foi...Foi mais para, prontos, para eu me começar a habituar.”, “Os primeiros meses quando ele era pequenino e enquanto ele mamava peito e em que ele chorava muito, quando era bebé, de noite, com as cólicas, eu fiquei aqui com a minha mãe.”. Por oposição, a Palmira revela “[A minha avó] Não reagiu bem...”, “Não, ela sempre falou para mim, mas já não era aquela coisa de...como era antigamente de falar para mim...eu ia raramente lá a casa...”, “Eu não tive a minha mãe para me explicar como é que se tratava das crianças...”, “Fui aprendendo sozinha...”.

A Mafalda refere “Reagiram muito mal [os pais], ‘tiveram uma semana assim tristes e desanimados, mas depois fomos falando com a família [alargada], e a família e os meus pais começaram a apoiar-me.”, “Os meus pais estavam sempre a avisar-me, falavam sempre nesse assunto, mas eu não lhes dei ouvidos.”.

Estas posições vêm corroborar as conclusões de autores como Gonçalves (2012) e Bourdieu (2001, 2004), quando afirmam que a família é um espaço relacional e simbólico a que são intrínsecos conceitos como o de amor, respeito, fraternidade, entre outros. Validam, também, a posição assumida por Relvas e Lourenço (2001) ao defenderem que a família para evoluir, enquanto sistema social, necessita de mudança e esta só ocorre na

sequência de momentos de crise ou rutura – a gravidez da Mafalda e da Diana e a conjugalidade da Palmira constituíram momentos de crise, que nos primeiros casos foram ultrapassadas positivamente e que no segundo reforçou a desestruturação em que a família já se encontrava.

Mas a família tem, também, as suas influências nefastas – ao longo dos seus relatos, as participantes vão demonstrando que há ciclos nas histórias das famílias que se repetem.

Nas famílias de todas as participantes é possível identificar fatores de exclusão – baixas qualificações, desemprego/emprego precário, alcoolismo, violência doméstica:

Palmira – “Eu disse que não queria ir para a escola e eles optaram então por eu não ir...”, “Sim [estou desempregada].”, “Ele batia-me, eu também lhe batia.”, “Aconteceu quatro vezes.”, “O meu pai batia na minha mãe e ela batia nele, ele batia mais.”, “O meu avô e os meus tios batiam uns nos outros, com o vinho...”, “O meu pai bebia mas não era todos os dias.”, “Os pais da minha mãe bebiam os dois.”;

Diana – “Sei que a minha mãe engravidou quase com a minha idade [com 16 anos].”, “Já vi muitas vezes o meu pai bater à minha mãe, já passou muitas com ele...”, “Há dois anos ainda vi o meu pai bater à minha mãe.”, “Ele também mete-se no vinho...”, “Quando era mais novo, o meu avô [paterno] também batia à minha avó.”;

Mafalda – “Quando eu era mais pequena o meu pai batia na minha mãe, mas agora não.”, “A minha mãe foi ao tribunal e tudo...desde aí nunca mais bateu na minha mãe.”, “Os meus avós da parte do meu pai era quase todos os dias violência, mesmo física.”, “Da parte da minha mãe, era o meu avô que batia à minha avó, e ela às vezes não se ficava. Até houve um ponto em que a minha avó chancou-lhe uma navalha...”, “Só quando ele adoeceu é que nunca mais lhe bateu.”, “Da parte da minha mãe tenho tios que sim...”, “Muitas vezes é a bebedeira que provoca...”.

Estas declarações das participantes vêm confirmar a posição de Bourdieu (2001, 2004), quando estabelece que a família é fruto de condições sociais pré-existentes, assumindo um papel preponderante na manutenção da ordem social e na reprodução da estrutura da sociedade.

Aliás, a análise do contexto social em que as famílias das participantes se enquadram vem reforçar a ideia de que a gravidez e a maternidade na adolescência ocorre, sobretudo, em

contexto de pobreza e exclusão social como suportam Canavarro e Pereira (2001) e Ferreira (2008), onde coexistem fatores como a baixa escolaridade, o desemprego ou emprego precário. E não nos podemos esquecer que a maternidade precoce, devido aos condicionalismos intrínsecos, impõe por si só, um reforço da situação de pobreza – a monoparentalidade, as baixas qualificações académicas, a reduzida rede de suporte familiar, que frequentemente lhe estão associadas (Ferreira, 2008), condicionam o acesso ao trabalho e, conseqüente, o nível de rendimentos. Para além disso, os ambientes de pobreza não permitem o desenvolvimento de um ambiente familiar harmonioso (as famílias de todas as participantes apresentam traços marcados de disfuncionalidade, uns mais recentes que outros) e condicionam a adequação dos cuidados parentais (sobretudo no que diz respeito à vigilância e acompanhamento dos filhos), e a comunidade em que as famílias estão integradas são igualmente pobres, quer economicamente, quer socialmente, quer, ainda culturalmente.

Aapesar do transtorno e do desgosto provocados pela gravidez precoce das filhas, a interrupção da gravidez nunca foi uma possibilidade real, o que confirma a ideia de que os custos da gravidez são perspetivados efetivamente como baixos. Relativamente à interrupção da gravidez, todas as participantes declaram claramente que tal situação nunca foi uma opção – “Mas eu nunca quis, porque por exemplo se fosse o caso, se eu fizesse um aborto se calhar hoje andava sempre a pensar na asneira que eu fiz... e mesmo eu não queria abortar.” (Diana), “Não passou, porque eu sou contra o aborto e contra a adoção.” (Mafalda); “mas então...aconteceu, não ia pôr abaixo...” (Palmira).

Quanto à transgeracionalidade do fenómeno (Canavarro & Pereira, 2001), quer parecer-nos que ela está presente na situação de cada uma das jovens participantes – as mães da Mafalda e da Palmira tinham 19 anos quando as filhas nasceram, e, se no contexto e realidades sociais em que as mesmas se moviam esta não era considerada uma idade precoce para a maternidade, já do ponto de vista do desenvolvimento biológico não podemos esquecer que se considera que a adolescência só termina por volta dos vinte anos; já no caso da Diana não há espaço para dúvidas, já que mãe e filha foram mães aos dezasseis anos.

## 2.2. Os pares e a vivência da sexualidade

Relativamente a este assunto, todas as participantes corroboraram a ideia de que a sexualidade na adolescência é vivida com um elevado grau de inconsciência – não se tomam precauções, leia-se não se usam métodos contraceptivos, porque “não os conhecem” (Palmira: “eu não tinha consciência de que existiam precauções...só quando fiquei grávida...quando me disseram devias ter tomado isto, feito aquilo...depois do mal já estar feito”), porque “ele não quis” (Mafalda: “eu ainda perguntei se ele queria usar o preservativo mas ele não quis”; Diana: “ele não quis usar preservativo”).

Do ponto de vista da afetividade, todas as participantes revelaram alguma ambivalência relativamente aos relacionamentos que as conduziram à maternidade. Curiosamente, nenhuma utilizou o termo “fazer amor”. A primeira relação sexual aconteceu “porque quis”(Diana), “fui viver com ele aos 13 anos” (Palmira), ou, como no caso da Mafalda, porque os amigos pressionaram – “eu não queria [ter relações], mas os meus amigos disseram coisas e eu fui, na confiança” e “tive vergonha [de dizer que não queria]”, [se dissesse que não] nesse dia podia ficar a pé porque foi numa noite que sai com esses amigos (...) e eles disseram se não fizesse a pé”.

Neste âmbito, as declarações das participantes vão ao encontro da perspetiva de Lemos e Leandro (2004) de que a sexualidade e a sua vivência, ainda, é condicionada pelos valores tradicionais o que, muitas vezes, inviabiliza a discussão assertiva e natural do assunto no seio familiar, e de que o grupo de pares pode funcionar como grupo de pressão. As mesmas declarações também reforçam a posição de Marques (2007), quando postula que as primeiras relações sexuais, atualmente, constituem uma etapa autónoma e precoce da sexualidade, sem relação direta com a assunção do casal enquanto tal.

A desigualdade de género, nos relacionamentos das participantes, manifestou-se, sobretudo, na prevalência das opiniões e das posições dos seus parceiros – “eu ainda perguntei se ele queria usar o preservativo mas ele não quis”, “Acho que ele não teria aceitado um não ao pedido de sexo...” (Mafalda); “ele não quis usar preservativo” (Diana).

Todas as participantes vivenciaram nas suas relações alguma forma de violência (Diana: “Só levei uma vez uma chapada dele, senti-me mal mas não fiz nada, já estávamos

chateados.”; Mafalda: “Aos sete meses de gravidez ele desprezava-me (...)”; Palmira: “ele bateu-me e eu bati-lhe a ele”, “aconteceu quatro vezes, a última eu estava grávida da minha mais nova”), e, no nosso ponto de vista, é possível que a violência tenha origem nas tensões geradas pelo individualismo que caracteriza a nossa sociedade, à semelhança do que defende Carvalho (2010). Foi, também, possível aferir, sobretudo a partir do relato da Palmira, alguma ambivalência de sentimentos e incapacidade de se porem no lugar do outro – “não ‘tou para aturar vinho de ninguém, não aturei o do meu avô e fugi cedo”, “não ‘tou para andar a aturar isto”, “já pensei deixar tudo e pegar nas minhas filhas e ir embora”, “eu gosto dele, mas será que ele gosta de mim o suficiente, como eu gosto dele?”.

### **2.3. A maternidade com forma de valorização social**

Dos relatos das participantes é possível concluir que não houve, em qualquer das situações, a intenção de engravidar – “Eu namorei um mês e tal práí. Eu não sabia que estava grávida” (Diana), “Nós, depois da relação, mantivemos [o namoro] três semanas e depois terminamos...e depois descobri que estava grávida” (Mafalda), “aconteceu...”, “eu juntei-me com ele com treze a fazer os catorze, tinha práí um ano que estávamos juntos quando eu engravidei” (Palmira), mas também não houve um desejo consciente de evitar a gravidez, já que nenhuma das participantes usou qualquer método contraceptivo. Isto dito, parece-nos claro que a maternidade não foi objetivada por estas jovens como um meio para se valorizarem socialmente. No entanto, o papel de mãe, nestas jovens, assume particular prevalência sobre os outros – “Agora é trabalhar, que é o que eu quero, e ter as minhas coisinhas e vê-lo crescer” (Diana), “o meu pensamento já é outro...fui mãe, agora penso em trabalhar, em ter as minhas coisas, em ter o meu trabalho, em organizar a minha vida com a minha e poder dar-lhe tudo o que eu posso...” (Mafalda), “as minhas filhas vão comigo, as minhas filhas eu não deixo lá” (Palmira).

De facto, ser mãe é a condição que mais contribuiu para a construção da sua atual identidade, pessoal e estatutária, validando-se, assim, a perspetiva de Gerardo (2002, 2004, 2006).



A juventude é assumida, apenas, pela perspectiva da idade e não pelo estatuto que lhe está socialmente conferido - “eu não vou aos bares [praia], já não são p’ra mim” (Diana), “eu engravidei logo e já não tive aquelas coisas como os jovens...de liberdade...” (Mafalda), “eu às vezes penso podia estar solteira ainda, poderia viver a minha vida e assim”(Palmira).

É claro para nós que a gravidez nunca constituiu uma vergonha para estas jovens, à exceção da Diana. A partir do momento em que foi aceite pelas famílias, a gravidez constituiu um motivo de orgulho – a Palmira disse peremptoriamente “Não [nunca tive vergonha de estar grávida].”, a Mafalda disse que apenas se sentiu “triste porque sabia que tinha amigos que iam discriminar-me por ser mãe jovem, mas depois não”. A Diana, por seu turno, disse “Isso [ir para a escola grávida] é que foi a maior vergonha, não é que fosse vergonha, né?! Mas pronto...”.

Contudo, nos seus testemunhos, todas se revelam bastante conscientes e seguras da sua condição de mãe e já não equacionam a sua existência sem os filhos, já que as suas expectativas para o futuro passam todas pelo bem-estar dos filhos – Diana: “Agora é trabalhar, que é o que eu quero, e ter as minhas coisinhas e vê-lo crescer.”, “Que seja feliz, que goste da mãe e dos avós.”, Mafalda: “Quero trabalhar, ter as coisas agora como estão, ter só esta filha que eu tenho, pensar duas vezes antes de cometer erros (...)”, “em organizar a minha vida com a minha filha e poder dar-lhe tudo o que eu posso...”, “eu gostava de poder construir uma família, ter a minha casa com o meu namorado e a minha filha, e ter um carro para poder deslocar-me e também ter um trabalho...na fábrica do meu namorado”, Palmira: “O que eu desejo...muita saúde...e dinheiro...e que dure muito para criar as minhas filhas e p’ra mais coisas...”, “E tam[b]ém quero arranjar trabalho...”, “quero que elas estudem”, “eu sonho tanta coisa”.

Quanto ao tipo de mãe (Gerardo, 2002, 2003, 2006), as participantes parecem integrar-se no tipo “mãe-adolescente”, assumindo a responsabilidade do estatuto de mãe, e deixando para trás algumas das características da adolescência. Curiosamente, a mais velha é aquela que mais referências faz à liberdade e juventude perdidas. Talvez a explicação para isto (de ser a mais velha a lamentar mais não manter o estatuto de adolescente), resida no facto de ter experienciado a conjugalidade muito cedo e de ainda

a manter com a mesma pessoa com que a iniciou – esta jovem passou da infância à idade adulta, não chegou a ser adolescente, por uma triste conjugação de injustiças da vida e de decisões impulsivas e irrefletidas.

### **3. Convergências e divergências dos resultados face à recolha bibliográfica**

Analisando os discursos das participantes à luz da recolha bibliográfica efectuada, é possível encontrar situações de convergência e situações de divergência.

As convergências identificadas surgem nos seguintes domínios:

Más condições económicas – todas as participantes referem a existência de dificuldades económicas no seu núcleo familiar, devido à falta de formação e à precariedade laboral (Canavarro & Pereira, 2001; Ferreira, 2008);

Famílias disfuncionais – todas as participantes relataram a existência de violência doméstica no seu núcleo familiar, a existência de consumos excessivos de álcool (Canavarro & Pereira, 2001; Ferreira, 2008);

Insucesso escolar – todas as participantes apresentam reprovações no seu percurso académico, baixo rendimento escolar, encaminhamento para percursos escolares alternativos. Existe, mesmo, uma referência a abandono escolar (Canavarro & Pereira, 2001; Ferreira, 2008);

Relações sexuais desprotegidas – todas as participantes engravidaram sem quererem, nenhuma das gravidezes foi planeada (Almeida, 2003);

Isolamento social – todas as jovens referiram sentirem-se presas, impedidas de manterem as suas relações sociais, por terem de colocar as necessidades dos filhos em primeiro lugar (Ferreira, 2008).

Os domínios onde identificamos divergências foram os seguintes:

Baixa auto-estima – nenhuma das participantes revelou uma auto-estima baixa, e apenas uma delas revelou alguma insegurança. Todas se mostraram à vontade com a sua situação, e a mesma só provocou embaraço enquanto os pais tiveram conhecimento da mesma (Gerardo, 2002, 2004, 2006; Canavarro & Pereira, 2001);

Maternidade para alterar estatuto – apenas uma das participantes parece ter querido alterar o seu estatuto conscientemente, mas não o fez através da maternidade e sim através da conjugalidade, as outras são mães por incosequência no momento da consumação do acto sexual e por consequência do exercício da responsabilidade de terem gerado uma vida (nenhuma equacionou o aborto, todas decidiram ter e manter a criança assim que souberam estar grávidas) (Gerardo, 2002, 2004, 2006);

Abandono do meio familiar – apenas a participante que experienciou a conjugalidade verbalizou ter “fugido” do meio familiar, as outras assumem abertamente sentirem-se bem em casa dos seus pais e pretendem permanecer com eles a curto prazo (Gerardo, 2002, 2004, 2006).

Apesar de tudo, consideramos que, de uma forma geral, o trabalho desenvolvido com as jovens veio validar as construções teóricas existentes sobre a maternidade na adolescência.

#### **4. Menina e mãe – o testemunho**

Estas jovens pensam que ser mãe trouxe responsabilidades e mudanças para as suas vidas, mas estão felizes por terem os seus filhos a seu lado, se pudessem alterar alguma coisa alteravam só a idade com que foram mães e não a condição de o serem (Diana: “Não me deixava envolver, mas apesar de tudo estou feliz por ter o meu filho.”, Mafalda: “Mudava, pensava duas vezes antes de ter feito e não me deixava ir pelos amigos dele...”, Palmira: “Isso aí, se calhar não...[ir viver tão cedo com o pai das filhas]”, “eu às vezes penso podia estar solteira ainda, poderia viver a minha vida e assim, olha...eu não ‘tou arrependida, né, mas...” – e é aqui que começa a desconstrução dos nossos preconceitos,

que equacionávamos a gravidez e maternidade precoces apenas como um problema, um fator de exclusão, um estigma.

Estas jovens sentem-se, tão-somente, limitadas no exercício da sua liberdade, por opção e por imposição das circunstâncias, forçadas a reconstruir, para si, uma nova posição no seu contexto social e a mudarem a sua forma de estar e ser.

O testemunho – um filme de cerca de vinte minutos, é o resultado visível (e visualizável), do debate construído ao longo das sessões de grupo.

É o produto de um processo de negociação participado, mas simples, que teve a sua origem na apresentação de várias proposta de trabalho. Estas propostas foram todas apresentadas pela mesma participante, mais ativa comparativamente às outras. No entanto, as restantes participantes trouxeram contributos e atributos diversos ao debate, já que todas se envolveram neste processo, de peito aberto.

O testemunho que deixam, mais que alertar para as consequências de uma sexualidade algo irresponsável, é uma mensagem de orgulho, uma demonstração de carisma, um grito de afirmação – talvez chegue a provocar uma mudança, uma mudança na forma como nós, os outros, as vemos.

Elas são meninas e mães...

## Conclusão

Desenvolver esta investigação revelou-se um exercício árduo do ponto de vista intelectual e profissional, porque forçou a uma reavaliação constante das perspetivas, dos conceitos e preconceitos, da prática profissional e de investigação. Implicou aproximação e distanciamento simultâneos.

Foram muitas as dificuldades. O tema é interessante, mas a condição social em análise é passageira, o que dificulta a perspetivação das participantes enquanto comunidade, nem elas se sentem como tal. Outra das limitações é a fraca capacidade que estas jovens, devido a todos os condicionalismos, apresentam para elaborar pensamentos abstratos. Como vivem no plano do imediato, raramente são capazes de equacionar a sua situação de forma mais analítica – quando perguntamos “o que pensas sobre...” a resposta mais frequente é “não sei”, simplesmente porque nunca pensaram nisso. Também não podemos deixar de referir que a mudança social, que é o objetivo máximo deste tipo de projecto de investigação, normalmente não é algo que se possa aferir num espaço curto de tempo – as mudanças sociais precisam de tempo para amadurecerem e darem frutos, o que não é compatível com o tempo de um ano letivo. Mas, para nós, a maior dificuldade residiu no facto de termos o nosso espírito de aluno/investigador formatado para a investigação tradicional das Ciências Sociais e foi um esforço enorme obrigar os nossos processos mentais a seguirem por caminhos desconhecidos.

Contudo, apraz-nos pensar que ganhamos muito em todo este processo – não se tratou só de (tentar) concretizar mais uma etapa no nosso percurso académico, acabou por ser uma etapa de crescimento pessoal.

Estas jovens, que já “conhecíamos”, que classificamos sucessivamente a cada informação, a cada relatório, mostraram que há muito mais para além daquilo que “o olhar técnico”

vê. Cada uma delas é um “tratado” no que respeita a experiência de vida, e teriam muito a ensinar se se fizessem ouvir.

Esperamos, sinceramente, que esta investigação se constitua como um veículo da sua mensagem. Esperamos, também, que o tempo que passamos juntas e as ideias que partilhamos as tenham enriquecido tanto quanto a nós.

# Bibliografia

ALMEIDA, José (2003). *Adolescência e maternidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (2.ª edição).

ALVARADO, Lusmidia & GARCÍA, Margarita (2008). Características más relevantes del paradigma socio-crítico: su aplicación en investigaciones de educación ambiental y de enseñanza de las ciencias realizadas en el Doctorado de Educación del Instituto Pedagógico de Caracas. *Sapiens. Revista Universitaria de Investigación*, Año 9, No. 2, diciembre 2008, pp.187-202. Caracas.

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=41011837011>

BONI, Valdete & QUARESMA, Sílvia Jurema (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese – Revista electrónica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol.2 n.º1(3), janeiro-julho/2005, pp. 68-80.

<http://moodle.ua.pt/course/view.php?id=8749>

BOURDIEU, Pierre (2001). *Razões práticas sobre a teoria da acção*. Oeiras: Celta Editora.

BOURDIEU, Pierre (2004). *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século.

BRÁS, Cláudia P. C. (2010). *Promoção da saúde de grávidas adolescentes: um projecto de intervenção*. Projecto apresentado à Universidade de Aveiro no âmbito da obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação – Educação Social e Intervenção Comunitária. Aveiro.

<http://ria.ua.pt/handle/10773/3705>

CANAVARRO, Maria Cristina & PEREIRA, Ana Isabel (2001). Gravidez e maternidade na adolescência: perspectivas teóricas. Capítulo 13, pp. 323-357. In CANAVARRO, Maria Cristina (coordenação) (2001). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

CARVALHO, Rita (2010). *Amores em (des)construção – práticas e representações de jovens sobre o amor e as relações amorosas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Planeamento. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia. Lisboa.

CLAES, Michel (1985). *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo

COUTINHO, Clara Pereira (2004). Quantitativo versus qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação. *Actas do XVII Colóquio ADMEE-Europa "A avaliação de competências: reconhecimento e validação de aprendizagens adquiridas pela experiência"*, pp. 436-448. Lisboa.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6469>

COUTINHO, Clara Pereira, SOUSA, Adão, DIAS, Anabela, BESSA, Fátima, FERREIRA, Maria José Rodrigues Cunha & VIEIRA, Sandra Regina (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, XIII, 2, pp.355-379. Colégio Internato dos Carvalhos.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10148>

DUARTE, José B. (2009). Investigação participativa, um género menor?. *Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins*, Vol. 1, n.º1, Setembro 2008/Febrero 2009 (sem paginação).

<http://www.entrelugares.ufc.br/antigo/numero1/sumario.html>

FERREIRA, Pedro Moura (2008). A maternidade precoce: tendência e perfis. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, Vol. 26, N.º 1 – Janeiro/Junho 2008, pp. 63-76.

GERARDO, Filomena (2002). A construção identitária das mães adolescentes. *Actas do Colóquio Internacional "Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas"*, pp. 167-172. Lisboa: Associação Portuguesa Sociologia.

[www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR49f72c2b69096\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR49f72c2b69096_1.pdf)

GERARDO, Filomena (2004). Maternidade na adolescência: uma forma de integração social e/ou exclusão social. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais "A Questão Social no Novo Milénio"*. Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Centro de Estudos Sociais. Coimbra.

[www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/FilomenaGerardo.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/FilomenaGerardo.pdf)

GERARDO, Filomena (2006). A maternidade na adolescência constrói diferentes modos de ser-se mãe: "adolescente-mãe", "mãe adolescente", "mãe-amiga" – construção identitária e integração social. *Cidades – Comunidades e Territórios*, Dez. 2006, n.º 12/13, pp. 121-133.

GUERREIRO, Maria das Dores, ABRANTES, Pedro & PEREIRA, Isabel (2007). Transições na juventude. Percursos e descontinuidades. In GUERREIRO, Maria das Dores, TORRES, Amália Cardoso & CAPUCHA, Luís (2007) (Orgs). *Quotidiano e qualidade de vida, Portugal no contexto europeu*, vol. III. Lisboa: Celta Editora, pp. 237-260.

[http://www.academia.edu/3024559/Transi%C3%A7%C3%B5es\\_na\\_juventude\\_percursos\\_e\\_descontinuidades](http://www.academia.edu/3024559/Transi%C3%A7%C3%B5es_na_juventude_percursos_e_descontinuidades)



GONÇALVES, Maria Manuela Bento (2012). *Educação, trabalho e família – trajectórias de diplomados universitários*. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisboa.

KIND, Luciana (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, v. 10, n. 15, pp. 124-136, Junho.

[http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20041213115340.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041213115340.pdf)

LEMOS, Armanda Eulália Lopes & LEANDRO, Maria Engrácia (2004). Sexualidade e gravidez na adolescência – Um estudo de caso. *Actas dos Ateliers do V Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção, Atelier: Corpo e Sexualidade*. Universidade do Minho, Departamento de Sociologia, Centro de Investigação em Ciências Sociais. Braga.

[http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.aps.pt%2Fcms%2Fdocs\\_prv%2Fdocs%2FDPR4616d4899eb9e\\_1.doc&ei= OFGVLbGI9XtatiVgugD&usg=AFQjCNECLN7wU B xlx93Uhwe7vLiZ CkQ&bvm=bv.77880786,d.d2s](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.aps.pt%2Fcms%2Fdocs_prv%2Fdocs%2FDPR4616d4899eb9e_1.doc&ei= OFGVLbGI9XtatiVgugD&usg=AFQjCNECLN7wU B xlx93Uhwe7vLiZ CkQ&bvm=bv.77880786,d.d2s)

LIMA, Rosa de Jesus de Sousa (2003). *Desenvolvimento levantado do chão...com os pés bem assentes na terra – desenvolvimento local, investigação participativa, animação comunitária*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Porto.

<http://hdl.handle.net/10216/53042>

MARQUES, Ana Cristina (2007). *A primeira relação sexual: contextos e significados*. CIES e-Working Paper n.º 32/2007 (sem paginação). ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Lisboa.

<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/525>

MARTINS, António Maria (1993). A problemática da juventude em Portugal e as funções da escola enquanto instituição. *Cadernos de Análise Socio-Organizacional da Educação*. Universidade de Aveiro, Área da Sociologia da Educação e Administração Escolar, Secção Autónoma de Ciências da Educação. Aveiro.

PAIS, José Machado (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), pp. 139-165.

PAPPÁMIKAIL, Lia (2010). Juventude(s), autonomia e sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, vol. XX, 2010, pp. 395-410. Porto.

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8809.pdf>

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc van (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

RELVAS, Ana Paula & LOURENÇO, Madalena de Carvalho (2001). Uma abordagem familiar da gravidez e da maternidade. Perspectiva sistémica. Capítulo 4, pp. 105-132. In CANAVARRO, Maria Cristina (coordenação) (2001). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora

SOARES, Natália Fernandes (2006). A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1, pp.25-40, Jan/Jun.

<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/soares.pdf>

SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrew (2003). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (3.ª edição)

STOËR, Stephen (2008). A genética cultural da “reprodução”. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 26, pp. 85-90.

**Páginas de internet/sites consultados:**

<http://moodle.ua.pt/course/view.php?id=8749>

<http://www.homme-moderne.org/societe/socio/bourdieu/questions/jeuness.html>

# Anexos



## **Anexo 1 – Consentimientos esclarecidos**

## CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorrecto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

**Título do estudo:** Maternidade na adolescência.

**Enquadramento:** Investigação desenvolvida no âmbito de apresentação de projecto à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária.

**Explicação do estudo:** Será efectuada entrevista individual, seguida da realização de sessões informais de grupo, com o objectivo de recolher informação sobre a problemática da maternidade na adolescência, tendo em consideração que as participantes experienciaram essa situação. As participantes foram seleccionadas por terem passado por essa situação específica, a partir dos processos acompanhados pela investigadora, no âmbito das funções profissionais que desempenha na CPCJ da Murtosa.

**Condições e financiamento:** Não haverá lugar a qualquer pagamento compensatório a qualquer título. Esta é uma investigação académica sem qualquer financiamento. A participação é de carácter voluntário, e não haverá qualquer prejuízo para as participantes, no caso de decidir não participar ou de desistir a meio da investigação

**Confidencialidade e anonimato:** São garantidas a confidencialidade e a utilização exclusiva dos dados recolhidos para o presente estudo. É garantido o anonimato e todos os contactos serão feitos em ambiente de privacidade.

Grata pela sua disponibilidade e colaboração.

Ana Paula Rendeiro  
Aluna de mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro  
Endereço electrónico: anarendeiro@ua.pt

**Assinatura:**

Ana Paula Rendeiro

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome:

SA

Assinat

SA

Data: 11 / 01 / 2016

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR UMA PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO:  
UMA VIA PARA A INVESTIGADORA, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

## CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorrecto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

**Título do estudo:** Maternidade na adolescência.

**Enquadramento:** Investigação desenvolvida no âmbito de apresentação de projecto à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária.

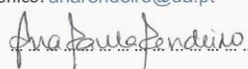
**Explicação do estudo:** Será efectuada entrevista individual, seguida da realização de sessões informais de grupo, com o objectivo de recolher informação sobre a problemática da maternidade na adolescência, tendo em consideração que as participantes experienciaram essa situação. As participantes foram seleccionadas por terem passado por essa situação específica, a partir dos processos acompanhados pela investigadora, no âmbito das funções profissionais que desempenha na CPCJ da Murtosa.

**Condições e financiamento:** Não haverá lugar a qualquer pagamento compensatório a qualquer título. Esta é uma investigação académica sem qualquer financiamento. A participação é de carácter voluntário, e não haverá qualquer prejuízo para as participantes, no caso de decidir não participar ou de desistir a meio da investigação

**Confidencialidade e anonimato:** São garantidas a confidencialidade e a utilização exclusiva dos dados recolhidos para o presente estudo. É garantido o anonimato e todos os contactos serão feitos em ambiente de privacidade.

Grata pela sua disponibilidade e colaboração.

Ana Paula Rendeiro  
Aluna de mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro  
Endereço electrónico: [anarendeiro@ua.pt](mailto:anarendeiro@ua.pt)

**Assinatura:**  .....

-0-

*Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.*

Nome: ..  
Assinatu

AS  
el

ues

Data: 24/07/2014

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR UMA PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO:  
UMA VIA PARA A INVESTIGADORA, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

## CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorrecto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

**Título do estudo:** Maternidade na adolescência.

**Enquadramento:** Investigação desenvolvida no âmbito de apresentação de projecto à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária.

**Explicação do estudo:** Será efectuada entrevista individual, seguida da realização de sessões informais de grupo, com o objectivo de recolher informação sobre a problemática da maternidade na adolescência, tendo em consideração que as participantes experienciaram essa situação. As participantes foram seleccionadas por terem passado por essa situação específica, a partir dos processos acompanhados pela investigadora, no âmbito das funções profissionais que desempenha na CPCJ da Murtosa.

**Condições e financiamento:** Não haverá lugar a qualquer pagamento compensatório a qualquer título. Esta é uma investigação académica sem qualquer financiamento. A participação é de carácter voluntário, e não haverá qualquer prejuízo para as participantes, no caso de decidir não participar ou de desistir a meio da investigação

**Confidencialidade e anonimato:** São garantidas a confidencialidade e a utilização exclusiva dos dados recolhidos para o presente estudo. É garantido o anonimato e todos os contactos serão feitos em ambiente de privacidade.

Grata pela sua disponibilidade e colaboração.

Ana Paula Rendeiro  
Aluna de mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro  
Endereço electrónico: [anarendeiro@ua.pt](mailto:anarendeiro@ua.pt)

**Assinatura:**  .....

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: ...   
Assinatur  , Data: 24 / 07 / 2014

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR UMA PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO:  
UMA VIA PARA A INVESTIGADORA, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE



## **Anexo 2 – Guião da entrevista**



# GUIÃO DE ENTREVISTA

## Identificação

Como te chamas?

Que idade tens?

Qual é o teu estado civil? Vives com alguém?

Que escolaridade tens?

Qual é a tua situação profissional?

Com quem vives? Quais as suas idades? Qual estado civil? Quais as habilitações académicas? Que situações profissionais?

## Percurso de vida

**Gostaria que falasses um pouco sobre o teu percurso de vida, começando quando eras bebé.**

Onde nasceste?

Que idade tinham os teus pais quando nasceste?

Quantos irmãos tens? Qual é a tua posição?

Onde viveste? Viveste sempre cá?

**Podes falar-me um pouco sobre o período antes de entrares na escola?**

Quem tomava conta de ti quando eras bebé?

Frequentaste creche ou jardim-de-infância?

**E como te recordas do período em que andaste na escola?**

Como foi a tua integração na escola?

E o teu desempenho escolar? Chumbaste alguma vez?

Gostavas de andar na escola?

Saíste com que idade da escola? E com que escolaridade? E porquê?

Gostavas de ter continuado?

**E como ocupavas os teus tempos livres?**

Quando eras criança?

E quando eras adolescente?

**Tiveste “namoros de escola”?**

Com que idade começaste a namorar?

Pertencia ao teu grupo de amigos? Andava contigo na escola?

**Como é que vês a tua vivência até aqui?**

Como foi a tua infância?

E a tua adolescência?

(Consideras que foste feliz?)

### **Relativamente à tua gravidez:**

Namoravas com o pai do teu filho quando engravidaste?  
Foi acidental ou planeada?  
Foi desejada ou indesejada?  
Como é que reagiste?  
E ele?  
E os vossos pais?  
Durante a gravidez tiveste alguns receios? Andaste ansiosa? Triste? Feliz? Tinhas vergonha?  
Mudaste os teus hábitos/rotinas?  
O que é que tu pensaste quando te viste grávida?  
O que é que achas que os outros pensaram (os teus amigos, professores, vizinhos...)

### **Maternidade**

O que é que sentiste quando o teu filho nasceu?  
Que mudanças implicou na tua vida?  
Que dificuldades sentiste nesse novo papel?  
Achas que a comunidade te ofereceu os recursos que precisavas para ultrapassar as dificuldades que sentiste?  
Se sim, quais são? Se não, quais os recursos que achas importante existirem para ajudar quem está numa situação igual à que tu estiveste?  
Como te vês enquanto mãe e mulher?  
Achas que a vida que tu tens é diferente da que a tua mãe teve?

### **Perspetivas para o futuro**

Quando eras criança como achavas que seria a tua vida?  
Achas que a vida que tens agora é diferente do que sonhavas?  
Face ao que passou mudarias alguma coisa?  
O que desejas para o teu futuro? E do teu filho?  
Que conselhos gostarias de ter tido antes de engravidares?  
Que conselhos gostarias de dar a uma adolescente?

## **Anexo 3 – Diário de campo**



# DIÁRIO DE CAMPO

## **Nota Introdutória**

Tendo em conta que a temática da minha investigação é maternidade na adolescência, foi fácil selecionar as possíveis candidatas a participantes a partir das famílias por mim acompanhadas, no âmbito da intervenção da CPCJ da Murtosa – Palmira, Diana e Mafalda (os nomes são fictícios).

À partida, a parte prática deste projecto será constituída por uma entrevista individual a cada uma das jovens participantes e várias sessões de grupo com a presença de todas.

## **17/07/2014 – Primeiro contacto com a Mafalda**

Aproveitei um contacto estabelecido no âmbito da minha atividade profissional para interpelar a Mafalda sobre a sua disponibilidade para participar na investigação. Ela mostrou-se disponível e recetiva de imediato. Pedi-lhe o seu contacto telefónico para posteriormente agendar a primeira entrevista. Assinou consentimento esclarecido.

## **24/07/2014 – Primeiro contacto com a Palmira**

Desloquei-me ao local de formação da Palmira, com o único objetivo de a interpelar sobre a sua disponibilidade para participar na investigação. Tal como a Mafalda, ela mostrou-se disponível de imediato. Pedi-lhe o seu contacto telefónico para posteriormente agendar a primeira entrevista. Assinou consentimento esclarecido.

## **24/07/2014 – Primeiro contacto com a Diana**

Desloquei-me a casa da Diana não só para a interpelar sobre a sua disponibilidade para participar na investigação, mas também no âmbito da minha atividade profissional. A Diana disse estar disponível, mas foi alertando para o facto de estar a contar começar a trabalhar em Outubro. Pedi-lhe o seu contacto telefónico para posteriormente agendar a primeira entrevista. Assinou consentimento esclarecido.

#### **24/07/2014 – Reflexão sobre o conjunto de contactos iniciais**

A disponibilidade imediata das jovens surpreendeu-me, pois todas elas e suas famílias são acompanhadas por mim no âmbito do meu trabalho.

Dado que a relação que sou obrigada a estabelecer, profissionalmente, com estas famílias não tem na sua base as melhores das razões (crianças em perigo), esperei encontrar alguma resistência – tal não aconteceu.

#### **24/07/2014 – Contacto com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Murtosa**

Estabeleci contacto pessoal com o Provedor, a fim de saber da possibilidade de utilizar um dos espaços da instituição para a realização das sessões de grupo.

O Sr. Provedor disse que podia estar à vontade e utilizar o espaço do antigo CLDS, apenas tendo de entrar em contacto previamente com a Dr.ª Sílvia para combinar o levantamento e a entrega da chave do espaço.

#### **18/08/2014 – Contactos telefónicos**

Foram estabelecidos contactos telefónicos com as três jovens, para agendar dia e hora para a realização da entrevista individual.

A da Diana ficou marcada para dia 19/08/2014, pelas 14h30, a da Mafalda ficou marcada para dia 21/08/2014, pelas 14h30, e a da Palmira ficou marcada para dia 23/08/2014, às 10h00.

#### **19/08/2014 – Entrevista individual com a Diana**

À hora marcada estava em casa da Diana, que se encontrava sozinha com o seu filho – os pais estavam a trabalhar e o irmão tinha saído com o avô e um dos tios paternos.

Com o conhecimento e a autorização da Diana, a entrevista foi gravada com recurso a uma câmara de filmar, mas com o objetivo de apenas captar o som – a imagem da Diana não ficou registada, apenas a sua voz.

A entrevista será alvo de transcrição.

Impressões pessoais decorrentes da entrevista: a família da jovem vive com algumas limitações económicas; é uma família que se encontra integrada na comunidade e que se



sente vigiada por ela; existem regras e expectativas – a gravidez precoce da Diana veio abalar essas expectativas; a Diana embora não o verbalize concretamente, sente que não correspondeu às expectativas dos seus pais enquanto filha adolescente, pelo seu discurso depreende-se que espera não falhar enquanto mãe, pois isso constituiria mais um desgosto para os seus pais; pelo seu discurso depreende-se ainda que, para ela, a sua adolescência acabou, não se considera uma jovem igual às outras.

Já a entrevista tinha acabado, quando a sua avó apareceu. Da conversa estabelecida com a senhora, foi possível depreender que ela é afinal sua bisavó – mãe da sua avó materna. A Diana está mais ligada a esta bisavó e à sua avó paterna, talvez pela circunstância de serem suas vizinhas, vivem todas na mesma rua.

Ficou combinado eu entrar em contacto com ela para lhe indicar o dia e a hora da realização da 1.ª sessão de grupo. A Diana disse estar disponível a qualquer dia da semana, depois das seis da tarde, ao fim de semana a qualquer hora.

#### **21/08/2014 – Entrevista individual com a Mafalda**

À hora marcada estava em casa da Mafalda, que se encontrava em casa, com toda a família e ainda com a sua avó materna.

Com o conhecimento e a autorização da Mafalda, a entrevista foi gravada em áudio com recurso a um *tablet*.

A entrevista será alvo de transcrição.

Impressões pessoais decorrentes da entrevista: a família da jovem vive com algumas limitações económicas; é uma família que se encontra integrada na comunidade; existem regras, mas a gravidez precoce da Mafalda foi aceite com relativa facilidade, tendo os pais promovido a reaproximação do casal; atualmente a Mafalda já tem novo namorado, com o apoio dos pais; a Mafalda é uma jovem com uma imagem de si bastante positiva, não tendo sentido embaraço com a gravidez, depois de os pais terem conhecimento dela – a Mafalda não teve coragem de dar a novidade aos pais, que descobriram através de uma consulta médica; pelo seu discurso depreende-se que a Mafalda se considera ainda uma adolescente, embora comece a assumir o discurso da responsabilidade.

Ficou combinado eu entrar em contacto com ela para lhe indicar o dia e a hora da realização da 1.ª sessão de grupo. A Mafalda disse estar disponível a qualquer dia e hora.

### **23/08/2014 – Entrevista individual com a Palmira**

À hora marcada estava em casa da Palmira, que se encontrava em casa com as filhas. O marido encontrava-se nas redondezas, a cortar lenha.

Com o conhecimento e a autorização da Palmira, a entrevista foi gravada com recurso a uma câmara de filmar, mas com o objetivo de apenas captar o som – a imagem da Palmira não ficou registada, apenas a sua voz.

A entrevista será alvo de transcrição.

Impressões pessoais decorrentes da entrevista: a família nuclear atual da jovem vive com bastantes limitações económicas; o grau de integração da família na comunidade é baixo; existem poucas regras – a família de origem da jovem era destituída de regras, o que se reflete no funcionamento do seu núcleo familiar; a saída de casa prematura da jovem, o início prematuro de conjugalidade não constituíram momentos de rutura, até porque a família já estava desmembrada – o pai estava preso e a mãe tinha abandonado os filhos; actualmente a Palmira é uma jovem que lamenta profundamente ter desperdiçado a sua juventude com a maternidade e conjugalidades precoces, embora tenha alguma dificuldade em assumir abertamente; pareceu-me algo ambivalente nos seus sentimentos.

Por a Palmira ter uma parte do seu tempo ocupado, optei por estabelecer a data da primeira sessão de grupo em função da sua disponibilidade. Ficou agendada para dia 27/08, pelas 18h00. A Palmira disse que ia ter às instalações da Santa Casa.

### **25/08/2014 – Contactos telefónicos**

Foram estabelecidos contactos telefónicos com a Diana e a Mafalda a fim de lhes dar conhecimento da data e hora da 1.ª sessão de grupo. Disseram estar disponíveis, tendo eu ficado de as ir buscar às suas casas, entre as 17h30 e as 17h45.

Foi também estabelecido contacto telefónico com a Dr.ª Sílvia, na sequência da conversa tida com o Sr. Provedor. A Dr.ª Sílvia disse que a chave estava na portaria da instituição e que ela daria ordens para que me seja entregue sempre que eu a solicite.

Questionada, disse não haver qualquer constrangimento e que poderia utilizar o espaço sempre que (eu) quisesse.

## **26/08/2014 – Levantamento da chave**

Fui buscar a chave hoje à portaria da Santa Casa – a funcionária disse que eu podia guardar a chave comigo enquanto precisar de utilizar o espaço.

## **27/08/2014 – Primeira sessão de grupo (18:00/19:00)**

Conforme estava combinado, fui buscar a Mafalda e a Diana. Quando chegamos, pus na mesa o lanche que tinha preparado em casa (sumos e biscoitos), para partilhar com as jovens – estas recusaram, alegando que já tinham lanchado.

Pedi autorização para gravar a sessão, com a máquina de filmar, captando apenas o som. Elas aceitaram. Aparentemente, sentiram-se confortáveis no espaço – uma sala de reuniões airosa e bem iluminada, com o equipamento adequado.

Comecei por agradecer a sua disponibilidade e o seu tempo e por as pôr a pargos objetivos da investigação, deixando claro que o que se pretende é que, a partir daquilo que são/foram as suas experiências, nós consigamos construir alguma coisa que possa ajudar outras jovens que se vejam na mesma situação que elas se viram.

Procedi à apresentação das jovens entre si. Foi possível perceber que já se conheciam, pelo menos de vista. Foi reafirmado que o que fosse dito naquele espaço não sairia para o exterior de modo a que seja possível identificá-las. Fiz uma breve resenha da situação pessoal de cada uma delas, deixando claro que estiveram/estão todas na mesma situação.

Para quebrar o gelo entre elas, dispus sobre a mesa uma séria de imagens que pedi para verem e escolherem 2 que lhes dissessem alguma coisa e a partir dessas imagens que falassem de si próprias. Estas imagens, recortadas de revistas, serão compiladas num ficheiro pdf que constará como anexo no trabalho final.

Entrei também no jogo, não só para lhes dar a conhecer alguns aspetos de mim que não conheciam, com o intuito de criar uma base de confiança e partilha, mas também para lhes exemplificar como se processava o jogo.

Relativamente às imagens que escolhi (ver anexo 5), assumi identificar-me com elas por achar que, no caso da imagem da jovem, representa uma pessoa aberta à vida, que

assume diferentes papéis nessa mesma vida – a aluna de mestrado, a profissional de Serviço Social, a esposa, a mãe, a filha, a amiga. Apesar dos diferentes papeis que desempenho em cada situação que me encontro sou só uma pessoa e todos estes papéis, estas versões de mim, coexistem em mim, e continuo a ter sonhos e a ter metas na vida. No caso da imagem do caminho de ferro, escolhi-a porque acho que a nossa vida é um percurso, é um caminho que começa num determinado sítio e, consoante as nossas opções, nos pode levar “para norte ou para sul”, mas que está tudo em aberto, dependendo daquilo que a gente queira para nós e continuo a achar que ainda tenho um caminho para percorrer.

A Palmira escolheu a imagem de uma professora e a imagem de uma família. A professora porque a marcou não ter estudado o suficiente e ter saído da escola sem ter feito o 6.º ano. E a família porque “arranjei um marido, arranjei as minhas filhas”. Escolheu a família, mas não soube explicar. Ajudada, admitiu que são duas coisas, a família e a escola (ou a falta dela), que a definem, que tem peso na sua vida: o facto de não ter andado mais tempo na escola e também o facto de ter uma família (a sua conquista).

A Mafalda escolheu a imagem de uma mãe e filha e a imagem de uma senhora às compras. Escolheu mãe e filha porque “quis sempre ser mãe, mas nunca tão cedo, mas hoje estou feliz e contente com a minha menina”, e escolheu “uma mãe nas compras”, porque apesar de tudo “considero-me uma mãe guerreira porque luto para poder dar tudo à minha filha, já que o pai não dá o sustento e tenho o meu pai só a trabalhar, mas mesmo assim consigo dar tudo o que ela quer e comprar os alimentos que são necessários”.

A Diana escolheu uma imagem da escola, porque é uma coisa que ainda lhe está muito próxima – uma das batalhas ganhas pela Diana, foi manter a frequência da escola mesmo depois do filho ter nascido, foi uma batalha dela e dos pais dela. A outra imagem é de um casal, é aquilo que ainda espera vir a ter. Foi-lhe dito que por ser mãe solteira não quer dizer que não consiga vir a ter um relacionamento novo e duradouro.

Foi-lhes dito que as imagens escolhidas por elas têm a ver com o seu presente e com o seu passado e com aquilo que espera que seja o seu futuro. As escolhas retratam as experiências, mas também as suas expectativas.

Foi efectuado o reforço positivo das conquistas das jovens, nomeadamente o facto de a Diana e a Palmira terem concluído o 9.º ano neste Verão (de 2014). Foi lembrada a necessidade de ter condições mínimas para entrar no mercado de trabalho, nas esquecendo a pressão que é ter um filho para criar. Dado que todas escolheram imagens que de alguma forma se reportam à ideia de família, relembramos que quando se é mãe nunca mais se pensa no singular, porque há quem seja dependente de nós, e que todos queremos transmitir aos nossos filhos aquilo que é a nossa percepção de família, e que é ter um pai e uma mãe.

Foi-lhes dito que a partir das conversas mantidas nas entrevistas foi possível concluir que todas iniciaram uma relação afetiva que acabou a conduzir a uma relação física, com muito pouca informação e com muito pouca consciência daquilo que queriam e daquilo que não queriam e das suas consequências. Apesar de todas terem dito que a partir do momento em que souberam que estavam grávidas nunca puseram a possibilidade de pôr termo à gravidez. Assumiram uma criança e mantiveram a gravidez até ao fim (o que é de louvar, todas também disseram que mudavam alguma coisa e o que todas mudavam, independentemente de gostarem muito dos vossos filhos e de estarem felizes por os terem, era precisamente terem sido mães tão cedo.

Expus-lhes o (meu) objetivo de criar, com elas, uma ferramenta, fosse ela qual fosse, que permitisse alertar outras jovens para a realidade do que é ser mãe tão nova, ferramenta essa que, ao mesmo tempo, lhes possibilitasse a expressão do seu ponto de vista.

A Palmira confessou que sentiu falta dos pais e do seu apoio – “ senti falta dos meus pais, não tive o seu apoio, não tinha ninguém e arrisquei”, “nós às vezes fazemos coisas terríveis, depois acontece”, “eu era uma criança quando engravidei”, “não devia ter vergonha de falar com quem informasse sobre as precauções”, “eu não tinha consciência de que existiam precauções...só quando fiquei grávida...quando me disseram devias ter

tomado isto, feito aquilo...depois do mal já estar feito”, “à minha filha já lhe digo toma cuidado, não queiras ser como a mãe”.

A Mafalda refere “o meu caso foi diferente, os meus pais estavam sempre a avisar-me, mas eu não lhes dei ouvidos, preferi dar ouvidos a amigos meus”, “eu não queria [ter relações], mas os meus amigos disseram coisas e eu fui, na confiança”, “eu ainda perguntei se ele queria usar o preservativo mas ele não quis”, “hoje digo à minha irmã para nunca seguir o meu exemplo”, “tive vergonha [de dizer que não queria]”, [se dissesse que não] nesse dia podia ficar a pé porque foi numa noite que sai com esses amigos (...) e eles disseram se não fizeses ficas a pé”.

A Diana refere que “a minha mãe andava desconfiada porque ela notou em mim que eu só queria dormir”, “eu neguei”, “tive relações porque quis”, “ele não quis usar preservativo”.

Ficou o repto:

- pensar no que podemos fazer para de alguma forma ajudar alguém que venha a estar nesta situação.

Ficou marcada nova sessão para dia 02/09/2014, pelas 18:00. Ficou combinado eu ir buscar a Mafalda e a Diana, depois das 17:30. A Palmira vem ter às instalações da Santa Casa. Fui levar a Diana e a Mafalda a casa. As viagens são uma óptima oportunidade para falar de outros assuntos que não o do tema do trabalho.

### **02/09/2014 – Segunda sessão de grupo (18:00/19:00)**

Conforme estava combinado, fui buscar a Mafalda e a Diana.

Antes de abordarmos o tema que nos move, conversamos sobre o facto de no próximo fim-de-semana se comemorar o S. Paio, uma grande romaria, que se realiza na praia da Torreira a que se associou o feriado municipal da Murtosa. É uma romaria que alia o sagrado e o profano, que regista uma adesão cada vez maior a cada ano que passa, sobretudo no que às celebrações profanas diz respeito.

Apesar de ter a sua origem nas celebrações religiosas, esta festa é atualmente muito mais conhecida pelos excessos cometidos pelos mais jovens, com consumos excessivos de

álcool durante os dias da festa, que nunca são menos de três – é algo muito parecido com uma “rave party” gigantesca, no areal da praia, onde tudo, ou quase tudo, é permitido, onde se associam falta de vigilância parental, venda (praticamente livre) e consumo de álcool, tráfico e consumo de drogas, campismo selvagem, intoxicações alcoólicas agudas e, conseqüentemente, sexo desprotegido e pouco consciente.

Sendo uma festa de passagem obrigatória para a grande maioria dos habitantes do concelho, no início da sessão, foi questionado quem das presentes iriam aos festejos. Toda disseram que sim, pelo iam pelo menos ver o fogo-de-artifício na ria. É claro que eu também vou.

Falou-se um pouco sobre o assunto, até pelo enquadramento em que a festa decorre – segundo a tradição oral o S. Paio era um santo que gostava da sua “pinguinha”, leva a que facilmente haja excessos, mesmo assim considerados por alguns dos mais jovens.

A Diana referiu “eu não vou aos bares [praia], já não são p’ra mim”, “aquilo é uma vergonha”. A Mafalda disse “eu gosto de ir ver os conjuntos [musicais], gosto de dançar”, “a minha filha vai na procissão”, “o mais chato é os bêbados, fazem muito barulho e não nos deixam dormir”. A Palmira diz “é muita confusão”, “levo as pequenas aos carrosséis e venho embora”.

Mudando de assunto, questionei se alguém tinha pensado no que lhes tinha pedido no final da última sessão.

Apenas a Mafalda disse ter pensado em algumas coisas e que até tinha apontado para não se esquecer.

Apresentou as seguintes propostas:

- fazer um powerpoint para estar disponível para utilização da escola, do dentro de saúde, dos pais, sobre os cuidados que as jovens devem ter quando iniciam a sua vida sexual;
- fazer panfletos informativos sobre a atividade sexual desprotegida para distribuir pelas escolas e centros de saúde;
- fazer um blog para as raparigas se sentirem à vontade para pôr questões;
- também tinha pensado num testemunho, em que a gente falasse de nós.

No decorrer do debate sobre que ação desenvolver e sobre que informação transmitir, acabou-se a falar do perigo que a gravidez representa para as jovens, do ponto de vista da saúde, por os seus corpos ainda não estarem completamente preparados para tal. Tanto a Mafalda com a Palmira tiveram gravidezes de risco, a Diana não, o que talvez se

justifique pelo seu tamanho – ela é grande, o corpo que tem hoje com 18 anos é o que tinha com 16.

A Diana e a Mafalda foram acompanhadas no centro de saúde local e na consulta da adolescente em Aveiro, mas “o que faziam lá era o que faziam cá”, dizem ambas. Nada de acompanhamento psicológico, apenas panfletos a divulgar contacto telefónico para onde ligar em caso de dúvidas.

Discutiram estratégias várias para pôr em marcha qualquer uma das possibilidades, foram alertadas para a escassez de tempo e para o facto de ser impossível concretizar todas as propostas apresentadas pela Mafalda.

Sem ter sido tomada qualquer decisão, foi agendada nova sessão para dia 06/09/2014, pelas 10:00.

Ficou combinado eu ir buscar a Mafalda e a Diana, entre as 9:30 e as 9:45. A Palmira vem ter às instalações da Santa Casa. Fui levar a Diana e a Mafalda a casa.

#### **06/09/2014 – Terceira sessão de grupo (10:30/11:30)**

Conforme estava combinado, fui buscar a Mafalda e a Diana.

Começamos por debater qual das propostas da Mafalda seria mais viável concretizar e qual a que poderia causar mais impacto e melhor contribuir para o objetivo a que nos propusemos – a decisão foi unânime: a gravação de um testemunho real na primeira pessoa, mas sem se possível identifica-las.

Desafiei-as então a redigirem a sua história no que respeitava especificamente à condição de mães adolescentes, desafio a que acederam.

Depois da redação efetuada, acharam que deviam ler o que tinham escrito.

Após a audição de todos os testemunhos, elas consideraram que seria adequado levarem os textos para casa para algumas correções e alterações.

A Diana foi a mais concisa na redação do testemunho. Mostra-se mais reservada e menos segura do que as outras. Para a Palmira, a ausência dos pais no final da sua infância/princípio da adolescência é uma questão fulcral. A Mafalda parece a mais equilibrada emocionalmente, a sua situação é diferente da das outras porque o início da sua atividade sexual foi forçado, não se deu por vontade própria, embora não se possa considerar uma violação – ela foi coagida pelos amigos e cedeu à pressão, por ter receio de ficar a pé num local longe de casa, onde estava sem o conhecimento dos pais.



No final da sessão, conversamos um pouco sobre as redacções propriamente ditas, o que levou a que a Palmira falasse sobre a sua infância – “não foi uma infância feliz”, “a minha mãe batia-nos”, “parecia que ficava cega e era onde calhava”, “lembro-me dela me pegar pelos cabelos e atirar-me ao chão, e de a seguir me dar pontapés”, “não era fácil – batia-nos a mim e aos meus irmãos, comprava iogurtes e chocolates e bolachas e escondia-os para depois comer sozinha, mas eu procurava-os e comia com os meus irmãos”, “quando ela nos batia fazíamos queixa ao meu pai e ele batia-lhe a ela”, “o meu pai também batia, mas ela batia mais”.

A Palmira já acabou o estágio e já tem o 9.º ano completo. Estava feliz.

Ficou agendada nova sessão para dia 10/09/2014, pelas 18:00.

Ficou combinado eu ir buscar as três a sua casa, a partir das 17:30.

Fui levar a Diana e a Mafalda a casa.

#### **10/09/2014 – Quarta sessão de grupo (18:00/19:00)**

Conforme estava combinado, fui buscar cada uma delas a sua casa.

Começamos por trocar algumas impressões sobre a romaria do S. Paio, depois passamos à questão da redacção dos testemunhos.

A Diana não fez qualquer alteração – “mostrei à minha mãe e ela disse que estava bem, disse que tinha as coisas mais essenciais”.

A Palmira fez alterações, assim como a Mafalda.

Questionadas abertamente sobre como se sentiram nas relações afetivas que mantiveram com os pais dos filhos, disseram:

Mafalda refere que “a partir dos sete meses de gravidez ele começou a desprezar-me”, desvalorizando o que ela dizia; sobre se ele teria aceite o não ao seu pedido de sexo, diz “acho que não ia respeitar” e que a posição e a vontade dele iria prevalecer.

A Palmira considera “mandamos os dois igual [na relação], refere que já houve agressividade e violência física entre eles “ele bateu-me e eu bati-lhe a ele”, “aconteceu quatro vezes, a última eu estava grávida da minha mais nova”, “eu queria ir-me embora e

ele não me deixou e depois ele bateu-me e eu bati-lhe a ele”, “depois nunca mais, ralhamos e isso”.

A Diana diz “só levei uma vez uma chapada dele, senti-me mal mas não fiz nada, já estávamos chateados”.

A Palmira diz que a relação que tem “é boa”. A Mafalda diz, da sua relação atual, com o seu novo namorado, “para mim é ideal, a dantes não”, “eu fui sempre igual, a outra pessoa é que é diferente”.

Sobre o que uma relação tem de ter, a Mafalda diz que “tem de ter respeito, acima de tudo”, a Palmira refere “amor, carinho”, a Diana diz que tem de ter “mimo”, que “é essencial os dois quererem a mesma coisa”, ao que a Palmira acrescenta “um tem de querer o outro também”.

Sobre o que ainda esperam do futuro e sobre onde/como gostavam de estar daqui a 10 anos, a Palmira declara “eu sonho tanta coisa”. Já a Mafalda é mais concreta – “eu gostava de poder construir uma família, ter a minha casa com o meu namorado e a minha filha, e ter um carro para poder deslocar-me e também ter um trabalho...na fábrica do meu namorado”.

Após breve reflexão, a Palmira acrescenta “daqui e eu com 35 anos, olha, com este andamento acho que vou mudar de marido”. Desenvolve a conversa, referindo, “as coisas não andam bem entre nós, a mãe dele mete-se muito na nossa vida”, “ele não me deixa sair”, “tenho de dizer à mãe dele para onde vou”, “ela liga-lhe a fazer queixa”, “eu falo com ele, ele não quer saber”, “ele tem respeito e confiança em mim, como eu tenho nele, mas a mãe está sempre a meter-se”, “agora ultimamente nem paciência para o meu marido eu tenho”, “já pensei deixar tudo e pegar nas minhas filhas e ir embora”, “as minhas filhas vão comigo, as minhas filhas eu não deixo lá”, “não ‘tou para andar a aturar isto”, “tem p’rai seis meses que separei-me dele, peguei nas minhas filhas e fui para casa da minha avó, ele telefonou-me e deixei-me ir outra vez”, eu vejo muitas amigas com a liberdade delas”, “ele com os amigos começa a beber e ele com o vinho é torto”, “não ‘tou para aturar vinho de ninguém, não aturei o do meu avô e fugi cedo”, “eu ainda não saí porque não tenho trabalho, mas quando arranjar trabalho...”, “o meu medo é deixá-lo e ele depois andar atrás de mim, perseguir-me porque ele já me disse se tu me deixares e levares as minhas filhas, onde eu te apanhar eu mato-te”, “eu tenho medo”, “ele já veio atrás de mim, uma vez que eu saí de casa, com uma arma para me matar, ele é que não me encontrou”, “eu gosto dele, mas será que ele gosta de mim o suficiente, como eu gosto dele?”.

A partir do desabafo da Palmira a conversa encaminhou-se naturalmente para a questão da violência doméstica.

Acerca deste assunto, a Diana relata “já vi muitas vezes o meu pai bater à minha mãe e a minha mãe já passou muitas com ele”, “ele também mete-se no vinho”, “ele uma vez com a bebedeira, chegou a casa, começou aos gritos...ele altera...com carago, não há quem lhe ponha a mão”, “quando era mais novo, o meu avô [paterno] também batia á minha avó”.

A Palmira também descreve “o meu pai batia na minha mãe e ela batia nele, ele batia mais”, “o meu avô e os meus tios batiam uns nos outros, com o vinho”, “o meu pai bebia, mas não era todos os dias”, “os pais da minha mãe bebiam os dois”, e remata “nunca pensei contar a verdade às assistentes sociais, porque tinha medo que me levassem a mim e aos meus irmãos e nos separassem, e não tinha coragem de deixar”.

A Mafalda refere “quando era mais pequena o meu pai batia na minha mãe, mas agora não”, “a minha mãe foi para tribunal e tudo, desde aí nunca mais bateu na minha mãe, têm as suas discussões como toda a gente”. Continua “os meus avós da parte do meu pai era quase todos os dias violência mesmo física”, “da parte da minha mãe, era o meu avô que batia à minha avó e ela às vezes não se ficava, até houve um ponto em que a minha avó chancou-lhe uma navalha”, “só quando ele adoeceu é que nunca mais lhe bateu”, “da parte da minha mãe tenho tios que sim [que batem], ainda ontem a GNR esteve em casa da minha avó porque o meu tio queria bater-lhe”, “muitas vezes é a bebedeira que provoca”.

Ficou agendada nova sessão para dia 20/09/2014, pelas 10:00, para gravação dos testemunhos, com direito a almoço de fim de trabalho.

Ficou combinado eu ir buscar as três a sua casa, a partir das 9:30. Fui levar as três a casa.

### **20/09/2014 – Quinta sessão de grupo (10:00/13:45)**

Conforme estava combinado, fui buscar cada uma delas a sua casa.

Começamos por trocar algumas impressões sobre o modo como se processaria a gravação dos testemunhos. Dado que os testemunhos apenas se se reportam à situação de terem sido mães adolescentes, pedi-lhes que falassem também da relação com o pai dos filhos e de como se sentiram nessa relação.

Foram corrigidos em conjunto alguns aspetos dos testemunhos – nomes e a estrutura frásica. De seguida procedeu-se à gravação vídeo e áudio dos testemunhos – as participantes optaram por ler os textos que redigiram.

De seguida analisamos em visualizamos as gravações – elas gostaram de se ver mas estranharam a voz – “nem parece a minha voz” disse a Palmira. Foram esclarecidas de que o seu rosto seria “escondido”, para que não possam ser identificadas.

Debatemos, mais uma vez, sobre o modo como faremos chegar os testemunhos aos jovens. A Diana comentou que na escola já há mais uma jovem grávida, que já está de cinco meses e tem 14 anos “é prima do pai do meu rapaz, ela diz que não sabe quem é o pai”.

Deduzimos daí que a escola deve estar recetiva a debater este assunto com os jovens, mas concluímos que o testemunho deve ser entregue ao Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Familiar (CAFAP) da Santa Casa da Misericórdia da Murto, já que a sua equipa integra uma psicóloga, que parece ser a melhor técnica para abordar este assunto com as turmas do 7.º ano e seguintes. Apontamos estas turmas, por entendermos que nessas turmas estão integrados os alunos que estão a iniciar a adolescência. A gravação terá de ser editada, assim que o estiver será entregue uma cópia a cada uma das participantes e outra ao CAFAP.

A conversa continuou, sobre assuntos da vida quotidiana. O almoço decorreu em clima de total descontração.

Ficou combinado entrar em contacto com elas assim que tiver as cópias dos testemunhos para lhes entregar. Fui entregar a chave das instalações à portaria da Santa Casa. De seguida, fui levar as três a casa.

## **Anexo 4 – Transcrição das entrevistas**



## **Transcrição da entrevista da Diana, realizada a 19/08/2014**

**Como te chamas?**

Diana.

**Que idade tens?**

Dezoito.

**És solteira, não és?**

Sim.

**Vives com os teus pais?**

Sim.

**Fizeste o nono ano agora este ano, num curso profissional?**

Não foi bem profissional, prontos, foi de Educação-Formação.

**Neste momento estás desempregada, mas já foste a uma entrevista de emprego?**

Sim, já.

**Quando é que foste à entrevista de emprego?**

Já foi na outra semana, ele [o patrão da mãe] falou com a minha mãe e depois ele mandou eu ir lá.

**Vais trabalhar para a mesma fábrica onde está a tua mãe?**

Vou.

**Já sabes de quanto tempo é o contrato que vais fazer?**

Não, ainda não. Ainda não me disseram porque ainda tenho de ir lá porque a Paula falou comigo e ela disse que eu ainda tinha que ir lá resolver o resto das coisas, levar os papéis do ... [filho] para ela tratar do resto, do que é preciso, para depois mandar para a Segurança Social e ela disse que depois eu tinha de ir buscar a roupa tam[b]ém. Por isso ela depois deve me dizer quando é que eu tenho de ir lá.

**A tua mãe que idade tem?**

Trinta e seis.

**E o teu pai?**

Trinta e oito ou trinta e nove, é assim qualquer coisa... acho que é trinta e nove.

**A tua mãe andou na escola até que classe?**

Tem o nono.

**E o teu pai?**

O sexto...a minha mãe andou a estudar de noite.

**E estão os dois, são os dois funcionários efectivos?**

Sim.

**O teu irmão também vive convosco?**

Sim.

**Ele passou para o segundo ano?**

Sim, para o segundo ano.

**E tem sete [anos de idade] não é?**

Sim.

**Ora bem, isto são os dados de identificação. Agora vamos passar a falar um bocado daquilo que tem sido a tua vida, desde que nasceste até agora.**

**Onde é que nasceste?**

Em Aveiro.

**Que idade tinha a tua mãe quando tu nasceste?**

Sei que a minha mãe engravidou quase com a minha idade...

**Com dezasseis?**

[Acenou que sim com a cabeça.]

**Tens um irmão?**

[Voltou a acenar que sim com a cabeça.]

**E tu és a mais velha, não é?**

Sim.

**Desde que nasceste até ires para a escola, com quem é que estava?**

Estive sempre com os meus pais...

**Mas os teus pais já trabalhavam na altura ou a tua mãe estava em casa?**

A minha mãe antes de vir para aqui [habitação actual] ainda esteve numa casa à parte [que fica ao lado da casa dos avós paternos da Diana].

**Aqui no Monte?**

Sim também aqui. Depois ainda estive em casa da minha avó Canta, acolá [e aponta para a casa da avó, que é ao lado da sua]. Depois estive lá até fazer esta. Depois veio para aqui. Ainda andou na Yasaki a trabalhar, tinha eu três aninhos, eu era pequenina.

**E tu, ficavas com as tuas avós? Estavas no infantário?**

Com as minhas avós.

**Nunca andaste no infantário?**

[Acenou que não com a cabeça.]

**E fizeste a pré?**

Fiz.

**Entraste para a pré com que idade?**

Ah, deve ter sido com seis.

**E só fizeste um ano de pré?**

Acho que foi. Foi com cinco...foi assim qualquer coisa...foi com cinco que fui para a pré.



**Quando passaste...quando entraste na pré, enquadraste-te bem com os outros meninos que lá estavam?**

Sim.

**Não tiveste problemas? Não fizeste birras por ir para a escola?**

Não.

**Gostaste sempre de andar na escola?**

Sim.

**Na escola primária correu tudo bem? Reprovaste alguma vez?**

Reprovei.

**Em que ano é que reprovaste?**

Acho que foi...eu 'tava no segundo ano, depois foi assim qualquer coisa e a professora trocou-me para o primeiro.

**Ficaste mais um ano com os livros do primeiro?**

Fiquei mais um ano com os outros do primeiro. Depois desde aí passei sempre.

**Nunca mais reprovaste?**

[acenou que não com a cabeça.] Fui até ao quarto ano, do quarto passei para o quinto e do quinto para o sexto, depois do sexto estive no PCA (Programa Curricular Alternativo).

**E porque é que, se nunca reprovaste, porque é que foste para o PCA?**

Porque já tinha idade, já era...

**Tinhas? Só reprovaste uma vez...**

...mais coisa, depois tive de ir para essa turma, já não podia ir para uma turma normal.

**Nunca reprovaste no quinto ano?**

Não.

**Nem no sexto?**

Não.

**Então como é que te mandaram para uma turma de currículo alternativo?**

Depois tive de ir para lá...

**Passaste sempre “à rasquinha”?**

[Acenou que sim com a cabeça.]

**Apesar de tudo, gostaste sempre de andar na escola?**

Sempre.

**Nunca foi preciso a tua mãe andar atrás de ti por faltares à escola?**

Nunca faltei.

**Se não tivesses o teu filho, ou mesmo com ele, se tivesses hipótese, gostavas de continuar agora, depois do nono ano?**

Não.

**Já estás cansada de escola?**

[Sorriu] Já estou farta...e agora também não é só por estar farta...

**As circunstâncias da vida são diferentes?**

Agora também tenho o ..., depois também não gosto de estar sempre atida aos meus pais...não me sinto bem.

**De estar sempre a pedir dinheiro?**

[Acenou que sim com a cabeça.]

**Diz-me uma coisa, antes do teu filho nascer, como é que tu ocupavas os teus tempos livres? Alguma vez andaste em ATL? Ias para casa de alguém?**

Não, era da escola para casa.

**Nunca tiveste uma actividade, como música, por exemplo?**

[Acenou que não com a cabeça.]

**Tinhas catequese?**

[Acenou que sim com a cabeça.]

**Agora, namorados na escola?**

Ai, tantos...

**Tiveste muitos?**

Ui...

**Com que idade foi o primeiro namorado?**

...o primeiro eu havia de ter uns onze praí.

**Andavas no quinto ano?**

No quinto, mais ou menos...

**Entre o primeiro e o pai do teu filho, quantos foram?**

[Riu-se.]

**Estamos a falar de namoros de escola, namoro de mão dada, não é?**

Não foi assim muitos...

**Eram todos da tua escola?**

Eram.

**Foram sempre teus colegas de escola?**

Sim.

**O pai do teu filho também era teu colega de escola?**

Não, ele não andou aqui. Ele andou em Estarreja.

**Então, como é que o conhecestes?**

Foi assim...a história começou...a Tânia, a prima dele, ele acho que 'tava lá em casa dela e ele pede-lhe o meu número a ela e a gente depois começamos a falar por mensagens e coiso e me[s]mo eu já o conhecia, não digo que não, que ele quando a mãe dele vinha aí à loja, qua ainda

era a loja ali, eles passavam sempre aí e eu via-os sempre a passar e ele de vez em quando metia-se sempre comigo e coiso. Eu havia de ser nova, praí devia ter uns 10, 9 praí mais ou menos.

**E ele já olhava?**

...e ele já começava – passava ou ria-se ou quê. Depois vai a gente começamos a falar por mensagem, começamos a gostar um do outro, ainda namorei muito tempo com ele, depois eu fiquei grávida e ele deixou e foi com quem agora ele está.

**Quando é que começaste a namorar com ele? Lembras-te em que mês? Em que ano?**

Foi 2012 ou 2013 praí...

**O teu filho nasceu em...?**

Em 2012.

**Portanto, o teu filho nasceu em Julho de 2012?**

Foi.

**Portanto começaste a namorar com ele, pelo menos nove meses antes?**

Foi.

**2011?**

Sim.

**Tens noção se foi, por exemplo, antes de começar as férias de Verão? Se foi a meio das férias de Verão? Se foi na Páscoa? Se foi quando começou a escola?**

Eu sei que fiquei grávida na altura dos Fiéis, aquase na altura do S. Paio, mais ou menos aí no mês de Setembro, praí mais ou menos.

**Há quanto tempo namoravas com ele?**

Eu namorei um mês e tal praí. Eu não sabia que estava grávida, eu só depois é que fiz o teste mais tarde. A minha mãe é que notou em mim porque já estava a ficar larga na anca e só queria dormir. Eu só queria dormir, dormir... E a minha mãe disse “Ui, isso já passa-se aí qualquer coisa!” Eu não tinha enjoos, não tinha nada, eu andava como nada fossem- nem sentia formigueiros na barriga, nem nada.

**Ele foi o primeiro rapaz com quente tiveste relações?**

Foi.

**E foi logo à primeira?**

[Riu-se, acenou com a cabeça que sim.] E vai, e foi assim, e depois eu disse que estava grávida, fiz o teste em casa, disse-lhe a ele, ele depois deixou-me...deixamos de nos falar e tudo.

**Quando é que tu soubeste? Quando é que a tua mãe te obrigou a fazer o teste , para ter a certeza?**

Foi quando...eu andava sempre a dizer que o período vinha, que vinha e depois não veio, depois ela foi à farmácia. No dia que ela viu que eu estava a ficar assim mais larguinha e que andava sempre a coiso, ela vai foi com o meu pais buscar o teste e eu fiz o teste e deu os dois pauzinhos.

**Foi antes da Páscoa?**

Foi.

**Então, como é que foi a reacção dos teus pais?**

A minha mãe... não digo que a minha mãe não custou a aceitar, custou...mas o meu pai custou mais.

**O teu pai ficou mais desapontado?**

O meu pai ganhou uma depressão e tudo...e agora, olha, agora é a alegria dele...mas depois começou a dizer que me metia pela porta fora e mais não sei quê...a minha mãe também não gostou de ouvir e dizia “se piores a tua filha para fora, eu também vou.

**Então foi um período complicado?**

Mais que complicado.

**Quanto tempo é que demorou a passar?**

A bem dizer, aquase até ele nascer. Só depois dele nascer é que ele começou a compreender, pronto começou a entrar na realidade. Mas agora, agora não o larga. E ele agora começou a chamar por ele, então aí...

**Quando tu soubeste que estavas grávida, apesar dos problemas todos, ficaste feliz ou passou-te pela cabeça interromper a gravidez?**

Não e me[s]mo eu tinha dito à minha mãe que se ficasse grávida dele que nunca abortava.

**Isso antes de saberes que estavas grávida?**

[Acenou que sim com a cabeça.]

**A tua mãe quando soube que estavas grávida tentou convencer-te a ires ao hospital fazer o aborto?**

[Acenou que sim com a cabeça.]Mas eu nunca quis, porque por exemplo se fosse o caso, se eu fizesse um aborto se calhar hoje andava sempre a pensar na asneira que eu fiz... e mesmo eu não queria abortar.

**Foi uma gravidez acidental, mas a partir do momento em que soubeste que estavas grávida, desejaste ter o teu filho? Nunca te passou pela cabeça não o ter?**

Não.

**Também nunca te passou pela cabeça não ficar com ele?**

Isso nunca...

**Quais foram os maiores medos que tu tiveste durante a gravidez?**

‘Tava com medo...de o ter. Prontos, sei que todas as raparigas sofrem. Que aquilo não sai pela manga da camisola, mas a minha mãe, a bem dizer, ‘tava sempre com mais medo que eu. ‘Tava sempre a dizer “Tu vais e não vais conseguir ter o teu filho!”, mais não sei quê, mas chegou-se ao dia e ele saiu...

**Quiseste epidural?**

[Acenou que não com a cabeça.] Eu tive o meu filho com a ajuda dos comprimidos. Eu fui internada dia 11, dei entrada no dia 11.

**Já tinha acabado o tempo?**

Já, mas eu já sabia que ia ser internada, porque eu tinha ido a uma consulta e a médica tinha dito que eu ia ficar, que ia dar entrada no dia 11 de Julho, que eu ia dar entrada no hospital. Ela disse “Trazes os teus malotes e já sabes para onde vens. Tomas o pequeno-almoço...”.

#### **Isto se ele não nascesse até ao dia 11?**

[Acenou que sim com a cabeça.]Eu vai fui internada. No dia 11 dei entrada no hospital, ás 9 horas, fui para o bloco de partos, de caminho lá para cima, entrei pelo lado das Urgências. Elas estiveram-me a ver se eu tinha dilatação ...nem um dedo de dilatação eu tinha...fui internada sem uma dor.

#### **Já com as 40 semanas feitas?**

Já. Já estava mesmo sem poder, mas mesmo assim ele não quis sair para fora. Depois meteram-me dois comprimidos para começar as contracções a começar de coiso, depois fiz a dilatação toda, ‘tive o dia 12 todo mais o dia 13 todo. Aí já não aguentava as dores.

#### **E não te perguntaram se não querias epidural?**

Então, já não era preciso. Então no dia 13, mal eu vi a médica de manhã, porque a médica veio ter comigo, viu que ainda não estava nada á moda p’ra coiso, vai fui tomar o pequeno-almoço e coiso. E ela disse “Agora vamos aqui à revisória.” E eu disse, então pronto, vesti o robe e calcei os chinelos e lá vai ela c’a médica- Meti-me no cavalete, ela mal me faz o toque é logo “mandai-me esta jovem para o bloco de partos que ela está a entrar em trabalho de parto.” Foi logo, já nem fui de cadeira de rodas nem nada.

#### **Já foste na cama?**

Já fui na cama, ainda liguei para a minha mãe antes de ir. Elas começaram a pegar nas minhas tralhas. Foi tudo à pressa, pumba, para cima da cama e lá vai ela...e eu fui...

#### **E então?**

Ao princípio, a primeira vez custou, o primeiro puxo que eu fiz comecei a modo a perder as forças...’tava a ver que ficava...depois começaram a dar-me apoio, para eu vir a mim outra vez...’tava a ver que ficava de esquina! Depois ela disse “Agarra-te à Nossa Senhora e pede para o teu menino sair!” E eu vai depois ao princípio comecei com as lágrimas a choras, nos olhos. E vai ela disse “queres ver o teu menino, não queres ver o teu filho cá fora?” e eu disse que era a maior alegria que eu queria, era vê-lo cá fora. E ela vai e disse “Então prontos, vais agarrar-te à Nossa Senhora para ele sair para fora.” E vai comecei a sentir aquilo muito depressa, umas atrás das outras e eu disse “É já!” e eu como andei nas aulas de preparação para o parto eu já sabia. Eu pensei assim “Não, eu vou já pôr-me para afrente, vou-me agarrar aos ferros do cavalete”. Olha, maldita a hora, quando eu me agarro faço força [assobia] e ele saiu logo. Pareci um a jacto, mas se a parteira não estivesse à minha frente o meu filho caía para o chão. Aquilo foi um instante...então com a disparação que ele saiu, com carago!

#### **Tirando o medo da dor, tiveste mais alguns receios?**

Não.

#### **Tiveste mesmo receio que o teu pai te pusesse porta fora e não conseguisses criar o teu filho?**

Muito...

#### **Entretanto, o pai do teu filho deixou de te falar, não foi?**

Foi.

#### **E nunca mais te falou desde que tu lhe disseste que estavas grávida?**

Falou, mesmo quando eu estava internada e tudo, ele estava sempre a ligar-me, sempre.

**Ele alguma vez disse que o filho não era dele?**

Chegou a dizer tantas vezes., tantas vezes, que não era dele.

**Mas depois quando foi para fazer o registo não levantou problemas? Deu logo o nome?**

Deu...e mesmo eu andei sempre em cima dele...se calhar se fosse hoje...

**Se ele não desse o nome, ia para averiguação oficiosa de paternidade...**

Sim, pronto, foi o que a minha avó lhe disse no dia que ele foi à visita. Ele foi vê-lo com a mãe a um sábado. Ele andava sempre a dizer que não era, que não era [filho dele], e depois no dia que ele chega lá e que encara aqui com a minha avó Rosa, ai Jesus, ele tremia por todos os cantos...eu acho que se ele tivesse uma cova ele enterrava-se lá dentro.

**E a mãe dele que disse?**

A mãe fartou-se de chorar. Foi a dele e a minha, ai se visses a minha mãe no dia que ele nasceu, me[s]mo no dia em que ele nasceu...

**Foste sozinha para Aveiro?**

A minha mãe foi-me levar a Aveiro, esteve comigo até, por exemplo, até eles dizerem que eu que ficava. Eu fiquei e ela veio embora. À hora da visita, nunca me abandonou. Ela andava sempre de roda de mim.

**Ela meteu férias?**

Meteu...e me[s]mo quando ele nasceu e eu vim para casa ela meteu duas semaninhas ou o que é que foi. Foi mais, para prontos, para eu me começar a habituar...não que eu já não soubesse, porque eu já sabia do meu irmão. Foi mais só p'ra, prontos. E mesmo à noite e tudo e a dormir em casa aqui, porque ele era pequenino. Agora durmo em casa da minha avó, enquanto ele mamava peito e em que ele chorava muito, quando era bebé, de noite, com as cólicas e quê, eu fiquei aqui, com a minha mãe. Depois, desde que ele deixou de mamar peito, eu fui para a minha avó – eu fui sempre criada com ela, tanto com uma como com outra.

**Quando te viste grávida, o que é que pensaste? Agora vou para a escola e como é que é?**

Isso é que foi a maior vergonha, não é que fosse vergonha, né?! Mas pronto...

**Como é que foi andar na escola de barriga grande? Achavas que toda a gente olhava para ti? Achavas que falavam de ti?**

Pois, era bocas atrás de bocas!

**Durante muito tempo?**

Não foi assim muito...depois de deixar de ser novidade...

**Tiveste de mudar muito os teus hábitos e as tuas rotinas quando estiveste grávida e desde que nasceu o teu filho?**

Mais ou menos, assim-assim.

**O que é que tu fazias, que deixaste de fazer?**

Passear, já se sabe que não tenho aquela liberdade que tinha, não é? Agora, a bem dizer, estou presa. E se quero ir a algum lado tenho de levar o meu filho que eu já sei que a minha mãe não fica com ele, porque não fica. Já se sabe que quando uma mãe engravida cedo já se sabe que muda tudo. É totalmente diferente. A minha mãe diz que não me vai proibir de namorar, mas

também tem de ser com um rapazinho em condições. Eu o pai do meu, também não o quero. Uma vez ele chegou a dizer que se me ajuntasse com ele, eu é que tinha de trabalhar para o manter.

**As tuas amigas mais próximas, quando tu lhes disseste que estavas grávida, o que é que elas te disseram?**

Ah, foi a alegria delas. Elas andavam sempre na escola, com a mão na minha barriga. É que ele era muito mexido...eu não sabia como é que havia de estar sentada. Eu punha-me assim para trás (exemplificando), já começa ele timba, timba, timba...parecia que andava às lutas lá dentro. Depois, mais para o final, já não tinha mais por onde mexer...lá dentro.

**Sentes alguma dificuldade no papel de mãe?**

Não.

**Já tinhas sido tu a tomar conta do teu irmão?**

Desde bebé – eu dava-lhe banho, eu vestia-o, tomava conta dele, mudava-o...

**Na imposição de regras ao teu filho, a tua mãe interfere?**

Sou eu, ela ajuda-me, mas a responsabilidade é minha...

**Quando engravidaste, e mesmo depois do teu filho nascer, sempre que procuraste algum recurso na comunidade, achas que a comunidade te ofereceu os recursos que precisavas?**

Sim, sempre que precisei de alguma coisa tive resposta.

**Então se sempre tiveste resposta, para aquilo que procuraste, quais são os sítios que podes indicar como te tendo atendido bem e como tendo dado resposta aquilo que eram as tuas preocupações?**

O infantário – nunca tive razão de queixa e eles aceitaram muito bem o (...), do centro de saúde também não tenho razão de queixa.

**Não sentiste falta de nada em especial?**

Não.

**Quando soubeste que estavas grávida, tentaste procurar informação em algum lado? Tentaste dirigir-te a algum lado?**

Ao centro de saúde, depois de falar com a minha mãe.

**Antes procuraste falar com alguém?**

Na escola, falei com a minha directora de turma. Falei com o Prof. Paulo Vidal e ele falou comigo e ele também viu que eu estava assim um bocadinho em baixo por a situação, mas depois acolheram-me sempre, deram-me sempre forças e apoio.

**E como te vês enquanto mãe e mulher?**

Feliz.

**A tua vida neste momento, é aquilo que tu pensavas que ela ia ser? Achas que a tua vida é muito diferente da da tua mãe? Achas que a dela foi mais difícil ou mais fácil?**

Eu quando era pequena queria tomar conta de crianças, agora vou trabalhar numa fábrica de conservas de peixe...A minha mãe também passou os seus momentos com o meu pai, mas a minha é mais difícil porque não tenho o pai do meu filho ao meu lado, e o meu pai, apesar de que antes ele não era assim tão sossegado, ficou sempre ao lado da minha mãe.

**Face a tudo o que aconteceu, mudavas alguma coisa? Deixavas-te engravidar outra vez pela mesma pessoa?**

Não.

**Mudavas alguma coisa?**

Não me deixava envolver, mas apesar de tudo estou feliz por ter o meu filho.

**Para o teu futuro, que desejas?**

Agora é trabalhar, que é o que eu quero, e ter as minhas coisinhas e vê-lo crescer.

**E para o teu filho, o que desejas?**

Que seja feliz, que goste da mãe e dos avós.



## **Transcrição da entrevista da Mafalda, realizada a 21/08/2014**

**Como te chamas?**

Mafalda.

**Que idade tens?**

Dezasseis.

**És solteira, não és?**

Sim.

**Vives com os teus pais e com os teus irmãos?**

Sim.

**Que escolaridade tens?**

Estou no nono ano, reprovei e estou no nono.

**Portanto, és estudante?**

Sim.

**Os teus pais são casados?**

Sim.

**A tua mãe andou na escola até que classe?**

Sexto [ano].

**E o teu pai?**

Acho que foi até ao segundo.

**A tua irmã fez o nono ano já?**

Não, está no sétimo.

**E o teu irmão?**

Vai para o primeiro ano.

**E a menina [filha da Mafalda] vai para o infantário?**

Pois...

**Ora bem, isto são os dados de identificação. Agora vamos passar a falar daquilo que tem sido a tua vida, desde que nasceste até agora.**

**Nasceste aqui na Torreira, não foi?**

Em Ovar.

**Mas vivias na Torreira?**

Não...

**Os teus pais estavam a viver em Ovar na altura em que nasceste?**

Sim.

**E viveste em Ovar até que idade?**

Acho que foi até uns meses de idade...dez meses...

**Não chegaste a fazer lá um ano?**

Não.

**Que idade tinha a tua mãe quando tu nasceste?**

A minha mãe tinha dezanove para vinte.

**E o teu pai?**

Também.

**Tu és a mais velha dos teus irmãos?**

Sim.

**Antes de entrares na escola, andavas no infantário? Andaste na pré?**

Na pré.

**Entraste na pré com três?**

Com três anos.

**E até lá, quem tomava conta de ti?**

Era a minha mãe e o meu pai.

**A tua mãe foi sempre doméstica, então?**

Foi...não...ela ainda trabalhou na Yasaki...

**E quem ficava contigo nessa altura?**

Era a minha avó [materna].

**Se entraste com três anos para a pré, fizeste três anos de pré?**

Foi.

**Aqui na escola da Torreira?**

Sim.

**Como é que foi ires para a escola? Gostaste de ir para a escola? Gostaste de andar na pré? Gostaste quando passaste para a 1.ª classe? Tiveste algum problema?**

Gostei de andar, só que depois houve uma altura da minha parte da infância que tive colegas a humilhar-me por eu ser forte, por eu ser, assim...de família pobre.

**Em que ano andavas?**

Quarto.

**E isso prejudicou o teu rendimento escolar?**

Sim, reprovei.

**No ano a seguir os teus colegas de turma já foram diferentes?**

Foram diferentes, até fui a melhor aluna do quinto para o sexto.

**Só reprovaste esse ano, na quarta classe?**

Foi...e agora no nono ano.

**Gostas de andar na escola?**

Gosto.

**Queres fazer só o nono ano ou gostavas de continuar?**

Agora só quero fazer o nono ano.

**Porquê?**

Porque eu se conseguir fazer o nono ano, eu vou trabalhar para uma fábrica, que eu já tenho emprego...

**Onde?**

Em Santa Maria da Feira, numa fábrica de calçado.

**E como é que vais para lá?**

Com o meu namorado, ele é de lá.

**Há quanto tempo namoras?**

Há cinco meses.

**Onde é que o conheceste?**

Foi aqui, num bar do Furadouro.

**Costumas frequentar o Furadouro?**

Não, agora não...desde que acabei com o pai da minha filha, não!

**Então conheceste-o lá, na altura em que ainda estavas com o pai da tua filha?**

Foi, éramos amigos.

**E voltaram a encontrarem-se agora?**

Foi...aqui na Torreira.

**Está tudo a correr bem? Ele sabe que tens uma filha?**

Sabe, ele sabe tudo...então ele tem vindo cá. Ele teve duas semanas de férias e foi para a terra da irmã passar férias esta semana..

**Ele tem noção que tens de acabar o 9.º ano?**

Sim, tem.

**Ele sabe que, pelo menos no próximo ano, vocês não se vão juntar?**

Sabe.

**Os teus tempos livres...quando eras pequena, como é que os ocupavas?**

Brincando com os meus primos.

**Nunca estiveste em ATL?**

Não.

**Tiveste namoros de escola?**

Tive.

**Muitos ou poucos?**

Poucos...

**O pai da tua filha não era da tua escola?**

Não.

**Pertencia ao teu grupo de amigos?**

Não, conhecemo-nos por acaso...

**Quanto tempo é que vocês namoraram antes de ter a primeira relação?**

Antes de ter [a primeira relação], foi uma semana.

**E decidiste ter a primeira relação como, se não o conhecias bem? Foi ele que te pressionou?**

Foi uma amiga dele e um amigo...eles incentivaram me para fazer com ele, porque ele era o rapaz certo...

**Mas foi por pressão, não foi por decisão tua?**

Não [foi por decisão minha]...

**Ao menos, correu bem?**

Correu.

**Ficaste logo grávida dessa primeira relação ou voltaste a ter relações com ele?**

Fiquei logo grávida, foi essa única vez...

**Quanto tempo mantiveram o namoro, depois da primeira relação?**

Nós, depois da relação, mantivemos [o namoro] três semanas e depois terminamos...e depois descobri que estava grávida...e aos cinco meses de gravidez foi quando ele começou comigo outra vez...Porque eu falava com ele e dizia que estava com dúvidas que estava grávida porque a menstruação não vinha...que estava com dúvidas que devia estar grávida, e ele dizia que só quando tivesse a certeza [que estava grávida] é que voltava para mim...

**E quando tiveste a certeza, foste viver com ele?**

Não, eu liguei-lhe, e ele vinha e ia...depois passado um mês é que ele vinha cá um fim-de-semana e eu ia lá outro fim-de-semana...era assim.

**Quando é que viste que ele não era o homem certo para ti?**

Foi aos sete meses de gravidez...ele começou a desprezar-me...só que os meus pais tentavam m'abrir os olhos e eu nunca abria...os meus pais falavam comigo mas eu não estava a ver isso...depois, um dia antes de ir para o hospital é que ele me mostrou essas atitudes...

**Alguma vez te passou pela cabeça terminares a gravidez?**

Não passou, porque eu sou contra o aborto e contra a adopção.

**A partir do momento em que soubeste que estavas grávida decidiste logo que querias ter o teu bebé?**

Sim.

**Os teus pais como é que reagiram?**

Reagiram mal...tiveram uma semana...assim...tristes e desanimados, mas depois nós fomos falando com a família e a família e os meus pais começaram a apoiar-me. Depois os meus amigos da escola, os professores...

**E tu? O que sentiste quando tiveste a certeza que estavas grávida?**

Senti-me triste porque sabia que tinha amigos que iam discriminar-me por ser mãe jovem, mas depois não...não foi isso que estava a pensar!

**Não tiveste medo da responsabilidade que era ser mãe?**

Não, porque quando o meu irmão era pequenino eu já tomava conta dele...só 'tava com receio era do parto...

**E então, como correu?**

Correu bem.

**Fizeste epidural?**

Fiz, mas senti tudo, porque bebi água...mas correu bem.

**O que sentiste quando a tua filha nasceu?**

Senti uma alegria enorme!

**Que mudanças é que isso implicou na tua vida?**

Em relação, assim a jovens...eles por vezes não gostam de estar com raparigas que tenham sido mães porque podem levar a isso também...

**Sentiste alguma dificuldade em ser mãe?**

Não.

**Achas que sempre que tentaste, na comunidade (centro de saúde, segurança social), foste sempre tendo as respostas que precisavas ou ficaste alguma vez com a sensação de que não tinham dado resposta ao teu problema?**

Não, tive sempre resposta para tudo.

**Como é que te vês neste momento, enquanto mãe e enquanto mulher também?**

Vejo-me uma mãe feliz, tenho uma filha que dá uma alegria à casa e estou feliz por tudo...

**Achas que a tua vida é em alguma coisa diferente daquele que a tua mãe teve?**

É, acho que é pior um bocadinho porque a minha mãe pôde gozar e eu engravidei logo e já não tive aquelas coisas como os jovens...de liberdade...

**Quando eras criança, como é que achavas que ia ser a tua vida? Que é que achavas que ias ser?**

Eu 'tava a estudar para ser actriz ou pintora de quadros...

**E achas que vais ter de desistir disso?**

Agora não...o meu pensamento já é outro...fui mãe, agora penso em trabalhar, em ter as minhas coisas, em ter o meu trabalho, em organizar a minha vida com a minha e poder dar-lhe tudo o que eu posso...

**Face a tudo o que passaste, mudavas alguma coisa?**

Mudava, pensava duas vezes antes de ter feito e não me deixava ir pelos amigos dele...

**E o que é que queres para o teu futuro?**

Quero trabalhar, ter as coisas agora como estão, ter só esta filha que eu tenho, pensar duas vezes antes de cometer erros e organizar a vida.

**Que conselhos gostarias de ter tido antes de engravidar?**

Gostaria de saber realmente quem era a pessoa que ele era...

**E que conselhos darias a uma pessoa que, de repente, se visse na mesma situação que tu?**

Dizia para não fazer isso porque hoje em dia as coisas não estão fáceis, ainda por cima, com a idade de ser jovem...não é muito fácil ser mãe jovem porque implica os estudos, implica uma mudança de vida, assim...diferente.

## **Transcrição da entrevista da Palmira, realizada a 23/08/2014**

**Como te chamas?**

Palmira.

**Que idade tens?**

Vinte e cinco.

**És casada?**

Sou.

**E vives com o pai das tuas filhas e teu marido, não é?**

Sim.

**Neste momento, quando acabares o curso ficas com o ...?**

Nono ano.

**Ao andar na escola, andaste até que ano?**

Só fiz o quinto ano.

**Neste momento, estás desempregada, não é?**

Sim.

**As tuas meninas estão na escola. E o teu marido andou na escola até...?**

Ao quarto [ano].

**E fez o quarto ano?**

Fez... tem a quarta classe, não sabe ler nem escrever, só assinar o nome.

**O teu marido também está desempregado?**

Não, está a trabalhar.

**Na empresa de inserção?**

Sim.

**Ele tem contrato até quando?**

Ele tem contrato de dois anos. Vai fazer um ano para o ano que vem....

**Ele foi trabalhar hoje?**

Não, anda aí na lenha...

**Fazendo um bocadinho aquilo que foi a tua história, gostava que me disseses onde é que nasceste.**

Em Pardilhó.

**Viveste sempre em Pardilhó?**

Prá até aos doze...doze a fazer treze [anos].

**Depois foste viver para onde?**

Com o meu marido...

**Que idade tinham os teus pais, quando nasceste?**

A minha mãe tinha vinte e o meu pai tinha dezanove.

**És a filha mais velha deles?**

Sim.

**Quantos irmãos tens?**

Tenho três.

**Todos mais novos?**

Sim, todos mais novos.

**Portanto, aos trezes anos vieste viver aqui para as Quintas?**

Para Estarreja.

**Para uma casa de renda?**

A minha sogra estava junta com um senhor e nos fomos para uma casa à parte, pegada à dele...

**Entraste para o primeiro ano com seis anos como toda a gente?**

Sim.

**Até lá estiveste em infantário? Estiveste em casa? Quem tomava conta de ti?**

‘Tive no infantário de Pardilhó.

**Logo desde bebé?**

Acho que sim, não me lembro...

**Não sabes quantos anos é que estiveste no infantário? Nunca perguntaste à tua mãe?**

Não, não perguntei...

**Portanto, estiveste no infantário e depois de lá foste para a escola?**

Sim.

**Quando não estavas no infantário, portanto ao fim de semana e nas férias, quem é que tomava conta de ti?**

A minha avó...

**A tua avó paterna?**

Sim.

**E os teus pais trabalhavam?**

Sim, trabalhava o meu pai e a minha mãe...

**Quando entraste para a escola...Gostaste da escola? A integração correu bem? Não tiveste problemas? Não gostaste da escola? Como é que foi?**

Eu não gostava muito da escola e também tinha problemas...

**Quais foram os problemas?**

Olha...batia nas empregadas....



**Logo aos seis anos?**

Aos seis anos não...nem me lembro aos seis anos o que é que eu fazia...

**Passaste sempre, ou reprovaste na primária?**

Eu acho que reprovei no quarto ano.

**Só no quarto?**

Só no quarto ano, de resto passei sempre...

**Fizeste o quinto ano? Chegaste a reprovar alguma vez no quinto ano?**

Não, eu passei para o sexto e saí mas fiquei na me[s]ma com o quinto ano.

**Ainda chegaste a andar no sexto ano?**

Andei, mas depois saí.

**Saíste do sexto porquê? Já estavas grávida ou foi por opção?**

Não, eu saí porque...ainda não estava grávida...eu fui ao júiz dos menores...

**Tinhas processo de promoção e protecção?**

Sim...e disse que não queria ir para a escola e eles optaram então por eu não ir e ficou o meu marido por responsável, a tomar conta de mim...

**Ele já era maior?**

Já, já tinha mais de dezoito anos.

**E tu tinhas...**

Treze, na altura...

**Entretanto, que idade tinhas quando engravidaste?**

Catorze.

**E a tua filha nasceu ainda com catorze ou já tinhas os quinze feitos?**

Não, já tinha os quinze feitos.

**Como é que foi a recção dos teus pais quando decidiste ir viver com o teu namorado?**

É assim...o meu pai não teve reacção nenhuma porque ele estava preso e a minha mãe tinha nos abandonado e eu fiquei com a minha avó...

**E a tua avó como é que reagiu?**

Não reagiu bem...

**Ficou zangada contigo? Deixou de te falar?**

Não, ela sempre falou para mim, mas já não era aquela coisa de...como era antigamente de falar para mim...eu ia raramente lá a casa...

**Quando a tua mãe saiu de casa, nunca mais tiveste contacto com ela?**

Tenho, tenho...tive contacto com ela...

**E nessa altura não tiveste?**

Não...

**E o teu pai, quando saiu [da prisão], o que é que ele te disse?**

O meu pai quando saiu a minha filha já era nascida...

**Costumavas ir visitar o teu pai?**

Fui visitá-lo uma vez mas foi a Aveiro. Depois ele passou para a Covilhã e já nunca mais fui...

**Portanto, a saída da escola foi por opção?**

Foi, eu não gostava e não fui...

**E ninguém te obrigou?**

Pois...

**Ainda antes de te juntares com o pai das meninas, como é que ocupavas os tempos livres?  
Quando eram as férias da escola, estavas no ATL? Ficavas com a avó?**

Ficava com a minha avó.

**Portanto, o pai das tuas filhas não estava contigo na escola?**

Não.

**Conheceste-o fora da escola?**

Sim.

**Enquanto estavas na escola, esse ano e meio já no ciclo, tiveste algum namoro de escola? Ele foi o primeiro namorado?**

Que eu me lembre, não tive namoro nenhum na escola.

**Ele foi o primeiro?**

Ele foi o primeiro e fiquei ali...

**Como é que se conheceram?**

Conheci-o num café, que é o S. Simão no Bunheiro. Eu conheci-o lá e depois nunca mais o vi. Uma vez fui a Estarreja e encontramo-nos...encontramo-nos e começamos a namorar desde aí...

**Tinham algum amigo em comum? Quem é que foi que vos apresentou?**

Havia um colega meu, que era do reino de deus, que se chamava Paulo, que nos apresentou.

**Como é que consideras que foi a tua vida, a tua infância no fundo, até te juntares ao pai das tuas filhas?**

Não foi muito agradável, né?! O meu pai preso, a minha mãe abandonou-nos...

**O teu pai foi preso porquê?**

Foi por roubar...

**E a tua mãe saiu de casa porquê?**

Por causa de outro...

**Ela saiu de casa antes ou depois de ele ser preso?**

Ele foi preso, depois ela saiu...ainda teve dois anos connosco e depois saiu...ela abandonou-nos o meu irmão mais novo tinha dois anos...

**Ela explicou-vos porque é que ia sair de casa?**

Não, ela desapareceu...um dia pegou nas coisas dela e desapareceu e deixou-nos com a minha avó...

**Como é que se aperceberam que ela não ia voltar?**

Quando nós fomos a casa e não tinha lá a roupa dela e vimos...

**Esses dois factos juntos foram a pior coisa que te aconteceu? Ou achas que ainda houve alguma coisa pior?**

Não, foi mais isso...Foi um choque, né?!

**Eras tu quem tomava conta dos teus irmãos?**

Era, a minha mãe trabalhava no Bico da Murtosa e eu ficava com todos à noite...ela andou à noite a tirar um curso à beira dos Bombeiros Velhos, em Estarreja, e eu ficava com eles...e um dia vai e ela deixou-nos...

**Para ficar a tomar conta deles, alguma vez tiveste de faltar à escola?**

Não, eu tomava mais conta deles era à noite, quando ela ia trabalhar para o Bico, mai[s] nada...

**Portanto, já namoravas com o pai das tuas filhas quando engravidaste?**

Sim.

**E a gravidez foi desejada? Vocês planearam a gravidez?**

Não, aconteceu...

**Mas já viviam juntos há quanto tempo?**

Tinha prái...eu juntei-me com ele com treze a fazer os catorze, tinha prái um ano que estávamos juntos quando eu engravidei.

**Não foi nada que não pudesse acontecer? Portanto, vocês não tomaram precauções para que não acontecesse?**

Não.

**A gravidez foi acompanhada?**

Foi.

**E reagiste bem? Ficaste feliz por estar grávida?**

Sim...com é que eu hei-de explicar...eu não tive a minha mãe para me explicar como é que se tratava das crianças, mas eu arranjei sempre maneira de tratar dela, pouco ou muito, eu fazia aquilo que sabia, e muitas vezes perguntava à minha avó como é que se fazia...

**A gravidez foi sempre acompanhada pelo médico?**

Foi.

**Logo que soubeste que estavas grávida começaste logo a ir ao médico?**

Sim, fui para Pardilhó, para a Dr.<sup>a</sup> Margarida e depois ela reencaminhou-me, aos sete meses para Aveiro.

**Entretanto, quando disseste aos teus pais que estavas grávida, o teu pai ainda estava preso?**

Pois!

**Cruzaste-te, entretanto, com a tua mãe?**

Não, ela foi me visitar ao hospital quando eu tive a minha filha. E cheguei a ‘tar com ela já grávida, que eu ia a Espinho ter com ela...

**E ela que te dizia?**

Não dizia nada, só dizia para eu cuidar bem da minha filha...

**Não disse “és muito nova”?**

Ela dizia isso, mas então...aconteceu, não ia pôr abaixo...

**Nunca te passou pela cabeça?**

Não.

**Durante a gravidez, tiveste algum receio – de não ser capaz de ser boa mãe, de não ser capaz de tomar conta dela?**

Não.

**Foi uma gravidez feliz? Andaste sempre feliz?**

Andei.

**Nunca tiveste algum problema? Alguma vez tiveste vergonha de estar grávida, por teres a idade que tinhas?**

Não.

**Os teus amigos como é que reagiram?**

Metade deles deixaram de falar para mim...

**Porquê?**

Não sei...

**Ainda tinhas amigos da escola nessa altura?**

Tinha e deixaram todos de falar para mim.

**Ficaste triste com isso?**

Fiquei...

**Quando engravidaste, tiveste de mudar alguns dos teus hábitos? Tiveste de mudar alguma coisa na tua vida?**

Não.

**E depois delas nascerem, houve alguma coisa que mudou?**

Mudou...por exemplo, já não podia sair à noite...não mudou assim muita coisa, mas...não saía à noite e estava sempre em casa...tinha de acordar ao meio da noite, para lhe dar comer e para me habituar, ui...e de resto...foi andando.

**O que é que sentiste quando viste a tua filha pela primeira vez?**

Senti alegria por a ver e de pensar como consegui ter uma coisinha tão linda.

**Neste novo papel, que foi ser mãe tão nova e, ainda por cima, ser mãe sem ter a mãe ao lado, que dificuldades é que tiveste? Houve alguma coisa que te custasse mais a aprender? Recorreste muitas vezes à tua avó para pedir ajuda?**

Fui aprendendo sozinha e como tomava conta dos meus irmão já sabia mais ou menos como é que se fazia...

**Sempre que precisaste de alguma coisa da comunidade, em termos de saúde, em termos de Segurança Social, achaste que tiveste sempre a resposta que pretendias, ou alguma vez ficaste com a sensação de ter ido a um serviço e de não te terem resposta?**

Não, sempre resolvi os meus problemas.

**Foste tendo sempre resposta dos serviços?**

Sim.

**Como é que te vês, enquanto mãe e mulher?**

Eu acho que sou boa mãe.

**E enquanto mulher, sentes-te realizada ou há ainda alguma coisa que gostarias de fazer?**

Não, estou bem assim como estou.

**Achas que a tua vida é diferente da que a tua mãe teve, com a tua idade?**

É diferente pois, é melhor que a da minha mãe.

**Quando eras criança, como é que achavas que ia ser a tua vida?**

Achava que ia ser professora, pois eu queria ser professora...

**As coisas são, então, um bocadinho diferentes daquilo que querias para ti?**

Sim.

**Face ao teu percurso de vida, se pudesses, mudavas alguma coisa?**

Não.

**Apesar de tudo?**

Fazia as coisas como fiz...

**las viver tão cedo com o pai das tuas filhas?**

Isso aí, se calhar não...

**Tens noção de que perdeste uma parte da tua juventude, é isso?**

É isso...eu às vezes penso podia estar solteira ainda, poderia viver a minha vida e assim, olha...eu não 'tou arrependida, né, mas...

**Pensas “onde é que eu estaria se não fosse isto”?**

Pois...

**(Filha mais velha intervém “Mãe, mas estás bem com o pai?”, ao que a mãe respondeu “Tou!” e a filha retrucou “Ah, estava a ver...”)**

**O que é que desejas para o teu futuro?**

O que eu desejo...muita saúde...e dinheiro...e que dure muito para criar as minhas filhas e p'ra mais coisas...

**E em termos de trabalho?**

E tam[b]ém quero arranjar trabalho...

**E para o futuro das tuas filhas?**

Olha, quero que elas estudem.

**Que conselhos gostarias de ter tido antes de engravidar?**

Precaução...

**Não conhecias quais as precauções que podias tomar?**

Não, na altura não.

**E o que gostaria de dizer a uma adolescente que tivesse mais ou menos o mesmo percurso, mas que ainda não estivesse grávida?**

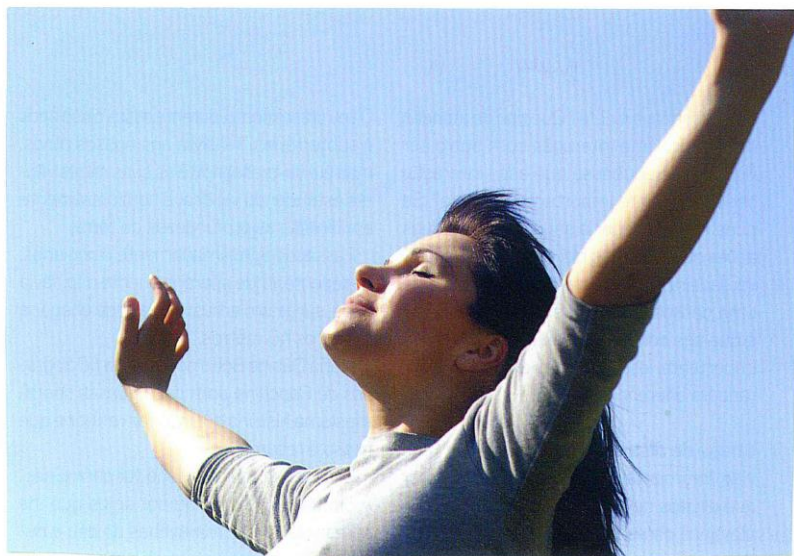
Para ter cuidado, né?!...para viver a vida dela e que tem muito tempo para engravidar e ser mãe, né?! Vai engravidar, por exemplo, vai perder a vida dela toda...e eu tive a sorte de ter o meu marido à minha beira e ficar comigo, mas há muitas que engravidam e que estão sozinhas...

## **Anexo 5 – Conjunto de imagens utilizadas na 1.<sup>a</sup> sessão de grupo**





Imagens escolhidas pela investigadora



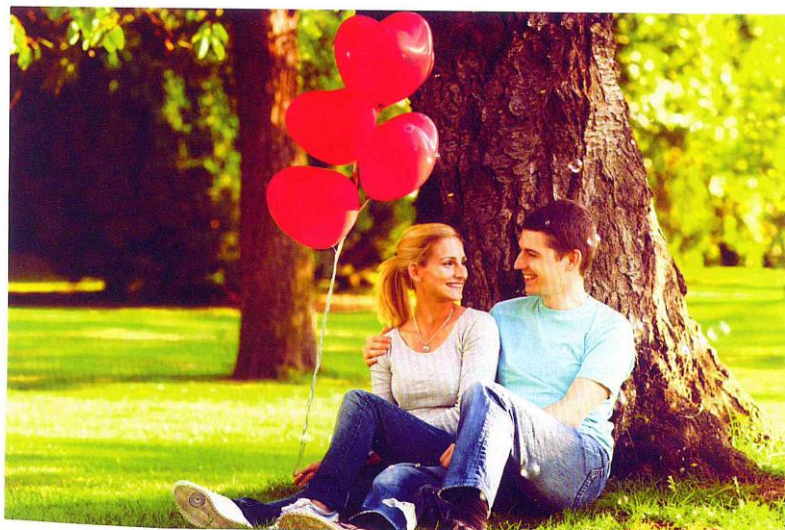
Imagens escolhidas pela Palmira



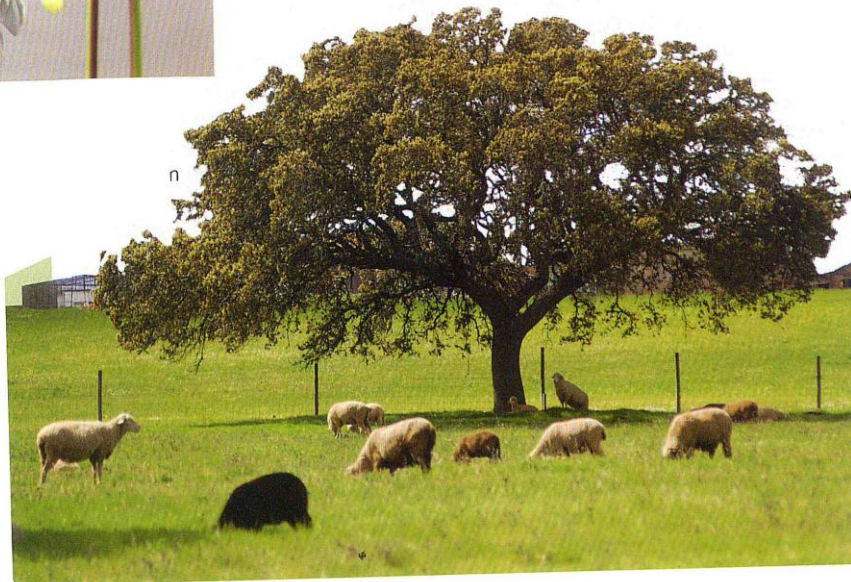
Imagens escolhidas pela Mafalda



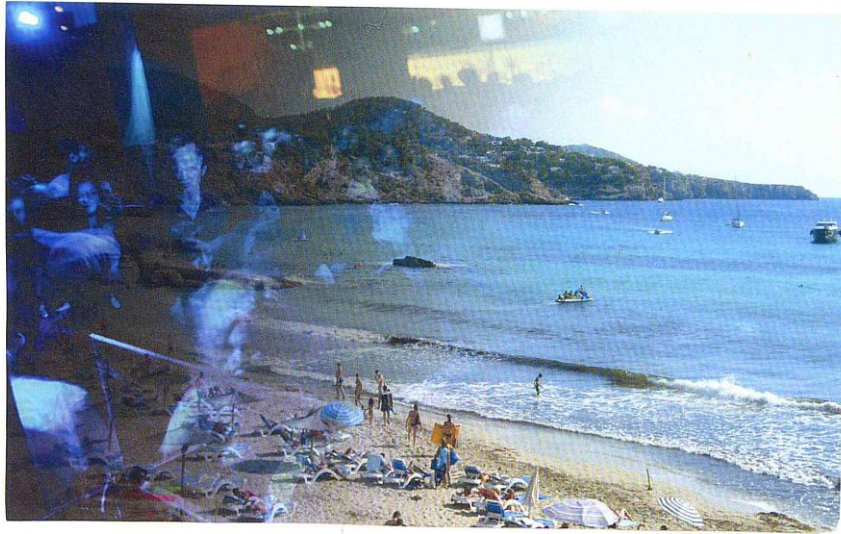
Imagens escolhidas pela Diana



Restantes imagens disponíveis















## **Anexo 6 – Testemunho (DVD)**



